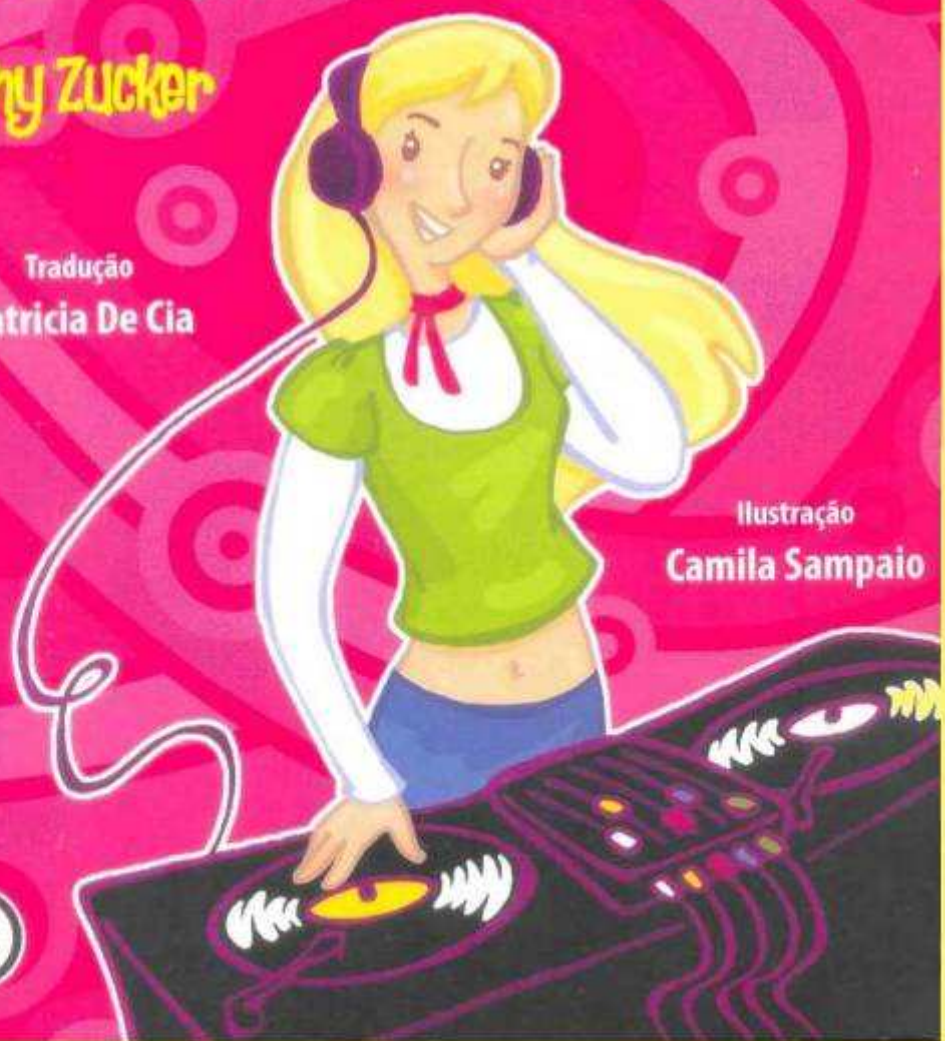
Uma garota, duas pick-ups e três graus de amor
Biblioteca SMACK!
Johny Zucker
Tradução
Patricia De Cia
Ilustração
Camila Sampaio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zucker, Jonny
Uma garota, duas pick-ups e três graus de amor / Jonny Zucker ; tradução Patricia Decia ; projeto gráfico Camila Sampaio. — 1. ed. — São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2005.

Titulo original: One girl, two decks, three degrees of love
ISBN 85-7616-105-2

1. Literatura infanto-juvenil I. Sampaio, Camila. II. Título.
05-4704 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Conrad Livros

Rua Simão Dias da Fonseca, 93, Aclimação

São Paulo — SP — 01539-020

Tel.: (011) 3346-6088

Fax:(011)3346-6078

www.revistasmack.com.br

www.conradeditora.com.br

# CONTRA CAPA

Zoe é uma garota que normal, que estuda, tem amigas, um paquera e um projeto para o futuro: quer se tornar DJ.

A mãe duvida que essa história dará certo.

As amigas acham que dá muito trabalho conhecer os artistas, e ficar informada sobre todas as novidades. Além de custar bem caro manter a aparelhagem completa: pick-ups, discos de vinil, mixers... Como se não bastasse, Zoe ainda tem de enfrentar o preconceito da galera que acha que ser DJ e coisa para garoto. Claro que não é! E Zoe vai provar!

# Uma garota,
# duas pick-ups e
# três graus de
# amor

# Uma Garota, duas Pick-Ups e Três Graus de Amor

## Jonny Zucker

Tradução:
Patrícia De Cia

Projeto Gráfico:
Camila Sampaio

Primeira edição — 2005

# Capítulo 1
## Mixando

*"Quantas vezes eu tenho que falar, Zoe? Desliga isso!"*

Ergui os olhos do par de pick-ups e vi minha mãe, parada na porta do quarto, me fuzilando com o olhar. No fone da orelha esquerda, eu ouvia a próxima música. Com o outro fone, na orelha direita, escutava a faixa que estava terminando.

"Você tem quatorze anos, Zoe, sabe como funciona", ameaçou. "Alguns de nós tentam ganhar dinheiro para que pessoas como você possam comer e se vestir."

Lá vamos nós de novo — o velho sermão da culpa. É um dos favoritos dela. Eu acho que ela gasta horas na frente do espelho do banheiro treinado para conseguir o máximo impacto.

Era terça-feira — um daqueles lindos fins de tarde de setembro. Eu tinha voltado às aulas havia poucas semanas e os professores ainda não estavam pegando no pé dos alunos. Esperava terminar uma longa sessão de mixagem antes do jantar. Minha mãe claramente não ficou tão entusiasmada com a idéia.

Alcancei o fader e calei os alto-falantes. Esse ato generoso satisfaria a maioria das pessoas do planeta, menos mamãe. Ela não mostrou o menor sinal de alteração. A música continuava a vazar dos fones de ouvido, que agora estavam no meu pescoço.

"Ainda estou ouvido", ela disse.

Suspirei o mais alto que pude, tirei os fones do pescoço e coloquei em cima do mixer. Cuidadosamente, levantei os braços das

duas pick-ups e o quarto de repente ficou silencioso.

“Feliz agora?”, perguntei, blasé.

“Eu tenho que entregar um trabalho importantíssimo amanhã”, ela me informou. “E, é claro, está complicado me concentrar. É um pouco difícil trabalhar com esse batida ecoando no assoalho. Estou gritando para você há séculos.”

O que acontece com os pais? Eles pedem a você que siga uma instrução e quando você faz o que eles querem, em vez de cantar um hino de agradecimento ou organizar uma festa na rua para comemorar, gastam a próxima meia hora falando sobre porque você demorou tanto.

Mamãe trabalha num grande escritório de arquitetura. Para ela não há diferença entre casa e trabalho, ao contrário do que acontece com a maioria dos pais dos meus amigos. Quando ela está sob qualquer tipo de pressão (o que acontece a maior parte do tempo), traz uma pilha de problemas arquitetônicos para nossa casa. Ela também odeia andar no metrô de Londres e está sempre reclamando disso.

Não me entenda mal, ela pode ser uma supermãe quando quer, e às vezes me dá geniais apoio/idéias/dinheiro. E quando não está muito atolada, eu realmente consigo falar com ela sobre coisas importantes. Mas o emprego dela me deixa louca. E, como se fosse para compensar meu comportamento, ela tem um bode de tamanho do mundo da minha paixão por música.

Ela ainda não tinha terminado o discurso na porta do quarto.

“Se você dedicasse à escola o tempo que passa com seus discos, você seria um gênio”, reclamou.

“DJ não é profissão, Zoe.”

A segunda frase revelou uma falta de conhecimento do mundo da música que eu fiquei feliz em corrigir.

“DJ é profissão para algumas pessoas”, expliquei calmamente. “E, se você ainda não notou, DJs são muitas vezes extremamente

ricos e famosos. Então, se tem gente que vira DJ, eu também posso virar."

DJ Zed. Essa sou eu.

Claro, não é meu nome de verdade. Para todo o resto eu sou Zoe Wynch, mas, se você quer virar um DJ de primeira, tem de ter um ótimo nome artístico. Até agora eu toquei só uma vez. E foi no aniversário da irmã menor da minha amiga Becky. Todo mundo que foi à festa disse que foi o máximo. Mas dá para levar a sério um monte de crianças de nove anos?

Mesmo que às vezes eu questione seriamente minhas habilidades e não veja perspectivas para meu primeiro show "de verdade", estou determinada a conseguir. Se "teimosia" fosse nome do meio, eu me chamaria assim. Quando decido uma coisa, vou atrás. Às vezes dá certo, às vezes não. Quando era pequena, esse traço da minha personalidade deixava papai e mamãe completamente loucos. Sempre que eu passava do limite da teimosia, eles me chamavam de "Pequena Determinada".

Lembro de umas férias, eu tinha uns cinco anos, e a gente estava indo para a França. Estávamos a meio caminho da costa quando percebi que tinha deixado meu ursinho Frank em casa. Eu insisti escandalosamente que só iria cruzar o Canal[1] junto com Frank. Durante esse ataque de arrancar os cabelos, meus pais perceberam que, se não voltassem para casa e pegassem o maldito ursinho, as duas semanas seguintes seriam insuportáveis. "Pequena Determinada" ganhou aquela batalha.

[1] *Canal da Mancha, que separa Inglaterra e Franca (N.T.)*

Segundo papai, minha teimosia foi herdada diretamente de mamãe. Ele diz que somos mais parecidas do que queremos acreditar e podemos aceitar. E aí as discussões entre mim e ela são dificílimas de resolver. Nenhuma das duas quer ser a primeira a

ceder.

Foi papai que me fez gostar de música. Desde que me entendo por gente ele me incentiva a explorar sua gigantesca coleção de discos e a ouvir os mais diferentes tipos de música. Quando era pequena, adorava cobrir o chão do meu quarto com os discos dele e ficava maravilhada com as cores e os desenhos incríveis nas capas dos álbuns. Ele é baixista profissional. E, antes que alguém fique entusiasmado, ele não é multimilionário nem uma celebridade glamourosa com dez mansões ao redor do mundo. Ele foi quase-famoso porque tocava numa banda de relativo sucesso nos anos 80 chamada The Spike Path. Apareceu na TV algumas vezes e em fotos pequenas nos jornais. Mas isso foi há muito tempo, quando ele e mamãe ficaram juntos pela primeira vez.

Quando eles se conheceram, ele era um jovem músico com cara de bebê, impressionável, e ela estava terminando a faculdade de arquitetura. Eles se trombaram num show que ele fez no centro acadêmico da faculdade dela. Ela ficou entusiasmada de conhecer um cara criativo e alternativo. Ele ficou encantando de ter feito sucesso com alguém que tinha a perspectiva de arrumar um trabalho "de verdade" algum dia. Eles se juntaram, compraram um apartamento em Archway, tiveram filhos e então se mudaram para uma casa em Camden — nossa presente morada.

Quando The Spiked Path se tornou uma banda razoavelmente fracassada, papai começou a trabalhar como músico de estúdio — tocando baixo para um monte de bandas e cantores diferentes. Ele ainda faz isso — fica por aí nos estúdios e toca um show ou outro. Às vezes reclama que está velho para isso, mas eu sei que ele ainda ama toda essa cena.

Por outro lado, mamãe é totalmente hostil à idéia de eu ser DJ. Ela conheceu os altos e baixos da indústria musical através do carreira de papai. Ele pode ganhar um cheque bem gordo e depois ficar sem receber nada por alguns meses. Foi sempre ela quem teve

um salário regular. E esse jeito parece funcionar bem para eles. No entanto, quando o assunto é o futuro da filha, emerge esse terror de que eu venha a acabar sem um tostão, vivendo de migalhas de pão velho. Às vezes papai entra na história e diz para ela relaxar sobre eu ser DJ, mas ela não gosta dessas intervenções, então ele as reserva para ocasiões especiais. Como quando ela perde totalmente o controle.

Papai gosta de todo tipo de música, mas sua banda favorita de todos os tempos é The Three Degrees[2] — um trio de chanteuses sexies dos anos 70.

[2] *Os Três Graus (N.T.)*

"Grandes linhas de baixo", ele diz, quando está ouvindo qualquer um dos discos da banda. "E mulheres lindas também."

"O que a beleza delas tem a ver com a música?", perguntei certa vez.

"Absolutamente nada", ele respondeu, com um sorriso amarelo. "Só faz com seja interessante vê-las na TV"

Sempre que está um pouco deprê, ele pega um disco do Three Degrees e diz se sentir imediatamente muito melhor. Às vezes ouço junto com ele. Foi o som delas que me inspirou a começar a fuçar nos discos de "soul" e "discoteca" da coleção do meu pai, quando eu tinha dez anos.

Até que um dia ouvi alguém na escola comentando sobre uma rádio chamada CHILL FM, que eu comecei a escutar. A CHILL nasceu como uma rádio ilegal, pirata, no norte de Londres, transmitindo de um minúsculo apartamento num prédio gigantesco para umas poucas centenas de pessoas. Quando eu conheci a rádio, eles já tinham conseguido a licença para funcionar e estavam sediados num prédio da rua Oxford[3]. A CHILL manteve a maioria dos DJs do período inicial e logo se tornou a mais inovadora estação de

dance music de Londres. Um DJ era particularmente excelente — DJ Reel Love[4]. Ele fazia (e ainda faz) um programa brilhante nas noites de sexta-feira, com uma seleção sensacional de músicas conhecidas e faixas raras. Assim que eu comecei a ouvir esse programa, tive certeza de que ele era o maior. Eu queria ser ele, ou pelo menos uma versão feminina dele.

[3] *Uma das principais e mais movimentadas ruas do centro de Londres.* (N.T.)
[4] *Um trocadilho com Amor Verdadeiro, Real Love* (N.T.)

Logo eu estava gastando todo o meu dinheiro extra comprando discos de doze polegadas para ouvir no velho toca-discos de papai. Os garotos que vinham até nossa casa olhavam para o aparelho como se fosse uma espécie de relíquia da antigüidade que eu havia desenterrado em uma escavação arqueológica. Eu tenho que confessar que de fato era esquisito — um toca-discos marrom batido com uma tampa de acrílico transparente trincado — mas eu não me importava. Estava ouvindo o melhor som e sonhando com o dia em que eu poderia comprar meu próprio equipamento e tocar para multidões de fãs em adoração.

Em minha busca para me aproximar de Reel Love (e com a ajuda da minha professora de inglês, a srta. Devlin, cujo irmão conhecia alguém que conhecia alguém), eu fiz um estágio de duas semanas na CHILL no começo das últimas férias de verão. Mamãe ficou louca com isso ("Você não deveria ficar trancada o dia inteiro num prédio abafado com esse clima"), mas me deixou fazer o estágio afinal.

Antes de começar, eu estava completamente ansiosa com a perspectiva de conhecer Reel Love. Eu já me via no centro de uma sala, rodeada por ele, por outros DJs e um monte de produtores da CHILL, que prestavam a maior atenção a qualquer palavra que eu dissesse e se matavam de rir das minhas piadas inteligentes sobre a

indústria musical.

É claro que as coisas não foram bem assim.

Primeiro, Reel Love estava em Ibiza durante o período em que eu trabalhei lá, e um cara de quem eu nunca tinha ouvido falar ficou no lugar dele. Depois, meu estágio não tinha nada a ver com dance music. Eu passei quase as duas semanas inteiras entre a máquina de café e a copiadora. Depois de alguns dias, meu cérebro tinha derretido e eu comecei a procurar o leite na bandeja de papel. Eu não cheguei nem perto dos DJs, apesar das minhas várias tentativas. Os estúdios ficavam no terceiro andar e completamente fora do meu alcance. Eu estava num escritório no primeiro andar. Certa vez, cheguei a ver dois DJs perto do elevador, mas um estava discutindo no celular e o outro balançava a cabeça ao som da música que saía de enormes fones de ouvido. Decidi não puxar conversa com nenhum deles.

O modesto ponto alto das minhas duas semanas na CHILL foi conhecer Jade Bell. Ela é uma assistente de produção que trabalha em vários programas, incluindo o de Reel Love na sexta à noite. Ela tem uns vinte e poucos anos, cabelos louros espetados e olhos azuis penetrantes. Trabalha muito e está sempre carrancuda. Eu acho que ela está permanentemente infeliz ou então fez uma cirurgia para remover todos os músculos do sorriso. Mas eu estava totalmente pronta a ser amiga dela. Com certeza, decidi, se eu ficasse íntima de Jade, talvez pudesse chegar a conhecer Reel Love. E, se conversasse com ele, talvez ele abrisse o caminho para eu me tornar uma top DJ. Eu ainda não sabia exatamente como isso ia funcionar, mas insisti em meu plano sem pestanejar. “Pequena Determinada” atacou de novo.

Durante duas semanas fui a Srta. Persistência, conversando com Jade sempre que possível. Contei, já no primeiro dia, que Reel Love era meu herói, mas não tenho certeza de que ela ouviu, porque está telefonando para alguém e não me olhava enquanto eu falava.

Na segunda tentativa, no dia seguinte, novamente nenhum sinal de atenção à minha declaração de amor e respeito por Reel Love. Então eu tentei uma estratégia diferente e passei a oferecer ajuda. No começo da segunda semana, ela me deixou abrir algumas cartas e mandar respostas padrão, mas foi isso. Quando eu fui me despedir, no final do meu estágio, ela disse: "Quem é você mesmo?".

Ok, então eu não impressionei muito Jade, mas eu ainda não tinha desistido. Pouco antes de ir embora, no último dia do estágio, um dos gerentes perguntou se eu gostaria de continuar a ir à rádio, aos sábados, para ajudar. Ele deixou bem claro que eu não ganharia nada em dinheiro, somente muita experiência. Eu não hesitei em aceitar — Reel Love logo voltaria de Ibiza. Evidentemente eu não estaria lá na hora do programa dele, mas pelo menos trabalharíamos no mesmo prédio.

Comecei poucas semanas depois e agora é onde posso ser encontrada entre as dez e as cinco aos sábados — me revezando entre a máquina de café e a copiadora. Pelo menos agora Jade sabe meu nome. Ela até disse meu nome quando pediu um café na semana passada. E o repetiu quando me mandou de volta porque eu tinha esquecido do açúcar. Nada para ficar muito entusiasmada. Mas é um começo.

Mamãe continuava na porta, deixando bem claro que a bronca estava longe de acabar.

"Mais alguma coisa?", perguntei com uma voz autoritária, no mesmo tom que os professores usam quando mandam as crianças ficarem quietas.

"Não precisa ser grossa", ela rebateu, como que pairando acima de mim, daquele jeito que só os pais conseguem.

Como eles fazem isso? Usam pequenos colchões de ar sob as solas dos sapatos que os fazem levitar alguns centímetros acima do solo? Em minha cabeça, procurei todos os métodos possíveis para tirá-la de cima do meu case e para fora do meu quarto. Por sorte,

não precisei pensar muito. A campainha tocou.

"Eu atendo", me ofereci, aliviada. Rapidamente desci as escadas para abrir a porta. Eram minhas duas melhores amigas, Keesha e Becky.

Eu fiz uma prece de agradecimento e as deixei entrar.

Quando eu entrei na escola comunitária Cahill, três anos atrás, não conhecia ninguém. Todos os meus amigos do primário foram para a Forrest Comp, mas mamãe convenceu papai de que uma escola mais "acadêmica" seria melhor para mim e acabei na Cahill. É uma caminhada um pouco mais longa do que para a Forrest e as minhas primeiras impressões não foram muito promissoras.

No almoço, no terceiro dia na Cahill, decidi que os próximos cinco anos seriam piores do que uma vida inteira de confinamento solitário na mais grotesca das prisões. Então, graças ao que pareceu um milagre, nesse mesmo dia Keesha e Becky se aproximaram de mim no parquinho e começamos a conversar. Elas são amigas desde o maternal, mas, por alguma razão, decidiram se aproximar de mim (elas dizem que foi porque eu parecia misteriosa e interessante). Então, em vez de me inteirar de tudo sozinha, eu fiquei por dentro das coisas junto com elas.

Três anos se passaram e ainda somos inseparáveis. Elas viram minha obsessão por música crescer e me encorajaram o tempo todo, mesmo que às vezes eu as chateie até a morte quando falo sobre mixagens, slipmats e batidas por minuto.

Sempre que elas ficam entediadas quando eu tento explicar com detalhes os novos avanços da minha obsessão, eu digo, imitando um sotaque estrangeiro: "Vocês vão dormir profundamente". Elas sempre caem na gargalhada.

Keesha tem 1,68 m de altura, tranças, grandes olhos castanhos e um belo corpo. Ela tem uma irmã de vinte anos, Amber, que está na Universidade de Manchester. Os pais de Keesha são

advogados, ambos com empregos muito importantes. Keesha é uma bomba de vitalidade. Ela é a pessoa mais otimista que eu conheço e todos a adoram, especialmente os garotos. Ela faz todo mundo se sentir bem. Às vezes é um pouco otimista demais — algumas coisas na vida são mesmo uma porcaria.

Becky tem 1,60 m (a mesma altura que eu), olhos verdes impressionantes, cabelo negro, liso, e um nariz pontudo. Foi na festa de aniversário de nove anos da irmã de Becky, Phoebe, que eu estreei como DJ. Becky e Phoebe moram com a mãe. O pai foi embora logo depois do nascimento de Phoebe para "se encontrar" em algum tipo de "Comunidade de Amor Livre". Becky é hilária, tem a língua rápida e inteligente e é incrivelmente mandona. Um dia ela vai virar uma excelente mãe, professora ou ditadora.

Nós três gostamos do mesmo tipo de música. E filmes. E livros. E programas de TV E pessoas. Porém, quando o assunto é moda e visual, as duas passam muito mais tempo preocupadas com a aparência do que eu. Não é que eu não me importe — eu me importo. Quero ficar bonita. Só não consigo passar horas me analisando na frente do espelho e anos escolhendo que roupas usar — quando há discos há serem comprados, ouvidos e mixados.

Eu tenho cabelos louros, lisos, na altura dos ombros e olhos cor de avelã. Meu nariz é pequeno e às vezes eu fico em dúvida se tenho narinas. Já me disseram que minhas pernas são bonitas, mas elas não aparecem muito. Eu não sou uma garota saias. Jeans, tênis e uma camiseta transada são muito mais o meu estilo.

Keesha e Becky vivem me dizendo que sou muito bonita. E os garotos também parecem prestar atenção em mim. Eu acho muito fácil conversar com as pessoas, mas quando tenho que falar com um garoto de que gosto (bem, um garoto em particular) meu cérebro e minha boca se desconectam e fica difícil pronunciar palavras reconhecíveis. Então eu fico com a boca fechada.

Enquanto Keesha e Becky entravam, minha mãe desceu as

escadas como um trovão. Quando viu as meninas, sua expressão relaxou um pouquinho e ela ainda deu um rápido "olá" antes de desaparecer na cozinha batendo a porta.

"Problemas no rancho?", Keesha sussurrou. E nós fomos lá para cima.

Eu fiz minha melhor imitação de um dragão soltando fogo e as duas riram.

Keesha e Becky acham que eu sou mesmo engraçada. Fazê-las dar risada é uma das minhas especialidades.

Fomos para o meu quarto e nos jogamos na cama.

Em um nanosegundo, Keesha já estava falando sobre Tim, um cara que ela conheceu em Devon, durante o verão. Ele tem dezesseis anos e é fanático por surfe. É tão nada-a-ver com Keesha ela ficar ligada num cara — normalmente acontece o contrário. Mas com Tim as coisas parecem diferentes.

"Ele vem para Londres no domingo", disse, mostrando um par de fotos instantâneas dos dois.

Eu balancei a cabeça e sorri. "A gente já sabe, Keesha. Você já falou um zilhão de vezes."

Ela começou a enumerar todos os lugares aonde Tim irá levá-la no romântico fim de semana.

"O mais longe que Dan já me levou foi no Café Tony's", disse Becky, debochada, fingindo desespero.

Becky está namorando Dan há uns seis meses. Ele é um cara muito doce da mesma série que a gente. Mas é um pouco passivo. Talvez seja porque jamais consiga dar a última palavra. Definitivamente, é Becky quem usa calças (e todas as outras roupas também) na relação. Logo que ela começou a sair com Dan, eu sabia que poderia confiar nele. Ele é um grande fã de música, assim como o irmão dele de dezessete anos, Howie (que está no curso preparatório para a universidade da Cahill e está tentando trabalhar como promotor em casas noturnas). Dan e eu conversamos muito

sobre discos e essas coisas. Ele me fala das bandas obscuras de que gosta e eu conto sobre minhas aspirações e sonhos de ser DJ. Becky acha essas conversas uma chatice completa e sempre pede para a gente mudar de assunto.

Keesha tem Tim. Becky tem Dan. Sobro eu. Nenhum namorado. Nenhum sinal de arranjar um namorado. Eu fiquei com garotos algumas vezes, mas todas duraram apenas umas duas semanas e eles estavam mais a fim de mim do que eu deles. Porém, há um garoto que me deixa louca. Ele se chama Josh Stanton e eu o notei já no primeiro dia na Cahill.

Josh tem cabelo castanho curto, que ele usa com gel (criando um maravilhoso efeito arrepiado na frente), magnéticos olhos azul-acinzentados de morrer e um dos sorrisos mais lindos pelos quais eu já tive o prazer de babar. Ele tem 1,70 m e está em ótima forma. Ele é bom em vários esportes, mas não é um desses garotos que se levam super a sério. Ele também gosta de atuar e fez um pequeno papel na peça da escola no ano passado. Eu, é claro, fui assistir as três noites.

Um dos problemas sobre o objeto da minha afeição é que eu quase nunca falei com ele. Josh está um ano na nossa frente na escola, então suas aulas são completamente diferentes das nossas. Na verdade, a sentença mais complexa que eu já pronunciei diante dele provavelmente foi “Oi”. Além disso, há uma restrição para o número de vezes que “acontece” de você estar no mesmo lugar na mesma hora que outra pessoa sem ser acusado de perseguição. E, quando eu apareço, ele nunca percebe a minha presença mesmo.

Becky deve ter lido meus pensamentos.

“Ainda a fim do Josh?”, perguntou.

“Ó, a dor do amor não correspondido”, respondi desolada.

“Pô Zoe”, disse Keesha, “nós já discutimos isso várias e várias vezes. Ele pode estar totalmente a fim. Você não sabe porque nunca perguntou.”

“Tá bom”, respondi. “Então tudo o que eu tenho de fazer é chegar nele e dizer ‘Você não me conhece, Josh, mas eu estou a fim de você há três anos e estava aqui pensando, se, por acaso, você gosta de mim’.”

“Algo assim”, disse Keesha rindo. “Mas talvez um pouco menos direto.”

“Mesmo assim”, suspirei, “é tarde demais. Ele está ficando com a Gail Simmonds.”

Gail é a topmodel da nossa série — dentes branquíssimos brilhantes, cabelos louro-avermelhados e um par de peitos tão perfeitos que, além de hipnotizar os garotos, pode provavelmente fazer um monte de outros truques, como ler mapas ou reger uma orquestra.

“É só boato”, disse Becky.

“Por que não esquecemos Josh por um minuto?”, sugeriu Keesha. “Está cheio de garotos que gostam de você.”

“Diga um”, desafiei.

O silêncio de Keesha confirmou minha suspeita.

“Eles ainda não se manifestaram”, disse Becky rapidamente. “Estão só esperando pelo momento certo.”

Antes que eu pudesse continuar a discussão, ouvimos uma batida na porta e meu irmão Zak entrou no quarto.

Eu sempre me pergunto onde estavam as outras vinte e cinco letras do alfabeto quando meus pais escolheram nossos nomes. Zoe e Zak? O que eles estavam pensando? Eles queriam que nós crescêssemos e virássemos uma dupla de atores-mirins da TV? Eu costumava ficar irritada, especialmente quando outros garotos tiravam sarro da gente por causa disso, mas agora já não me incomodava mais.

Zak tem dezesseis anos e está na escola preparatória. Ele é tudo o que você gostaria num irmão mais velho. Está sempre à disposição para me dar bons conselhos. Ele agüenta todas as minhas

reclamações e choramingos. Converso com ele sobre quase tudo, mas ele nem desconfia da minha paixão pelo Josh. Eu simplesmente não consigo tocar no assunto com ele. Mesmo sendo um bom ouvinte, fico preocupada que ele não vai me levar a sério.

Mas o mais importante é que Zak ri das minhas piadas. Ele é alto, tem o corpo magro e firme, e qualquer tipo de roupa fica boa nele. Tem o cabelo louro curtíssimo e olhos exatamente iguais aos meus. Ele não é nenhum modelo, mas um monte de garotas fica apaixonada por seu sorriso maroto e seu jeito meio malandro. Mamãe diz que Zak é exatamente igual a papai quando eles se conheceram — “encantador”.

Infelizmente para as garotas, ele não é muito comprometido com ninguém. Está sempre pronto a “entrar em campo”. Então, não importa quanto uma garota tente manter um relacionamento “sério”, nunca vai ouvir promessas vazias. Como resultado, ele está sempre com várias garotas ao mesmo tempo.

O engraçado é que, apesar de ser disputado pela mulherada, Zak não é nem um pouco arrogante. Fica realmente surpreso de que tantas meninas fiquem a fim dele. Nós dois sempre rimos dessa falta de interesse dele em relacionamentos duradouros. Em resumo, ele é um ótimo irmão — eu só não o recomendaria como namorado para ninguém.

“Oi Keesha, oi Becky”, disse, sorrindo, e se sentou na cadeira em frente à minha cama.

“Então, quem é o atual amor na vida de Zak Wynch?”, Keesha perguntou.

“Eu estou meio que ficando com Laura Tanner”, respondeu, balançando o queixo.

Laura está no preparatório da Cahill — é um ano mais velha que Zak. E muito bonita — uma loura miúda com olhos azuis cristalinos.

“Meio ficando?”, perguntou Becky.

“É que tem essa outra garota maravilhosa na universidade que se chama Iman”, ele explicou.

“Que vergonha!”, disse Becky rindo.

“Você ainda vai se meter numa grande confusão um dia desses”, disse Keesha, tentando parecer séria, mas sem conter uma risadinha.

Ele não precisou responder porque a campainha tocou de novo e, um segundo depois, mamãe gritou:

“Zak, Laura está aqui.”

Ele se levantou, foi até a porta e de repente seu celular tocou. Ele atendeu. “Oi Claire”, disse. Ouviu por alguns segundos e então respondeu.

“Hoje à noite está ótimo. Lá pelas oito. Te vejo então.”

Desligou o celular, abriu um sorrisão e desceu para encontrar Laura.

“Inacreditável”, Keesha balbuciou.

“Impressionante”, Becky sussurrou.

“Já vi esse filme”, eu disse, resmungando.

Becky olhou o relógio.

“Vamos”, disse, pulando da cama entusiasmada. “Marcamos com Dan e alguns amigos dele no parque daqui a dez minutos. Vem.”

Keesha também levantou e ela e Becky foram em direção à porta. Eu fiquei plantada na cama. Comprei dois discos ontem que estão implorando para serem tocados, se mamãe desencanar do barulho. Eu gastei os últimos centavos da minha mesada neles e agora eles precisam de mim.

“Vamos lá, Zoe, vai ser divertido”, Keesha insistiu.

“John Stanton pode estar lá”, disse Becky.

Nesse momento, pulei da cama como se tivesse sido impulsionada por uma mola.

“O quê?”, perguntei, surpresa e com os olhos arregalados.

“Dan ficou amigo dele recentemente”, ela disse. “Eles estão

jogando juntos num time de futebol.”

“Por que você não me contou antes?”, reclamei.

“Só fiquei sabendo hoje de manhã.”

Isso podia ser interessante. Talvez essa amizade seria a oportunidade de eu me aproximar mais de Josh.

Meu entusiasmo momentâneo logo se transformou em dúvida.

“E se ele estiver lá com a Gail?”

“Não vai estar”, disse. Becky. “Já disse que é só um boato.”

Eu hesitei um pouco, mas logo segui as duas, dando uma última olhada carinhosa no meu som.

Lá em baixo, ouvimos mamãe na cozinha, tendo uma conversa acalorada ao telefone.

“Eu disse que vai estar aí no prazo”, respondeu, “então vai estar aí no prazo!”

Eu enfiei a cabeça na cozinha. Mamãe estava segurando o telefone com cara de exausta.

“Vou ao parque com Keesha e Becky encontrar uns amigos”, sussurrei. “Volto às sete.”

Ela consentiu e me deu um tchauzinho.

Mamãe é muito severa sobre o horário de chegar em casa. Temos um acordo. Se eu digo que estarei de volta num determinado horário, isso vira lei. Se isso mudar por qualquer motivo, telefono. Deixar de cumprir o acordo significa que minha vida está acabada.

Saímos de casa e fomos para o parque. Enquanto caminhávamos, fiquei viajando. Será que hoje é o dia em Josh de repente vai me notar, me abraçar e declarar, apaixonadamente, que eu sou a garota certa para ele?

Não demorou muito para eu achar a resposta.

E tão provável quanto você virar um peixe, disse a mim mesma.

E lembre-se, você nada muito mal.

# Capítulo 2
## O amor dói

***Há outra figura central na minha vida.*** O nome dela é Tânia Trent. Ela tem vinte e cinco anos, é alta, magra, cabelos louros num impecável corte chanel, olhos verdes brilhantes e unhas perfeitamente manicuradas.

Ah sim. Há outra coisa sobre Tânia: ela não é real. E antes que alguém me acuse de ter amigos imaginários, não é nada disso. Ela não é minha amiga — é um contato profissional.

Eu tive uma amiga imaginária aos quatro anos. Ela se chamava Molly e eu insistia em fazer com ela todas as coisas que as crianças pequenas fazem com seus amigos imaginários. Fiz mamãe e papai darem um lugar para ela na mesa. Incluía Molly em todas os meus jogos, mesmo que isso significasse perder algumas vezes. Exigia que ela fosse conosco a todos os lugares.

Mas quando comecei a fazer tantos escândalos por causa de Molly quanto fazia por minha causa, meus pais decidiram se livrar dela. Uma manhã, me disseram que ela teve de se mudar. E, mesmo Molly sendo minha amiga imaginária, eu acreditei neles. Fiquei desolada por dias e eles tiveram de comprar alguns pacotes de chocolate para que eu pudesse superar a separação.

Então Tânia não é nenhuma amiga de criança, ela é o que eu chamo de "Aliada Virtual". É apresentadora de TV de um programa chamado *Daytime Living.* O cenário do programa é decorado em tons leves de azul e amarelo, com dois sofás, uma mesa de centro baixa e

algumas plantas exóticas. Um painel lilás traz o nome do programa. E, apesar de os episódios de *Daytime Living* passarem somente na minha cabeça, eles parecem muito reais.

Frequentemente eu sou convidada para o programa e Tânia é brilhante em encher minha bola, especialmente quando os acontecimentos da minha vida não correspondem muito ao que eu havia planejado. Como na minha ida ao parque com Keesha e Becky. Fiquei ali durante horas, tentando conversar com Dan e os amigos dele, mas ligada o tempo todo para ver se Josh Stanton chegava. Ele não foi. Na manhã seguinte, durante a aula de inglês da srta. Devlin, eu apareci no *Daytime* Living.

Tânia: Então Zoe, ouvi dizer que seu encontro com o superastro de cinema Ricky Dance acabou não acontecendo.

Zoe: Exatamente Tânia. Me disseram que ele estaria lá, mas ele não apareceu. Eu me cansei de esperar por ele. Fiquei sabendo que ele chegou depois de eu ter ido embora.

Tânia: Você acha que ele ficou decepcionado por não encontrar você?

Zoe: Decepcionado? Ele ficou total e absolutamente arrasado. Telefonou, mandou mensagem de texto, e-mail, fax e, pelo que parece, tentou entrar em contato comigo até por pombo correio. Esta manhã, recebi cinqüenta rosas vermelhas. No bilhete estava escrito: De Ricky.

Tânia: E você ligou para a agradecer?

Zoe: De jeito nenhum! Vou deixar ele em suspense. Nada desculpa um cano.

Tânia: Então como fica sua vida amorosa agora?

Zoe: Ainda bem que você perguntou, Tânia. Porque ao mesmo tempo em que chegavam as flores de Ricky, meu telefone tocou. Era Guy Spencer.

Tânia: Não “o” Guy Spencer, grande rival de Ricky no cinema?

Zoe: O próprio. Ele disse que está louco para me ver e que todo o resto da vida dele está indefinido até eu concordar em encontrá-lo.

Tânia: E o que você disse?

Zoe: Que ele terá de se encaixar na minha agenda terrivelmente ocupada.

Tânia: Mas ele não está filmando no momento?

Zoe: Está. Mas se trancou no apartamento esperando que eu diga sim. A verdade é que o diretor e a equipe do filme estão enlouquecidos.

Tânia: Então quando você vai responder?

Zoe: No tempo certo, Tânia. Tenho que examinar várias propostas. São tantas, não estou convencida de que tive tempo de avaliá-las corretamente. Além disso, as rosas de Ricky não combinaram com a minha cozinha.

“Então, Zoe?”

As imagens de Ricky e Guy de repente evaporaram no ar quando a voz da srta. Devlin me trouxe de volta à dura realidade.

A srta. Devlin é legal. Ela tem vinte e sete anos, o que é extremamente pouco se comparado aos outros professores da Cahill. Eu tenho certeza de que alguns já morreram, mas a escola ainda não conseguiu se livrar deles. A srta. Devlin cuida da aparência — o que a transforma num ícone fashion da sala dos professores. E Keesha, Becky e eu já vimos o namorado dela. Ele foi buscá-la um dia, de moto. Nós três concordamos que ele era bem bonitão, para um motoqueiro. Eu também sou enormemente grata a ela por ter me ajudado a entrar na CHILL.

Estávamos quase no final de uma aula sobre Otelo, de Shakespeare.

“Desculpe?”, perguntei, hesitante.

“Qual era a motivação de Iago?”, perguntou ela.

“A motivação de Iago”, respondi, tentando ganhar tempo.

“Isso Zoe”, ela disse, e um tom de impaciência foi perceptível em sua voz, geralmente calma. “Essa é a terceira vez que eu pergunto.”

Antes que o bom humor da professora azedasse, um anjo desceu na minha carteira na forma de um papel anotado com a letra de Keesha. Eu li rapidamente.

“Ele tinha ciúmes do poder de Otelo e queria jogá-lo contra Desdêmona”, afirmei, confiante.

“Obrigada, Zoe”, disse a srta. Devlin enquanto a cara feia se desmanchava num sorriso. “Boa resposta, mesmo tendo demorado um pouco a sair.”

Ela estava prestes a me fazer outra pergunta, mas a aula acabou. Trinta de nós correram para a porta como animais selvagens assim que a campainha soou.

“Devagar”, ela pediu, enquanto debandávamos.

Assim que chegamos à metade do corredor, dei um abraço enorme em Keesha.

“Calma, tigre”, ela disse, rindo, enquanto eu praticamente a sufocava.

“Brilhante trabalho, Keesha”, disse Becky, sorrindo. “E você estava muito segura, Zoe. Impressionante, considerando que você não leu uma página do livro.”

No domingo de manhã eu realmente tentei ler algumas páginas de Otelo, só para me garantir caso a srta. Devlin perguntasse sobre a peça no dia seguinte. Mas eu não consegui me separar da bíblia mensal dos DJs, *In the Mix* — um pouco mais interessante do que uma peça do século XVI escrita numa língua estranha que tinha uma leve semelhança com o inglês. A *In the Mix* trazia uma

reportagem especial sobre Reel Love que eu li pela quinta vez. Eu tinha trabalhado para caramba na CHILL no dia anterior. Passei tanto tempo na copiadora que estava pensando em me mudar para lá quando saísse de casa.

A casa Wynch é muito tranqüila nas manhãs de domingo. Todos de pijama na cozinha, lendo jornal, tomando café e comendo pilhas de torradas. Zak lia o caderno de esportes, mamãe estava absorta numa reportagem e papai devorava a seção de jardinagem. Alguém bateu na porta da frente. Nós olhamos para o relógio da parede. Quem sonharia em aparecer às onze e meia da manhã de domingo?

Ninguém se moveu.

"Tudo bem, tudo bem", disse dramática, enquanto levantava. "Não se incomodem."

Mamãe, papai e Zak já haviam voltado a seus artigos de jornal e eu me dirigi ao hall para atender a porta.

Era Becky.

"Oi." Cumprimentou, balançando a cabeça como se estivesse num local de trabalho, e entrou em casa. "Temos uma missão."

"Que tipo de missão?", perguntei.

"Eu conto no caminho", ela respondeu.

"Me dá dois minutos", disse.

Subi as escadas correndo e coloquei meus jeans desbotados, uma camiseta roxa de manga comprida, um moleton branco de capuz e tênis.

Quando eu desci, Becky estava na cozinha comendo uma torrada e conversando com Zak. Ao me ver, ela deixou a torrada mordida de lado e correu para a porta da frente.

"O que aconteceu?", perguntei enquanto saíamos.

"Vamos encontrar Keesha", ela disse. "Tim não vem para Londres hoje. Ele deu o fora nela."

"Você está brincando!", eu disse, chocada. "Ninguém nunca

terminou com a Keesha."

"É pior ainda", continuou ela. "Ele não teve nem coragem de telefonar. Deu o fora por e-mail — disse que conheceu uma australiana de dezoito anos. Disse que ele e Keesha são passado e ponto."

"Não acredito!", eu gaguejei.

Becky assentiu com um movimento de cabeça e nós nos apressamos.

Encontramos Keesha no Tony's, folheando uma edição antiga da Cosmopolitan[1] e tomando golinhos de uma lata de Coca.

[1] *Revista norte-americana que deu origem à Nova brasileira.*

O Tony's fica perto da Camden High Street e é totalmente antiquado. Tem bancos de couro vermelho descascado e a maioria das opções de comida já teve dias melhores. Portanto, é estritamente um lugar onde vamos para tomar alguma coisa. Keesha levantou a cabeça quando entramos. Estava com os olhos vermelhos e a pele parecia irritada.

Keesha chorando por causa de um garoto! De todas as notícias do mundo essa era uma das mais improváveis, ficava atrás somente de marcianos abrindo uma padaria na High Street.

"Obrigada por virem, meninas", Keesha disse, fungando. Ela pegou um guardanapo para enxugar os olhos. Becky sentou ao lado dela e a abraçou. Eu sentei em frente e estendi a mão. Keesha a segurou com as duas mãos.

"Olhe para mim", ela disse baixinho. "Não acredito que ele me deixou nesse estado."

Ela parou de falar e teve mais um acesso de choro. As lágrimas escorriam por suas bochechas.

"Mas Keesha", eu disse, "você é a garota número um do país".

"Se não for do mundo", concordou Becky.

Keesha esboçou um sorriso e pegou outro guardanapo.

“Vocês são as melhores amigas do mundo”, disse, enxugando o choro. “Não sei o que faria sem vocês. Não quis incomodar Amber — ela já tem muito com que se preocupar na universidade. E não tem como discutir isso com papai e mamãe.”

“Nós estamos aqui”, disse, com um sorriso. “Tente se livrar de nós”, brinquei.

“Eu gosto dele”, Keesha murmurou, esfregando os olhos.

“Nós sabemos”, eu disse, apertando as mãos dela.

Becky e eu ficamos mais de uma hora dizendo a Keesha porque Tim tinha desperdiçado uma das melhores oportunidades do mundo. Tínhamos conseguido animá-la um pouquinho quando o rosto de Becky se iluminou.

“Que tal um pouco de shoppingterapia?”, ela sugeriu. “Espairecer um pouco?”

Keesha a princípio ficou em dúvida, mas Becky consegue vender gelo para esquimó. Alguns minutos depois, estávamos andando apressadas pela Candem High Street, em direção à Girl Trend — a loja favorita de Keesha. Eu estava mais do que feliz de acompanhar essa excursão, mas seria mera espectadora, não ia comprar nada. O fluxo de caixa era um problema pra mim. Basicamente, eu tinha pouco caixa e nenhum fluxo. Eu havia gastado todas as minhas economias no equipamento de DJ e a minha mesada durava só alguns dias, já que eu gastava tudo em discos. As duas libras na minha bolsa representavam todo o meu patrimônio. Além disso, as roupas dali não faziam meu estilo.

A Girl Trend é toda transada, com iluminação indireta e glitter — muito Keesha. Nós paramos na entrada escura da loja. Keesha estava relutante no início, mas nós a incentivamos e finalmente ela enxugou os olhos e fez uma expressão decidida.

“Ok”, declarou. “Vou entrar. E comprar algo escandaloso.”

“É isso aí garota!”, Becky gritou enquanto Keesha desaparecia

no meio das araras de roupas. Becky e eu a seguimos.

Alguns minutos depois, Keesha nos chamou de um dos provadores. Ela apareceu usando uma minúscula minissaia xadrez azul e verde. Os olhos dela não estavam mais tão inchados e a saia era maravilhosa. Becky e eu aprovamos na hora. Keesha comprou a saia e, quando saímos da Girl Trend, o astral dela tinha melhorado.

“Obrigada por serem maravilhosas”, ela disse, agradecida. “Foi um choque tão grande.”

“Sem problemas”, respondi, pegando-a pelo braço.

Tínhamos andado metade da High Street, braços dados, quando eu os vi.

Becky também tinha visto e tentou nos desviar para uma livraria do outro lado da rua. Mas era tarde demais. Estávamos a dois metros de um ponto de ônibus quando meus pés simplesmente se recusaram a fazer qualquer movimento.

Eram Josh e Gail. Eles estava no ponto de ônibus. Ficando.

Então o boato era verdade — eles estavam juntos. Que ótima maneira de ficar sabendo. Gail parecia que ia comer o rosto dele. Eu fiquei plantada no chão, olhando essa cena devastadora.

“Vem aqui, Zoe”, pediu Becky, me arrastando para o outro lado da rua.

Eu estava sem ação e sem palavras.

“Se eu vou esquecer o Tim, você tem de desencanar do Josh”, Keesha disse com firmeza, repentinamente deixando de ser consolada para me consolar.

Eu queria ressaltar que as probabilidades eram que Keesha jamais visse Tim novamente, enquanto eu seria forçada a ver Josh e Gail direto.

Com certeza o mundo tinha acabado, pensei comigo mesma.

Keesha e Becky me fizeram cruzar a rua, mas meus olhos continuaram fixos em Josh e Gail. Eles estavam subindo no ônibus, de mãos dadas e rindo.

“Vem”, Becky implorou, me puxando para a livraria.

Nós entramos e, quando eu me virei para olhar pela última vez, o ônibus já havia partido.

# Capítulo 3
# Tocando afinado

*Algumas pessoas (como a minha mãe) olham para os DJs* e pensam, Grande coisa, então eles tocam alguns discos. Quão difícil é isso? Não há nenhum talento especial envolvido. Qualquer um pode fazer.

Se eles soubessem quanto trabalho é necessário para mixar razoavelmente.

Por exemplo, você está tocando num clube totalmente lotado e a galera dança eufórica. Um dos seus fones está numa orelha, ouvindo a música que está saindo dos falantes e toca na pick-up 1. O outro fone cobre a outra orelha, permitindo que você mexa livremente no disco da pick-up 2. Você está avançando e voltando essa faixa no slipmat para encontrar o ponto exato da mixagem, garantindo que ela vai entrar em sincronia com o primeiro disco. Você pode ter que acelerar ou diminuir a rotação. Se demorar muito para preparar o segundo disco, a primeira música pode acabar e você terá um buraco silencioso no som. E quando se trata de um set de DJ, buracos não são recomendáveis.

Enquanto você faz tudo isso, há o todo barulho da galera — sem contar as pessoas que chegam em você pedindo para tocar a música favorita deles de dez anos atrás.

Se trabalhar certinho com as pick-ups, você usa o cross fader para tocar a segunda música — é onde a coisa fica realmente excitante. Às vezes você faz isso bem rápido e muda as faixas

instantaneamente. É afiado. É dramático. Mas outras vezes você faz um fade gradual e as duas músicas tocam ao mesmo tempo durante alguns instantes. Quando você quer tirar a primeira faixa, vai abaixando o volume gradualmente usando o fader conectado à pick-up 1 (eles são chamados “up faders”, apesar de diminuírem e aumentarem o volume da música). Você aumenta o som da segunda faixa usando o up fader da pick-up 2.

A idéia por trás de todo esse processo é conseguir uma mixagem imperceptível — os melhores DJs fazem com que seja impossível determinar onde uma música termina e a outra começa. Quando você ouve alguém tão bom quanto Reel Love, parece que todo o set é uma única música.

Então você está tocando seu set num clube durante horas. Isso significa uma quantidade razoável de mixagens e todas têm de ser perfeitas. Quando uma dá errado o som é verdadeiramente horrível. Mas quando dá certo, soa incrível.

Assim, para o caso de alguém como mamãe estar se perguntando — *essa* é a grande coisa. Pode parecer simples, mas escolha alguém na rua, peça para ele mixar dois discos e logo você vai estar implorando por tampões de ouvido.

No café da manhã, eu estava contando para Zak de uma música nova que eu tinha ouvido a noite anterior na CHILL. Era quarta-feira e ele não estava muito a fim de uma conferência sobre música, então, quando achou que eu já tinha acabado, levantou-se e saiu para encontrar Laura Tanner, que esperava por ele do outro lado da rua. Eu estava pronta para sair também quando o telefone tocou.

“O Zak está?”, perguntou uma voz feminina.

“Não”, respondi.

“Ah.”

“Você quer deixar recado?”

“Não, tudo bem. Meu nome é Iman. Eu estudo com ele e queria saber onde ele está. Normalmente já chegou a essa hora.”

“Ele saiu faz cinco minutos”, eu disse, omitindo o fato de que podia vê-lo naquele exato momento beijando Laura antes de ele ir para a aula e ela para o colégio.

“Eu tentei ligar no celular”, continuou Imam, “mas está desligado.”

“Tenho certeza de que ele deve estar chegando”, eu disse.

“Obrigada”, ela respondeu.

Eu desliguei.

Como eu disse, Zak é um cara ótimo. Mas como namorado — esqueça.

Eu dei uma escapada na hora do almoço para ir à Tune Spin.

Fazia uma semana desde a visão de Josh e Gail no ponto de ônibus, Sempre que eu pensava nos dois ficando, ficava devastada. Apesar dos meus esforços para evitá-los na escola, havia visto os dois juntos algumas vezes, e eles pareciam apaixonados.

Então eu pensei que passar meu tempo livre procurando discos (mesmo sem nenhum dinheiro para comprá-los) seria uma boa alternativa a ficar choramingando pelos cantos como um cão abandonado e deixando Keesha e Beck malucas. Além disso, vinis de doze polegadas sempre me animam.

A Tune Spin é uma loja de discos embaixo das arcadas de uma ponte ferroviária atrás da High Street. Tem metade do tamanho de todas as outras lojas da região. O teto é de telhas de alumínio e a porta de madeira da entrada está um pouco empenada. Dentro, as paredes estão cobertas de pôsteres dos novos lançamentos, flyers de shows e fotos de DJs lendários.

Estou convencida que Rix, o único empregado da Tune Spin,

deveria ganhar o prêmio de Imbecil Mais Repulsivo do Universo. Quando comecei a freqüentar a loja, imaginei que quem quer que trabalhasse lá seria uma grande fonte de conhecimento musical e uma figura inspiradora na minha missão de me tornar DJ. Na primeira vez que entrei na loja, perguntei a Rix sobre uma música que eu tinha ouvido na CHILL uns dias antes. Ele levantou os olhos da revista que estava lendo, fez uma careta, e voltou à sua leitura. Perguntei de novo, um pouco mais alto dessa vez, o que o fez fechar a revista e dizer que nunca tinha ouvido falar.

E esse é o jeito que ele me trata desde então — desagradável, indisponível, de má vontade. Primeiro eu achei que essa má educação descarada tinha a ver com o fato de que eu só tenho quatorze anos e ele achou que eu era apenas “uma criança”. Mas, quanto mais eu ia à loja, fui percebendo que o motivo dessa atitude era o fato de eu ser uma garota. Quando garotos da minha idade (ou mais novos que eu) vão ate lá, Rix se mostra todo feliz de bater papo com eles ou então de escavar as prateleiras em busca dos discos que eles estão procurando.

Essa constatação só me deixou mais determinada a continuar freqüentando o local. “Pequena Determinada” viraria uma presença constante, se por nenhum outro motivo, apenas para irritar Rix.

Rix é alto, magro e pálido. Tem três brincos na orelha esquerda e um cavanhaque castanho todo despontado. Apesar de já ter ido incontáveis vezes à Tune Spin, as únicas coisas que eu sei sobre ele (descobertas ouvindo a conversa dele com outros clientes) são: ele tem dezessete anos; não é o dono da loja — ela é de um cara chamado Dave, que passa a maior parte do ano na Espanha; ele se acha um top DJ.

As pick-ups, o mixer e os falantes da Tune Spin são de primeira — muito melhores do que qualquer coisa que eu possa comprar. Quando Rix não está monopolizando a aparelhagem (ele adora se mostrar para qualquer um), alguns clientes ouvem vinis

novos nessas pick-ups. Desde que eu comprei o meu som, cheguei perto das pick-ups da Tune Spin duas vezes, enquanto Rix conversava com alguém ou arrumava alguma coisa nos fundos da loja. Mas nas duas vezes eu dei para trás no último minuto, com medo de ele aparecer e me humilhar publicamente.

Rix estava atrás de mim, olhando sobre os meus ombros para a estante de vinis importados dos Estados Unidos que eu vasculhava.

"Totalmente fora do seu alcance", disse.

Eu o ignorei e continuei a olhar os discos e ler os textos das capas.

"Acho que eles são um pouco sofisticados para você", ele disse. "É melhor deixá-los para DJs de verdade."

"Sai daqui", eu disse, sentido corar.

"Que tal voltar quando papai te der um aumento na mesada?", continuou ele, olhando ao redor para ver se havia mais alguém com quem pudesse dividir essas hilárias palavras de gozação. Mas nós éramos as únicas pessoas na loja.

Ele foi tranquilamente até o mixer e eu olhei para os lados enquanto ele colocava dois vinis nas pick-ups e botava os fones. Alguns segundos depois, o som de uma faixa rara de discoteca anos 70 saiu das caixas de som. Ele deu uma risada debochada para mim como se estivesse esperando que eu o aplaudisse. Eu me virei e continuei a fantasiar com os discos. Fiquei na loja mais uns cinco minutos, olhei o relógio e decidi voltar. Quando eu saí, ele estava fazendo a passagem para outra música dance dos anos 70 e rindo para si mesmo, satisfeito.

De volta à escola, encontrei Keesha e Becky no banheiro, cinco minutos antes de começar a aula de história. Keesha estava experimentando dois novos gloss. Becky imitava sua personal stylist e batia nas costas de Keesha, dando os parabéns a ela.

"Qual o motivo da comemoração?", perguntei.

"Keesha acaba de mandar o melhor e-mail da história", disse Becky, sorrindo.

"Para quem?", perguntei.

"Para o Tim", explicou Keesha. "Achei que devia dizer a ele como tratar uma garota direito."

"Boa", eu disse, sorrindo.

"Nós procuramos você para nos ajudar a escrever", disse Becky. "Mas você tinha sumido. Aposto que estava na Tune Spin com o charmoso Rix."

Assenti. Eu sempre reclamo para elas dos meus encontros com Rix e da grosseria dele.

"Comprou alguma coisa?", perguntou Keesha.

Balancei a cabeça. "Sem dinheiro", respondi.

"Quando você ficar milionária", disse Becky, "vai comprar a loja toda e se livrar de Rix."

Nós três rimos e saímos do banheiro. No corredor, a meio caminho da aula, começamos a ouvir os rumores, que se alastraram como fogo.

"Mad Max está vindo aí. Mad Max está vindo aí."

Jeffrey Maxwell é o nosso diretor. Ele é um homem grande, com ombros enormes, orelhas carnudas, olhos verdes e barba bem aparada. Eu achava que você tinha de gostar de crianças, pelo menos um pouquinho, se quisesse virar professor. Mas afinidade com jovens não era um dos requisitos da profissão de Mad Max. Ele estava na Cahill havia cinco anos e já tinha deixado bem claro que, se algum de seus pupilos saísse um milímetro da linha, seria banido da escola antes que pudesse soletrar "problemas de disciplina". Todo mundo na Cahill, sem exceção, no mínimo temia Mad Max, se não fosse totalmente aterrorizado pelo homem. Quando ele está procurando alguém, o melhor a fazer é abrir espaço.

Nós olhamos aquela figura imponente marchar pelo corredor

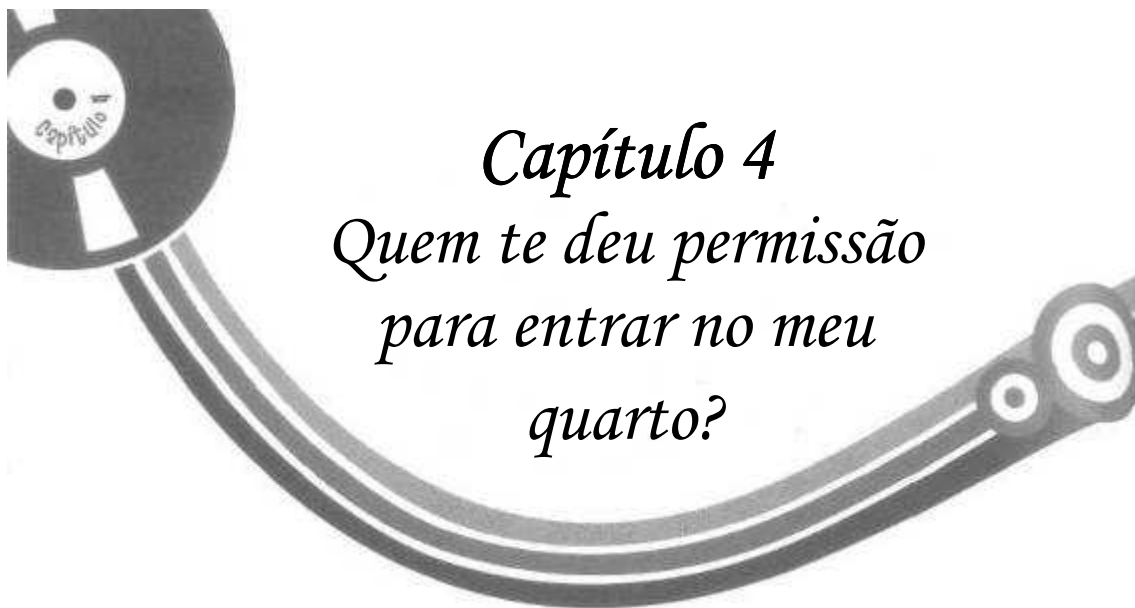
enquanto os alunos saiam do caminho como ratos desesperados tentando fugir de um gato selvagem. Ele foi se aproximando lentamente, dizendo aos alunos que o almoço havia acabado e era hora de ir para a sala de aula. Ele veio em nossa direção e nós encostamos na parede para deixá-lo passar. Mas, para nosso choque e desespero, ele parou ao nosso lado.

“Zoe Wynch?”, ele latiu para mim.

Os outros garotos no corredor olhavam em transe estupefato. Keesha e Becky estavam grudadas em mim, olhando a cena aterrorizadas.

“Sim, sr. Maxwell”, sussurrei.

Ele ficou me encarando por dez segundos, que pareceram séculos, e falou novamente, pronunciando cada palavra muito cuidadosamente, como se estivesse dando uma sentença de morte.

“Meu escritório. Amanhã, às oito e meia da manhã.”

# Capítulo 4
## Quem te deu permissão para entrar no meu quarto?

*Eu precisava me aconselhar com Zak.* Quando cheguei em casa, tudo estava quieto. Por um lado, isso era bom, já que eu não queria mamãe e papai ouvindo qualquer coisa sobre minha visita, amanhã, ao escritório de Mad Max. Por outro, ruim, já que Zak não estava. Tentei ligar no celular dele, mas estava desligado. Então joguei minha mochila na cama e fui até a cozinha pegar algo para comer. Enquanto devorava um sanduíche de cream cheese e picles, pensei em todos os motivos possíveis para Mad Max querer falar comigo. Mesmo usando as partes mais inteligentes do meu cérebro, não cheguei a nenhuma conclusão e telefonei para Keesha.

“Estou ficando louca”, eu disse. “O que será?”

“Não faço idéia”, ela respondeu. “Mas não adianta você ficar em casa, sozinha, preocupada com isso. Eu vou ligar para a Becky e a gente se encontra no Tony’s.”

“Talvez eu seja expulsa”, disse, depois de pedirmos nossos cafés, vinte minutos mais tarde.

“Por quê?”, perguntou Becky. “Estar fora dos parâmetros de moda do Mad Max?”

“Ele pode querer te dar um prêmio de ouvinte mais atenta na aula da srta. Devim”, Keesha debochou.

Caímos na risada.

De repente eu parei de rir e fechei a cara. “Pô, é sério.”

“Talvez seja um engano”, disse Keesha. “Mad Max deve ter confundido você com outra pessoa.”

Não era por aí. Quando se tratava de uma advertência, Mad Max sabia exatamente quem era seu alvo. O cara era profissional.

Depois de uma hora de discussão, nenhuma de nós tinha levantado qualquer razão lógica para o meu problema, então me levantei.

Keesha ficou surpresa. “Você não pode ir ainda”, pediu. “Não chegamos a nenhuma conclusão.”

“Não estou pronta para passar a noite no Tony’s”, respondi. “Terei que esperar até amanhã de manhã.”

“Só mais meia hora”, disse Becky. “Mesmo que a gente não descubra, eu preciso ficar o tempo que puder fora de casa. Phoebe está me deixando louca. Ela só tem nove anos, pelo amor de Deus, mas me pede tudo emprestado: maquiagem, roupas. Uma figura.”

Eu esbocei um sorriso amarelo. “Obrigada pela ajuda, garotas, mas eu vou nessa.”

“O que você vai fazer?”, Keesha perguntou.

“Preciso passar um tempinho mixando.”

Imediatamente elas fizeram aquela cara de “Por favor, poupe-nos dos detalhes musicais”. Ambas prometeram me ligar mais tarde se pensassem em alguma coisa. Mas eu não ficaria esperando ao lado do telefone.

No caminho de casa, parei na Store Room. É aquele tipo de loja que vende absolutamente de tudo. Eu escolhi uma pasta divertida que custava exatamente o quanto eu tinha no bolso. Enquanto isso, pensava em qual música ia tocar primeiro quando chegasse em casa. No final do corredor de frutas e verduras, de repente, fiquei imóvel.

Josh Stanton estava em frente à seção de jornais e revistas, folheando atentamente uma revista de futebol. Eu fiquei parada alguns segundos, olhando para ele. Ele estava tão lindo e aquele cabelo com gel era incrivelmente fofo.

Por que eu tinha de escolher justamente ele? O cara está na liga dos superbonitos. Mesmo que eu passasse por uma transformação facial completa, incluindo uma operação para aumentar o nariz, nem assim eu teria chance com ele.

Senti um esbarrão quando um jovem casal tentou desviar o carrinho de supermercado da garota maluca com os olhos vidrados e a boca aberta. Rapidamente saí do transe e peguei a primeira coisa ao meu alcance. Era um maço de brócolis, que eu ergui para esconder o rosto caso Josh se virasse e me visse babando por ele. Fiquei ali mais alguns instantes, espiando detrás da folhagem verde. Por alguns segundos, senti um impulso de me livrar da inibição, ir até Josh e dar um beijo enorme nele. No entanto, havia alguns problemas com esse plano: A) Ele provavelmente queria apenas ler sua revista, sem ser interrompido por um beijograma carregando brócolis; B) Ele poderia ficar horrorizado e chamar a segurança; C) Ele tinha uma namorada.

“Zoe.”

Eu olhei em volta.

Gail Simmonds estava logo atrás de mim — a pessoa que eu menos queria que me visse naquela situação. Ela ficou parada lá, olhando para mim com cara de interrogação. Minhas bochechas ficaram roxas.

Meu Deus! Há quanto tempo ela estava ali? Será que ela sabia que eu estava olhando Josh? Ela estava prestes a me deixar terrivelmente constrangida?

Para desviar a atenção dela do meu rubor, rapidamente comecei a cheirar o brócolis e a balançar a cabeça em sinal de aprovação.

“Fresco e bonito”, eu disse, antes de pegar uma couve-flor.

Fresco e bonito! Desde quando eu era a Quitandeira do Ano?

“E aí?”, ela perguntou.

Ela tinha ou não tinha me visto espiando Josh?

“Só estou comprando algumas verduras”, balbuciei.

“Que interessante”, ela disse, sem nenhum interesse.

Meu cérebro tinha de funcionar rápido e pensar em algo para dizer.

“É o aniversário do meu pai e eu vou cozinhar para ele.”

Convincente?

“Isso é muito fofo”, disse, condescendente.

Calma, Zoe. Ela não viu você. Se tivesse visto, já teria dito alguma coisa. Ela não faz idéia de que você é louca pelo Josh. Ela não se ligou.

“Ok”, ela disse.

“Certo”, respondi.

De repente, sem aviso, ela chamou: “Josh!”.

Ele levantou os olhos da revista, colocou-a na prateleira e começou a andar na nossa direção.

Eu precisava arrumar um jeito de sair dali rapidamente.

“Tenho de ir”, expliquei. “Vou demorar séculos para preparar a receita.”

“A gente se vê”, ela disse.

Josh estava há alguns metros de distância e eu me apressei. Sorri para Gail e saí andando pelo corredor de frutas e verduras. Tive sorte de escapar, mas poderia ter sido horrível. Corri para o caixa.

Quando cheguei em casa, Zak estava no hall, pronto para sair.

“Como estão as coisas?”, ele perguntou, vestindo a jaqueta.

“Uma loucura”, respondi. “Papai e mamãe estão em casa?”

“Papai está tocando num evento gospel no centro, mas mamãe está por aí. Aconteceu algum problema no computador dela no trabalho. Ela perdeu um monte de coisa e, por algum motivo

estúpido, não tinha feito backup. Ela está irritadíssima, então fica longe.”

“Aonde você vai?”, perguntei.

“Encontrar Laura. Talvez a gente vá ao cinema.”

Ele deu uma espiada na sacola plástica branca e azul que eu carregava.

“Por que você comprou brócolis e couve-flor?”

“É uma história muito complicada”, disse. “Antes que você saia, eu preciso te contar uma coisa.”

Rapidamente, resumi a história da minha convocação ao escritório de Mad Max.

“E você não faz idéia do porquê?”, ele perguntou, dando pouca importância.

Eu balancei a cabeça e sussurrei: “Não, e não diga nada a mamãe e papai”.

“O que você acha que eu sou?”, ele perguntou.

“Tá bom, tá bom”, respondi.

“Você se meteu em confusão?”, ele perguntou.

“Não.”

“Você andou cabulando aula?”

“Não.”

“Bateu em alguém?”

“Não.”

“Então não esquenta a cabeça”, ele disse. “Não deve ser nada.”

Uma visita ao escritório de Mad Max nunca é “nada”.

Ele se despediu e foi encontrar Laura.

Eu subi as escadas na ponta dos pés. Dava para ver, por baixo da porta, que a luz do escritório de mamãe estava acesa. Eu passei bem rápido. Ela provavelmente ia ficar acordada até de madrugada, xingando o computador, com raiva e frustrada. Eu abri a porta do meu quarto e me deparei com uma visão totalmente desagradável.

Em vez de estar ocupada tentando cumprir seus prazos

inadiáveis, mamãe estava sentada na minha cama. Meu material escolar estava espalhado na frente dela. Ela examinava as páginas do meu caderno de inglês.

"O que está acontecendo?", perguntei, desconfiada.

Ela fechou o caderno e me olhou com aquela expressão de "mãe séria".

"Eu só estou olhando sua lição", disse.

"Dá para ver", respondi. "A pergunta é, quem te deu permissão para entrar no meu quarto e me espionar? Eu tenho quatorze anos, não quatro!"

"Eu não estou espionando você e não preciso de permissão para entrar. Só estou vendo se está tudo bem."

"Está tudo bem."

"Bom, então não tem nenhum problema eu checar."

"Eu não fico checando seu trabalho."

"Não seja faceciosa."

Por que os pais usam palavras difíceis para se defender? Eles realmente acham que a gente não entende?

"O que significa faceciosa?"

Mamãe olhou para o teto. Eu bati o pé no chão como criancinha.

"Por que você não espera a reunião de pais e mestres para checar minha lição como todos os outros pais do planeta? E, caso você não tenha percebido, hoje não tem reunião. A não ser que haja um monte de professores escondidos no meu armário."

Ela não riu da minha piada incrível.

"Calma, Zoe", ela disse.

Esse é outro truque dos pais. Eles deixam os filhos nervosos e depois pedem calma.

"Eu estou calma", disse, entre os dentes.

"Bom, posso dizer que estou contente de ter feito isso."

"O que você quer dizer?"

“É sua lição, Zoe.”

“O que tem ela?”

“Não está... não está tão boa como costumava ser.”

“Do que você está falando?”

“Sua lição definitivamente caiu de qualidade.”

As palavras dela pairaram no ar alguns segundo enquanto eu tentava pensar numa resposta.

“Tenho certeza que tem a ver com o fato de você ter comprado essa aparelhagem de DJ. Eu nunca deveria ter consentido.”

“De novo não!”, reclamei.

Mas ela estava a toda.

“Estou preocupada que essa mania de DJ esteja tomando conta da sua vida. Tudo bem ter um hobbie, mas quando você passa mais tempo fazendo isso do que a lição de casa, então há algo errado. Acho que seus trabalhos poderiam ser muitos melhores se você passasse mais tempo neles do que com seus discos.”

Hobbie? Essa mulher tinha perdido completamente a cabeça?

Tentei com todas as minhas forças falar tranqüilamente.

“Algum dos meus professores reclamou de mim?”

Esse é sempre uma boa estratégia de contra-ataque — fazer uma pergunta que você sabe que pode reforçar seu ponto de vista. Distrai momentaneamente qualquer pai.

Ela ficou pensativa por alguns instantes.

“Aí está”, eu disse. “Já voltamos às aulas há algumas semanas. Se alguém tivesse alguma coisa do que reclamar, já teria feito.”

“Essa não é a questão, Zoe.”

“Claro que é!”, insisti, aumentando o tom de voz. “Os professores são os responsáveis pela minha educação, não você!”

“Às vezes os professores não têm tempo suficiente para olhar sua lição. Eles são bem-intencionados, mas têm centenas de outros cadernos para corrigir. Só estou dizendo que sua lição de casa está sendo prejudicada por essa coisa de DJ.”

“Isso é bobagem”, eu disse. “Eu separo totalmente o tempo de tocar e de fazer lição de casa. Não fico o tempo todo nas pick-ups. E estou indo bem na escola.”

Mamãe balançou a cabeça e voltou a olhar meus livros. Ela abriu novamente meu caderno de inglês. Um pensamento totalmente perturbador surgiu na minha cabeça.

Talvez essa não tenha sido a primeira vez que ela olha meus cadernos. Talvez ela esteja me espionando há séculos. De que outro jeito ela saberia que a qualidade da minha lição decaiu?

E então eu saquei.

Esse era o motivo que me fez ser convocada por Mad Max. Era culpa de mamãe. Ela deve ter falado sobre as preocupações DJ/escola e pediu para ele me dar um sermão.

De posse dessa nova informação, olhei para ela furiosa. Fui até minha cama e arranquei o caderno de inglês das mãos dela. A capa rasgou enquanto eu puxava.

“Como você se atreve!”, ela disse, zangada.

Mas eu não estava com humor para ser uma pessoa civilizada.

“Como VOCÊ se atreve”, eu gritei. “Por que não falou comigo antes?”

Eu não podia acreditar. Minha própria mãe procurando Mad Max pelas minhas costas.

“Estou falando com você”, ela respondeu. “Pelo menos é o que estou tentando fazer.”

Mas eu já tinha saído do quarto, com o caderno apertado contra o peito como se fosse um pintinho recém-nascido. Ela gritou para que eu voltasse, mas eu desci as escadas correndo.

Dessa vez ela realmente tinha passado dos limites. Usar Mad Max para reforçar sua atitude estúpida sobre o fato de eu ser DJ era demais.

Peguei meu celular e minhas chaves na mesa da cozinha e escancarei a porta da frente. Fui até a calçada e liguei para Keesha.

Ela e Becky ficaram tão horrorizadas quanto eu. A verdade sobre o encontro com Mad Max era mais chocante do que as nossas piores fantasias.

Mamãe tinha sido cruel.

Doía

Era traição.

# Capítulo 5
## Uma chance para mim

*Tânia: Então, como é ser traída?*

Zoe: É perturbador. Eu estou muito decepcionada. Odeio a idéia de pessoas falando sobre mim — a não ser, é claro, os fãs. E obviamente não me importo com quem fala de mim para Luigi.

Tânia: Você está se referindo ao lendário estilista de sapatos esportivos Luigi Trellino?

Zoe: Exatamente, Tânia. Estou a par do que anda acontecendo, mas sei também que a maior parte dessas fofocas tem boas intenções e leva em conta os meus interesses.

Tânia: Como assim?

Zoe: Bem, posso revelar que uma pessoa — que deve continuar anônima — disse a Luigi que eu seria a primeira a usar seus novos tênis Sparkjet. Depois de pensar muito, eu aceitei.

Tânia: Ooh! Por favor, conte-nos sobre os tênis.

Zoe: Tudo o que posso dizer é que eles têm diamantes e rubis e valem milhões. Vários ícones pop e jogadores de futebol estão loucos para usá-los. Mas Luigi os ofereceu a mim primeiro.

Tânia: E em que ocasião especial você vai mostrar esses tênis para o mundo?

Zoe: Essa é uma decisão difícil, Tânia. Vou apresentar o MTV Europe Awards no mês que vem. Em seguida, vou a algumas premières de cinema e a uma grande festa de aniversário de uma

celebridade de reality shows totalmente mão-aberta e realmente estúpida. Depois disso tudo, há o convite para jantar no Palácio.

Tânia: Você está falando da nova e descolada casa noturna em Roma?

Zoe: Não. Estou me referindo ao Palácio — Palácio de Buckingham.

Tânia: Impressionante!

Zoe: Sim, fiquei muito feliz quando eles me procuraram. Soube que a comida lá é excelente.

Tânia: E os Sparkjets?

Zoe: Estou tentada a usá-los. No entanto, um consultor me avisou para não desviar totalmente os holofotes das mulheres da família real. Aparentemente elas podem ficar um pouco incomodadas de ser ofuscadas pelos sapatos dos outros.

“Você já pode entrar.”

Olhei para cima e vi a sra. Perkins, a secretária da escola, debruçada na abertura que dava para a sua sala, apontando para a porta de Mad Max. Ela olhava para mim com cara de interrogação — tentava descobrir o motivo que tinha me levado até ali. Mesmo se eu soubesse o que Mad Max queria comigo, não contaria a ela de jeito nenhum. Ela era a maior fofoqueira num raio de cinco quilômetros.

Keesha e Becky esperavam por mim do lado de fora, ainda em choque pelo fato de mamãe ter procurado Mad Max sem eu saber.

“Sei que a sua mãe é um pouco linha-dura, mas isso é totalmente acima do aceitável”, Becky havia dito minutos antes.

“É só bater na porta”, disse a sra. Perkins, desapontada por eu não contar o que fazia ali.

Encostei o ouvido na porta, mas tudo o que pude ouvir foi o som abafado de alguém falando ao telefone. Bati duas vezes e ouvi um grunhido de “Entre”. Tentei me concentrar no que estava para

acontecer, mas era difícil. Eu ainda me sentia muito ferida pelo que mamãe fez. Desde que saí em disparada do quarto na noite anterior, não dirigi uma *palavra* sequer a ela. Ela tentou conversar comigo várias vezes, mas fiquei em silêncio. Continuava a me perguntar, Como ela pôde fazer isso comigo? E agora eu estava na porta do escritório de Mad Max *por causa dela.*

Eu nunca tinha entrado lá. Certo, eu já tinha me metido em confusão algumas vezes (por coisas pequenas, como conversar demais na aula ou atrasar para entregar os trabalhos de matemática — TÃO chatos), mas esses problemas tinham sido resolvidos pelo orientador. O escritório de Mad Max era um território novo para mim. Girei a maçaneta e entrei.

A sala era um grande quadrado com uma mesa no canto e um monte de prateleiras com centenas de pastas multicoloridas. A maioria delas cheia de papéis. Ele estava sentado à mesa, olhando fixamente para a tela do computador enquanto falava ao telefone.

"Eu já tentei devolver e nada aconteceu", resmungou. "Agora estou com uma aluna aqui e tenho de desligar. Mas espero resolver isso mais tarde."

Ele colocou o telefone no gancho e olhou irritado para o monitor durante alguns segundos.

Fiquei parada perto da porta, sem jeito e sem saber o que fazer. Sem levantar os olhos, ele apontou para uma cadeira verde em frente à mesa.

Atravessei a sala e me sentei rapidamente, esperando a bomba explodir.

Ele se virou na minha direção.

"Zoe", disse.

Eu semicerrei os olhos, como se isso pudesse me proteger da pancada inevitável.

"Chegou aos meus ouvidos que..."

Essas palavras ficaram suspensas no ar por alguns instantes e

eu tentei completar a frase mentalmente.

*... Sua lição de casa é abominável — e sua mãe pediu que eu fizesse um sermão de trinta e oito horas sobre isso.*

*... Sua vida social está acabada para o resto da vida.*

*... Seus trabalhos de matemática são tão ruins que você foi escolhida para um transplante de cérebro.*

"... que você é uma ótima DJ."

Essas palavras me deixaram totalmente em pânico. Eu tinha ouvido certo? Ele tinha pronunciado aquelas seis palavras numa outra língua, parecida com o inglês, mas que na verdade significavam *você é uma desgraça para todo o sistema educacional?* E como ele sabia que eu sou DJ?

Mas eu tinha pouco tempo para pensar sobre isso.

"A questão é", continuou ele, "que eu concordei em fazer uma festa aqui na escola, sábado à noite, no mês que vem. Vai ser na sala de convivência do preparatório para a universidade. Eu não estava muito convencido a princípio, mas acho que isso vai manter alguns de nossos alunos longe das ruas — pelo menos por uma noite."

Eu estava paralisada.

"Obviamente não haverá bebidas alcoólicas e será proibido fumar, mas acredito que não poderemos impedir as pessoas de dançarem."

Ele esboçou um sorriso tímido.

Olhei para ele surpresa.

Mad Max fazendo piada? Isso estava ficando surreal.

"Em resumo", disse, "gostaria que você ficasse responsável pela música."

Eu estava em choque.

"Devo dizer que não havia pensado nesse aspecto inicialmente", continuou. "Achei que algumas fitas bastavam. Mas os alunos do preparatório disseram que deveríamos ter um DJ e um deles mencionou o seu nome. O que você me diz?"

Eu queria dizer *Deixe de ser ridículo e diga logo qual é a minha punição,* mas achei que isso poderia ser um pouco estúpido. Naquele instante duas frases competiam na minha cabeça. Uma era ESSA É A PROPOSTA MAIS BRILHANTE QUE EU JÁ RECEBI. E a outra E SE EU NÃO FOR BOA O SUFICIENTE E ACABAR PAGANDO DE IDIOTA COMPLETA?

Mas eu só podia dar uma resposta.

"Ok", consegui dizer. "Eu toco."

Um grande alívio tomou conta da expressão de Mad Max, como se ouvir o meu sim significasse fechar o acordo mais importante da vida dele.

"Ótimo. Tudo acertado então. Agora você só tem de me dizer que tipo de equipamento vai precisar e eu providencio."

Enquanto eu olhava Mad Max, de repente percebi que minhas suspeitas sobre mamãe ter falado com ele sem eu saber eram totalmente infundadas. Por sorte eu não havia dito uma palavra sobre isso para ela. Para mamãe, eu estava brava porque ela tinha xeretado nos meus livros.

Deveria ter sido Keesha ou Becky quem falou a Mad Max sobre eu ser DJ. Mas quem abordou quem? E por que elas não me contaram, em vez de me deixar naquele suspense todo? Elas poderiam ter me poupado horas de preocupação.

"Bom", ele disse repentinamente, voltando ao seu computador. "Conversaremos de novo em breve. Agora você pode ir."

Eu me levantei e saí daquela sala atordoada. A Sra. Perkins espiava de seu escritório. Ela estava claramente desesperada para saber qualquer coisa sobre a minha reunião com Mad Max. Eu sorri docemente e não disse nada. Saí correndo pelo corredor. Becky e Keesha não conseguiam se conter.

"E AÍ?", gritaram assim que me viram.

Observei os rostos das ruas cuidadosamente. Não sabia se ficava brava ou maravilhada.

“Valeu”, disse, sorrindo.

Keesha olhou para Becky. Becky olhou para Keesha. As duas olharam para mim.

“O que você quer dizer com isso?”, Becky perguntou. “O que sua mãe disse a ele?”

“Mamãe não disse nada a ele.”

“E a história de ela xeretar seus livros e falar com ele pelas suas costas?”, Keesha perguntou.

“Não tinha nada a ver com a minha mãe”, respondi. “Outra pessoa, ou, devo dizer, outras pessoas, conversaram com ele.”

Olhei para a expressão de confusão no rosto das duas e percebi que, ou elas eram as melhores atrizes do país, ou realmente não sabiam porque Mad Max havia me chamado.

“Não foram vocês que falaram com ele?”

“DO QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO?”, Keesha explodiu.

Elas estavam realmente confusas. Não tinham sido elas. Era melhor eu contar o que havia acontecido.

“Ele me pediu para ser DJ numa festa da escola”, expliquei. “Disse que alguém mencionou meu nome. Tinha certeza que haviam sido vocês.”

“Não fomos nós, mas isso é fantástico!”, disse Keesha, rindo.

“É brilhante!”, gritou Becky. “Não dissemos uma palavra. Tem certeza de que você não se meteu em confusão? Você não está inventando isso para escapar da humilhação?”

“É verdade”, sorri. “Meu primeiro show, oferecido de bandeja por Mad Max, entre todas as pessoas.”

“Fantástico”, disse Keesha. “Parabéns.”

“Muito bom!”, Becky gritou.

“Só uma coisa”, eu disse. “Se não foram vocês, quem contou a ele que eu sou DJ?”

As duas encolheram os ombros.

“Não faço a menor idéia”, disse Becky.

“Nem eu”, completou Keesha.

Não demorou para descobrirmos o culpado.

Cinco minutos depois, no parquinho, Dan veio nos encontrar.

“E aí, Zoe? Como foi lá com Mad Max?”

Olhamos para ele totalmente surpresas.

“Foi você?”, Becky perguntou.

“Claro”, disse Dan, sorrindo. “Ele estava no nossa reunião com o orientador, falando da festa na escola. Disse que alguns alunos tinham sugerido contratar um DJ e eu disse que conhecia um.”

“POR QUE VOCÊ NÃO CONTOU PRA GENTE?”, Becky gritou.

“Eu não sabia se ia dar em alguma coisa, então achei que não deveria falar nada.”

“Nós estávamos totalmente em pânico!”, continuou Becky.

“E como você sabe que eu sou boa?”, perguntei a Dan, ainda digerindo a notícia.

“Eu estava no aniversário da Phoebe, lembra? Você estava tocando e foi ótimo. Então lembrei de você quando surgiu o assunto. Tudo bem?”

Sorri, orgulhosa.

“Tenho de ir agora”, ele disse, “mas encontro vocês mais tarde.”

“Muito bom, para o Dan”, Keesha disse quando ele saiu.

Dei um salto. “DJ Zed faz seu primeiro show.”

“Vai, garota”, Becky disse, rindo.

Parei de rir de repente. Além da possibilidade de minha atuação como DJ ainda não estar totalmente afiada para o primeiro show, havia um outro probleminha.

Mamãe.

Pensei nisso o dia todo. O que ela diria? Papai estava no papo, mas ia ser bem mais difícil convencer mamãe. Ela já tinha deixado bem claro qual sua opinião sobre a questão lição de casa/DJ, e a perspectiva de eu fazer um show (mesmo com a bênção de Mad Max) não seria uma boa notícia para ela. Eu teria de treinar muitas horas

a mais para ficar no ponto para a festa, e ela podia simplesmente dizer não. Se eu quiser receber a aprovação dela, teria de usar todo o meu poder de persuasão. No caminho de casa, me preparei para a batalha.

"Oi mãe. Como foi o seu dia?", perguntei, como quem não quer nada, ao entrar na cozinha.

Ela me olhou desconfiada antes de responder.

"Foi bom, obrigada — e o seu?"

"Foi excelente. A srta. Devlin ficou muito satisfeita com meu ensaio sobre Otelo." (Mentira pura — eu não tinha nem começado a fazer o trabalho.)

"Bom", ela respondeu. "Você ainda está brava comigo porque eu olhei seus livros ontem?"

"Ah, isso...", eu disse, calmamente. "Claro que não. Fiquei com raiva por dois minutos." (Outra mentira completa — eu ainda estava furiosa.)

Passei os dez minutos seguintes trocando gentilezas e conversando animadamente — mostrei interesse num banco francês que ela estava projetando e ri da estupidez de um certo colega de trabalho.

Quando papai entrou na cozinha, soube que havia chegado o momento.

"Mãe, pai", comecei a falar, encostada numa cadeira. "Preciso contar uma coisa."

Os dois se viraram simultaneamente para mim, como se eu os controlasse com um joystick.

"Diga", disse mamãe.

"O sr. Maxwell me chamou para conversar hoje."

A expressão de ambos subiu dois graus na escala de preocupação paterna. "Ah, é?", disse mamãe.

"Ele me pediu para ser DJ numa festa da escola."

Papai balançou a cabeça, pensativo. "O que você acha, Ange?"

Isso significava a aprovação dele.

Mamãe levantou uma sobrancelha. Bateu os dedos na mesa por alguns segundos.

“Não sei”, começou. “Já concordei com os sábados na rádio. Não quero que você fique o tempo todo se preparando Para essa festa. Isso pode fazer você deixar sua lição de casa de lado.”

“Talvez isso faça eu me aplicar mais”, contra-argumentei.

“Como você vai fazer isso?”, ela perguntou.

“Vou seguir uma programação rígida e não vou ficar só praticando.”

Ela olhou para papai e depois para mim. Suspirou um daqueles suspiros que demoram uma eternidade.

“Ok, Zoe”, disse. “Você pode tocar, mas eu vou ficar no seu pé para você cumprir a promessa de estudar mais.”

Valeuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu!

Eu corri e a abracei.

Papai afagou minhas costas.

“Parabéns, Zoe”, ele disse.

Saí rapidamente da cozinha, rindo feito louca.

Só conseguia pensar numa coisa.

Primeira parada, festa da escola.

Segunda parada, superestrelato.

# Capítulo 6
## Minha vida de conselheira sentimental

*"Essa custa quinze libras", Rix falou, azedo.*

Era hora do almoço da sexta-feira. Eu tinha passado a semana completamente atordoada — ficava lembrando o tempo todo que tinha sido contratada para meu primeiro show. Ok, Mad Max era o contratante, mas todo mundo tem que começar de algum lugar.

Estava na Tune Spin com a missão de comprar uma bolsa para discos. Nenhum DJ pode se atrever a ser visto sem uma bolsa dessas: A) para carregar os discos; B) como uma declaração de atitude e moda. E, mais importante, C) para fazer sua primeira apresentação de verdade. Zak me emprestou vinte libras para eu me segurar enquanto não recebia a mesada.

"Não seria melhor uma bolsinha?", Rix gracejou.

O cara era tão engraçadinho que eu me curvei de tanto rir. Ele deveria participar de uma gincana para FRACASSADOS. Rix estava a um metro de distância, com cara de desaprovação, enquanto eu escolhia outra bolsa e a examinava cuidadosamente. Ele se virou e resmungou para si mesmo.

"E esta aqui?", perguntei, apontando para uma prateada, com um logotipo circular escrito Disc Power.

"Vinte libras", ele respondeu.

"Vou levar", anunciei, decidida.

“Você tem certeza?”, perguntou, zombando. “Não está um pouco acima do que você pode pagar?”

Tirei a nota de vinte libras do bolso e enfiei na mão dele.

“Não gaste tudo de uma vez”, disse, rindo, enquanto colocava a bolsa do ombro e saía da loja. Quando olhei para trás, ele estava segurando a nota contra a luz e balançando a cabeça. Ficou desapontado que o dinheiro não era falso.

Chegando em casa depois da aula, fui direto para o quarto, fechei a porta e fiquei em silêncio por uma hora e meia. Sabia que mamãe estava felicíssima de eu estar estudando. Quando digo “estudando”, quero dizer realmente dando uma olhadinha nos livros de vez em quando enquanto fazia a milionésima e a milionésima primeira mudança no set list da festa. Não que eu tenha a maior coleção de discos e não consiga me decidir entre as opções. Eu sabia quais músicas iria tocar — só não sabia em que ordem.

Durante o jantar eu me comportei perfeitamente, como tinha feito durante toda a semana. Não ia estragar tudo de jeito nenhum. Mamãe estava visivelmente impressionada com a minha dedicação à lição de casa. Ela parecia contente de conversar comigo durante uma refeição agradável, em vez de me assistir devorar toda a comida e sair correndo para pegar o melhor lugar no sofá.

Apesar de ser sexta à noite, eu não estava com a menor vontade de sair. Keesha e Becky tinham me convidado para ir a uma festa na casa de um amigo de Dan, mas eu recusei. Depois do jantar, mixei por umas duas horas e fui tomar um longo banho de banheira. Fui para a cama às onze e quinze. Mamãe e papai já estavam dormindo e Zak tinha ligado para avisar que iria ficar na casa de um amigo. Eu estava para apagar a luz do meu quarto quando o celular tocou.

“Zoe. E o Dan.”

“Oi Dan.”

“Você está acordada?”, ele perguntou.

“Não, estou dormindo e falando com você.”

“Engraçadinha. Olha só, eu estou aqui perto da sua casa e estava pensando se a gente podia conversar um pouco.”

“Becky e Keesha estão com você?”

“Não. Keesha foi pra casa há séculos e eu acabei de deixar Becky em casa — a festa estava um saco.”

“Sobre o que você quer conversar?”

“Eu digo quando chegar aí.”

Olhei para o relógio.

“Ok”, disse.

“Vejo você em cinco minutos.”

“Ta bom.”

Esperei alguns minutos, saí debaixo do edredon e coloquei uma malha por cima do pijama.

Desci as escadas em silêncio e fui até a porta da frente.

Dan estava sentado na entrada, com frio e infeliz.

“É sobre a Becky”, ele disse um pouco sem jeito.

Eu disfarcei um bocejo. A última coisa que eu queria fazer àquela hora era começar uma seção de aconselhamento matrimonial. Que tipo de ajuda eu poderia dar, quando sequer tinha um namorado? Por outro lado, ele era amigo de Josh Stanton e, se eu o ajudasse, ele poderia me agradecer dizendo a Josh que eu era a garota mais sensacional da cidade. Ou algo parecido.

“Eu preciso de uma perspectiva feminina sobre algumas coisas”, ele disse com um olhar esperançoso.

Eu esfreguei os olhos.

“É melhor você entrar”, falei, sonolenta.

# Capítulo 7
## Loucura cinematográfica

***Eu trabalhei até morrer no dia seguinte na CHILL.*** Parecia que todo mundo precisava de cópias ao mesmo tempo. Jade estava na mesa dela, com os fones de ouvido, diante de uma enorme pilha de CDs. Ela pegava um por um e anotava furiosamente numa folha de papel. Alguns ficavam poucos segundos no CD player, outros eram ouvidos mais longamente. Mesmo correndo para lá e para cá, não tirei os olhos dela, esperando por uma chance para tentar conversar sobre Reel Love.

Por volta das duas da tarde, eu tive de lutar contra um papel preso na copiadora. Todas as luzinhas da máquina começaram a piscar e eu fiquei com medo de que, caso não resolvesse o problema, aquela coisa iria levantar vôo pelo escritório. Assim que consegui tirar o papel, percebi Jade esticando os braços para pegar os sanduíches que carregava na bolsa. Esperei alguns instantes e fui até ela.

Ela estava limpando a boca num guardanapo quando cheguei perto. A carranca estava particularmente amarrada nesse dia.

“Oi Jade”, eu disse. “Como estão as coisas?”

Ela olhou para mim irritada.

Percebendo toda aquela antipatia, eu deveria ter virado as costas e ido embora, mas estava curiosa sobre aquela montanha musical.

“Para que são esses CDs?”, perguntei.

No papel em cima da mesa dela estava escrito, em letras garrafais — SINGLES DA SEMANA — acima de quatro colunas: nome do artista, título do single, veredicto, número de estrelas. Dei uma lida rápida no que pude. Havia dez registros, e os veredictos eram coisas como: *Melodia suingada, produção terrível* e Boas *batidas, canção sem melodia.* O número de estrelas variava de dois a quatro, com somente uma faixa recebendo cinco estrelas.

Ela bufou bem alto. “Eu tenho de ouvir todas essas músicas novas e selecionar algumas para levar à reunião de produção onde vamos escolher o ‘Single Revelação’. Então, como você pode ver, estou muito ocupada.”

“Ok”, respondi, percebendo que não era um bom momento para tocar no assunto Reel Love. “Posso ajudar em alguma coisa?”

Ela balançou a cabeça negativamente.

Quando eu estava indo embora, ela me chamou.

“Na verdade, tem uma coisa que você pode fazer por mim.”

Arregalei os olhos, ansiosa.

“Você pode me trazer um café com leite?”

Tentei muito mesmo disfarçar minha frustração.

Na cozinha minúscula, enquanto despeja água fervente numa caneca, analisei qual havia sido meu progresso com Jade até então. Tinha visto alguma rachadura, por minúscula que fosse, naquela armadura? Ela tinha ficado pelo menos um pouquinho mais simpática comigo? Eu estava chegando mais perto de conhecer Reel Love?

Apesar de examinar essas questões por todos os ângulos possíveis e usar de um otimismo parecido com o de Keesha, eu sabia que a resposta para todas elas era muito clara.

Não.

“Vaca metida!”, exclamou Keesha, depois que eu contei minha

conversinha com Jade.

"Quem ela pensa que é?", disse Becky. "Ela nem é famosa."

Estávamos esperando para comprar as entradas para a sessão das oito e quarenta e cinco de *Deixando rolar* — um filme canadense sobre uma garota pressionada pelos pais para ser modelo, mas que tinha planos muitos diferentes para a própria vida. Normalmente, Dan teria vindo conosco (ele sempre sai com a gente aos sábados à noite), mas havia um jogo de futebol na TV e ele foi assistir na casa de um amigo.

O cinema New Valley estava lotado. Tinha sido inaugurado havia poucas semanas. Ele fica num daqueles shoppings gigantes, fora da cidade, onde você se sente no meio do nada. Quando você entra, imediatamente fica fascinado pelos telões suspensos passando trailers de filme. Tudo naquele lugar é brilhante e caro. A bombonière tem um quilômetro de comprimento e o balde de pipoca custa umas 40 libras.

"Mudando de assunto um minuto", disse Keesha, "adivinhe quem me mandou um e-mail hoje?"

"Não faço idéia", respondi.

"Tim."

"O que aquela caca de nariz quer com você?", Becky perguntou.

"Vocês não vão acreditar", Keesha disse, sorrindo. "Ele disse que a história com a tal australiana virou um pesadelo. Está arrependido por ter terminado comigo e quer voltar."

"E o que você respondeu?", perguntei.

"Mandei um e-mail com uma palavra."

"Dizendo o quê?", perguntou Becky.

"Esqueça!"

"U-hu!", Becky comemorou. "Como você está se sentindo agora?"

"O cara é um babaca. Não quero nada com ele. Ele é patético."

Eu aplaudi a atitude de Keesha.

“Falando de pessoas especiais”, disse Keesha virando-se para Becky, “você não tem que contar uma coisa para Zoe?”

“Ah é”, disse Becky, “estou pensando em terminar com Dan.”

“Por quê?”, perguntei, surpresa.

“Ele é um fofo e tudo mais, mas, como nós todas sabemos, ele faz exatamente o que eu digo. Isso é legal no começo, mas depois de um tempo você começa a achar que está namorando um tipo de serviçal.”

Eu tinha ficado acordada até meia-noite e meia na noite anterior ouvindo Dan desabafar que Becky era o amor da vida dele, e que ele estava com medo de que ela terminasse o namoro. Se isso acontecesse, ele não sabia o que iria fazer. Ele me fez prometer que não contaria nada a Becky.

Eu tinha dito a Dan que achava ele e Becky tinham sido feitos um para o outro. Enquanto reafirmava isso, tinha consciência que minha motivação não era somente desejar o melhor para Becky e Dan. Eu sabia muito bem que a amizade de Dan com Josh Stanton podia ter uma importância crucial para mim. Eu *precisava* manter Josh (e, portanto, Dan) no meu mundo. Se Becky terminasse com Dan, eu o veria muito menos. E, se o visse menos, as possibilidades de eu estar na companhia de Josh diminuiriam enormemente. Sim, era egoísta, mas era a minha melhor chance de me aproximar do garoto dos meus sonhos.

Eu também disse a Dan que talvez fosse a hora de ele começar a pensar um pouco mais em si mesmo. Becky podia ser muito controladora e seria bom para ele ser um pouco mais direto com ela. Ele me olhou pensativo por alguns instantes depois disso.

“Sabe de uma coisa Zoe”, ele disse, “acho que você está certa. Eu tendo a ir levando, o que significa que Becky sempre consegue o que quer.”

“Talvez você devesse parar de mandar tanto no Dan”, eu sugeri

a Becky. “Veja o que acontece se ele puder pensar por si mesmo.”

Becky pensou alguns segundos na minha sugestão.

“Mas eu gosto de estar no comando.”

“Tudo bem”, eu disse, “mas Dan é ótimo. Pense em todos esses garotos arrogantes e egoístas da escola, que se acham um presente de Deus para as mulheres. Dan está muito acima deles.”

“Eu sei”, disse Becky.

“E ele é louco por você”, continuei.

“Você tem razão”, Becky respondeu. “Eu sei que ele gosta de mim, mas é que...”, ela procurava pela palavra correta, “ele não é *dinâmico* o suficiente para mim. Pelo menos é o que eu acho hoje. Talvez amanhã eu mude de idéia.”

Eu iria continuar a campanha de marketing de Dan, quando ouvimos alguém chamar nossos nomes.

Eu me virei.

Era Gail Simmonds, vindo em nossa direção, de braços dados com Josh Stanton.

Becky e Keesha me seguraram, em parte para me dar apoio, em parte para evitar que eu saísse em disparada como um cavalo que escapa do estábulo.

“Olá meninas”, disse Gail. “Hoje é a noite só para garotas?”

Josh estava ao lado dela, olhando para o chão. Usava uma calça jeans e uma blusa preta de capuz. O cabelo dele estava ainda mais arrepiado que o normal. Eu queria olhar nos olhos dele, mas não estava preparada para deitar no chão só por causa disso.

“Parece que sim”, Becky respondeu friamente. “Nós conseguimos nos divertir com ou sem os espécimes do sexo masculino.”

“Para mim é um pouquinho diferente”, Gail riu, apertando o braço de Josh. Ele levantou os olhos por um segundo e deu a entender que iria dizer alguma coisa, mas pensou melhor e desistiu.

“Aproveitem o filme”, disse Gail sorrindo. “Não sei o quanto nós

vamos conseguir assistir do nosso."

"Parece então que vocês estão jogando dinheiro fora", resmungou Keesha, nos puxando para longe deles.

"Excelente resposta", Becky disse, em tom de aprovação. "Você está bem, Zoe?"

Eu disse que sim e nós fomos até um banco, num canto.

Saber que Josh e Gail eram um casal já era ruim, mas ser obrigada a ver os dois juntos era o pior.

"Vocês acham que ele me notou?"

Becky e Keesha se olharam.

"Talvez ele esteja com Gail só até ter coragem para convidar você para sair", disse Keesha.

"Tá bom."

As chances de isso ser verdade eram as mesmas de eu escalar o monte Everest usando um tutu de bailarina.

"Esqueça Josh Stanton. A fila para comprar os ingressos está muito grande", disse Becky. "Vamos esperar diminuir."

Ficamos andando pelo hall do cinema por uns cinco minutos, olhando os pôsteres de filmes e escolhendo com quais atores gostaríamos de contracenar se fôssemos estrelas de Hollywood.

"A que horas o filme termina?", perguntei ao homem por trás do balcão de venda de ingressos quando a fila havia diminuído.

Ele consultou um papel.

"Às dez e meia", respondeu.

"É um filme bem comprido", eu disse.

O homem deu de ombros. "Eu não faço filmes, só vendo os ingressos."

Olhei para Keesha e Becky. "Eu disse à minha mãe que estaria de volta às onze, mas nós não vamos conseguir chegar em casa nesse horário."

"Onde está sua coragem?", desafiou Becky. "É sábado à noite. Você tem quatorze anos, não setenta. A vida é muito curta para se

preocupar com um atrasinho de nada. E, além disso, você pode ligar para ela e tudo vai ficar bem."

O vendedor olhou para nós.

"Queremos três ingressos, por favor", disse Becky, tomando a decisão no meu lugar.

Dona Mandona atacou de novo.

Ele nos deus os ingressos. "O filme começa em cinco minutos."

Saímos da fila e eu liguei para casa imediatamente. Sinal de ocupado. Mamãe estava trabalhando em casa e provavelmente estava conectada à Internet, tentando resolver algum problema espinhoso de arquitetura. Tentei o celular. Estava desligado.

"Típico."

"O que foi?", disse Keesha.

"O telefone de casa está ocupado e celular da minha mãe, desligado."

"E o seu pai?", perguntou Becky.

"O celular dele quebrou."

Becky me abraçou.

"Vamos lá Zoe. O filme já vai começar e nós não vamos deixar você ir para casa sozinha por que está preocupada em chegar alguns minutos atrasada."

Eu balancei a cabeça. "Não vão ser alguns minutos. Vai ser mais de meia hora. E meia hora no universo da minha mãe equivale a trezentos anos no universo de qualquer outra pessoa."

Becky e Keesha gargalharam.

"Você pode dar uma escapada durante o filme e tentar ligar de novo", disse Keesha. "E, se você não conseguir falar mesmo assim, nós vamos com você à sua casa e contamos para sua mãe quantas vezes você tentou ligar. Vamos lá, não é o fim do mundo."

Eu hesitei. Eu tinha feito o máximo para cair nas graças de mamãe recentemente e simplesmente não podia estragar tudo. Uma voz na minha cabeça gritava: *Entre agora no ônibus e expulse essa*

*tentação que está tomando seu corpo.*

Mas, não importa o quanto eu soubesse que deveria ir embora, o filme parecia legal e eu não queria ir correndo para casa como um cãozinho obediente. E eu tinha tentado *muito* ligar. As garotas estavam lá para me apoiar. As circunstâncias eram excepcionais. Mamãe teria que entender.

“Vamos lá”, anunciei, “mas a gente sai no minuto em que o filme acabar.”

“Definitivamente”, disse Keesha.

O filme era ótimo. A heroína (que supostamente deveria ter quinze anos, mas já estava nos vinte e poucos) estava determinada a desafiar os pais ambiciosos e devotar sua vida a propósitos éticos. Eu escapei duas vezes para ligar para casa, mas não consegui falar com ninguém. A linha ainda estava ocupada. O celular de mamãe continuava desligado.

Nós saímos do cinema às dez e meia em ponto. Vinte minutos depois, o ônibus chegou. Depois de quinze minutos de viagem, eu finalmente consegui ligar. Passava pouco das onze.

Mamãe atendeu o telefone imediatamente.

“Oi mãe, sou eu.”

“Onde você está?”

Ela respondeu com um voz fria.

“Tentei ligar para você a noite inteira...”

“Você ainda está com Keesha e Becky?”, ela perguntou.

“Claro. Estamos no ônibus. Desculpe, estou um pouco atrasada — chego em casa em meia hora. Não precisa ficar acordada me esperando.”

“Venha direto para casa”, ela ordenou e desligou o telefone.

A casa estava completamente às escuras quando eu cheguei. Eram onze e meia.

“Nós vamos entrar com você”, disse Keesha.

Eu fiz um sinal de não.

“Vai estar tudo bem. Mamãe engoliu minha história.”

“É a verdade”, relembrou Becky.

Eu assenti.

“Vai lá, vai dar tudo certo.”

Nós nos despedimos e elas foram embora. Eu abri a porta da frente. Silêncio total. Nenhum sinal de vida. Isso era bom. Mamãe e papai deviam estar dormindo. Tirei os sapatos e subi para o meu quarto na ponta dos pés. Ainda nenhum sinal de vida. Vi uma fresta de luz amarelada por baixo da porta do meu quarto. Lembrei de ter deixado meu abajur ligado. Abri a porta do quarto cuidadosamente.

Assim que entrei, eu a vi.

Mamãe estava de pé, no meio do quarto. Ela não parecia exatamente feliz.

Isso não era bom.

“Eu tentei contar o que aconteceu no telefone”, comecei a falar. “Keesha e Becky podem confirmar.”

“Eu não quero saber de Keesha e Becky”, ela disparou.

“Mas mãe, o telefone estava ocupado e o seu celular, desligado”, eu respondi, tentando me manter calma.

Ela estava com os olhos queimando de raiva. “Sim, eu me conectei um pouco e meu celular estava desligado, mas se você sabia que iria chegar tarde assim, deveria ter vindo direto para casa.”

“Então você admite que não foi minha culpa não ter conseguido te avisar.”

“Não, eu disse que, se você não conseguiu me avisar, deveria ter vindo embora.”

“E por que você não me ligou se estava tão preocupada?”

“Você tem quatorze anos, Zoe. Já é hora de ter alguma responsabilidade.”

Isso era péssimo.

“Eu não posso largar Keesha e Becky porque você está online. Eu liguei assim que pude.”

“Você sabe o que eu acho sobre a hora de chegar em casa.”

A minha estratégia de argumentação claramente não estava funcionando, então eu mudei a abordagem e passei a me desculpar. “Tá bom, tá bom. Da próxima vez eu venho embora. Não vai acontecer de novo.”

“Não adianta pedir desculpa”, ela disse.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntei, ansiosa.

“Exatamente o que eu disse. É hora de você aprender o que significa ser desapontada.”

“Eu já falei, eu fiz tudo o que pude!”, gritei.

Ela balançou a cabeça.

A coisa estava realmente muito ruim para o meu lado. Tudo o que eu tinha feito de bom até agora de repente não valia mais nada.

“Eu te dou liberdade para fazer o que você quiser, mas tem de ser um acordo de duas mãos. Eu sei que tinha dado permissão para você discotecar na festa da escola, mas você não fez por merecer.”

“O fato de eu ter atrasado um pouquinho hoje não tem nada a ver com a festa da escola.”

“Tem TUDO a ver. Demonstra sua completa falta de preocupação e responsabilidade.”

“POR FAVOR NÃO FAÇA ISSO COMIGO”, eu implorei.

“Você não vai a essa festa, nem como DJ nem como qualquer outra coisa.”

“Isso não é justo!”, eu gritei, as lágrimas escorrendo nas minhas bochechas.

“É totalmente justo”, ela disse, furiosa. “Eu já me decidi e não tem volta.”

# Capítulo 8
# Eu sou uma adolescente petulante

*Tânia: Então, Zoe, que história é essa de terem imposto uma* proibição a você?

Zoe: Você se refere ao caso da Fórmula 1?

Tânia: Claro. Ocupou páginas e páginas dos jornais no fim de semana.

Zoe: Não é particularmente agradável ser proibido de qualquer coisa, mas o que foi publicado são somente meias verdades, Tânia. *Você* sabe que os jornais exageram.

Tânia: O que significa meias verdades?

Zoe: Os dirigentes do mundo do automobilismo pediram, muito educadamente, que eu não freqüentasse as arquibancadas durante as corridas.

Tânia: E por quê?

Zoe: Eles estão preocupados com a segurança dos pilotos.

Tânia: Como assim?

Zoe: Aparentemente, toda vez que os pilotos se aproximam da arquibancada onde estou, eles se sentem compelidos por uma espécie de força magnética a me olhar.

Tânia: De fato isso pode ser ruim para a concentração.

Zoe: Exatamente. Olhar para o lado quando você está numa pista, dirigindo numa velocidade ridiculamente alta não é

recomendável segundo a imensa maioria dos instrutores de auto-escola. O piloto tem de manter os olhos na pista. Isso significa não ler revistas no carro e definitivamente não paquerar mulheres bonitas.

Tânia: Então você vai se ausentar das grandes corridas no futuro?

Zoe: De jeito nenhum!! Eles disseram que eu posso tranquilamente freqüentar os bares VIP e os lounges de celebridades. Se um piloto quiser conversar comigo nesses locais, tudo bem, desde que eles não levem seus carros.

“É inacreditável!”, Becky exclamou um pouco alto demais para o gosto dos outros clientes matutinos do Tony’s. Várias pessoas olharam para nós.

Eu voltei a prestar atenção na conversa.

“Mas você tentou ligar um bilhão de vezes”, protestou Keesha.

“É nossa culpa”, disse Becky. “Nós deveríamos ter voltado com você.”

“Não é culpa de vocês”, eu disse, arrasada. “É minha. Eu é que deveria ter ido direto para casa. Não tinha como ficar tudo bem com a minha mãe.”

“Mas essa é a sua grande oportunidade”, continuou Becky, indignada. “É a sua primeira chance de discotecar em público. Só porque você chegou um pouquinho atrasada, ela não tem o direito de te proibir de tocar.”

“Ela tem o direito e ela me proibiu”, respondi.

“Tem de haver algo que possamos fazer”, disse Keesha.

“Eu ainda tenho uma minúsculo raio de esperança”, contei.

“Qual?”, disse Becky.

“Meu pai ainda não sabe da proibição. Ele ficou fora a noite toda, trabalhando no álbum de estréia de uma banda de rock de

garotas norueguesas. Ele telefonou para minha mãe e disse que voltaria hoje. Eles falaram rapidamente e ela não teve tempo de contar sobre mim. Quando ele souber, talvez tente fazê-la mudar de idéia."

"Você acha que ele consegue?", Becky perguntou.

"É possível", respondi, analisando o caso. "Ele pode argumentar que eu já dei minha palavra a Mad Max e por isso devo cumpri-la. Ele já conseguiu dobrar mamãe uma ou duas vezes."

Keesha ficou brincando com seus anéis e Becky abria e fechava o zíper da jaqueta.

Nenhuma das duas parecia convencida.

"Você quer comer alguma coisa?", mamãe perguntou.

Ela estava parada na porta do meu quarto. Eram cinco e meia. Eu tinha voltado do Tony's às duas e desde então estava deitada na minha cama, morrendo de pena de mim mesma. Depois do drama da noite anterior, tinha deixado bem claro que não iria falar com mamãe nunca mais, em nenhum momento ou em qualquer língua. Quando ela tentou protestar, durante o café da manhã, na cozinha, eu tampei os ouvidos, comecei a cantar "la la la la la la" e corri para o meu quarto.

"Você deve estar com fome", ela disse. "Deixa eu te fazer um lanche."

Eu me virei para a parede, como uma adolescente petulante. E antes de eu me sentir culpada por esse comportamento, me lembrei que eu era uma adolescente petulante. E esse era o comportamento que se esperava de mim.

Antes de eu fugir da cozinha naquela manhã, mamãe disse que não iria mudar de idéia de jeito nenhum, e que eu tinha de aceitar a situação e seguir em frente. Eu mencionei meu acordo com Mad Max, mas ela disse que isso era problema meu. Eu a informei de que

aquele era o golpe mais cruel já desferido por um pai e que eu simplesmente não iria “seguir em frente”.

Ela ficou mais alguns segundos na porta do meu quarto e então desistiu. Vinte minutos depois, ouvi a porta da frente abrir. Papai tinha chegado. Ouvi as vozes abafadas dele e de mamãe conversando e, alguns minutos depois, uma batida na minha porta. Papai entrou no quarto.

“Oi”, ele começou a conversa, sentando na minha cama. “Acabei de sair de uma sessão de um dia e uma noite com essa louca norueguesa. A música era ótima, mas a voz dela parecia a de um morcego insano.”

Eu me virei para ele.

Em silêncio, rezei pelo máximo de simpatia e por alguma boa notícia no caso Zoe-proibida-de-ir-ao-evento-mais-importante-da-história.

“Mamãe me contou o que aconteceu ontem à noite.”

Eu observei o rosto dele, tentando descobrir de que lado ele estava. Era impossível saber. Qual fosse o partido que ele tinha tomado, decidi que seria apropriado fazer a minha defesa.

“Essa é a primeira vez em toda a minha vida que eu tenho a chance de fazer algo que eu quero muito muito muito fazer. Você tem de entender, pai. Minha música é tão importante pra mim. É uma chance brilhante. E mamãe acabou com ela.”

Ele passou a mão na cabeça.

Vamos lá, pai. Vá direto ao ponto — acabe logo com o meu estado de tristeza absoluta.

“Isso é muito difícil pra mim”, ele disse. “Eu sei o quanto você quer discotecar na festa.”

Isso, pai. Agora me dê a boa notícia.

“Mas eu também respeito o ponto de vista da sua mãe.”

Ok, ok. Isso foi muito diplomático. Mas vamos direto à parte boa.

“E?”, perguntei, nervosa.

Ele balançou a cabeça.

“E você chegou em casa depois da hora combinada.”

Calma, Zoe. Ele está apenas analisando a coisa do ponto de vista de mamãe. Ele tem de fazer isso. Ele é casado com ela. Faz Parte do acordo. Você tem de falar a favor do seu parceiro. Ele está apenas elaborando até chegar à parte em que salva o dia.

“Mas pai, a mamãe estava online e a linha ficou ocupada. E o celular dela estava desligado. Além do mais, eu só atrasei meia hora.”

“Bom, talvez você devesse ter pensado melhor antes de agir.”

Cuidado, pai, você está começando a me deixar preocupada.

“Como?”

“Você não deveria visto o filme e ter vindo direto para casa. Acho que era o mais sensato. Se você trai a confiança de alguém, sempre tem de pagar um preço.”

Eu não estava gostando da direção que aquela conversa estava tomando. Por favor, escolha outra opção do menu, tipo: “Ajude a Zoe a conseguir o que ela quer”.

“Então você concorda com ela?”, perguntei, bem devagar.

Ele franziu o rosto e olhou bem nos meus olhos.

“Nesse caso, sim, eu concordo com ela. Eu sou totalmente a favor de você ser independente e fazer o que quiser, e apóio sua vontade de ser DJ, desde que isso não ocupe totalmente sua vida. Mas dizer que estará em casa às onze, significa estar em casa às onze.”

NÃO! Esse não pode ser papai falando. Essa pessoa sentada na minha cama é um impostor. É um marionete controlado por mamãe.

“Mas pai.”

“Desculpe, Zoe, mas é assim e pronto.”

Eu fiquei horrorizada vendo minha última cartada ser jogada na lata do lixo.

“Por favor feche a porta quando sair”, disse friamente me virando para parede.

Naquela noite Zak foi ao meu quarto conversar. Ele tentou fazer mamãe mudar de idéia sobre a festa, mas não conseguiu. Então resolveu me consolar, e estava conseguindo.

“Você vai ter muitas outras chances para discotecar”, disse. “Um dia você vai ter que dispensar convites.”

“Até parece”, eu disse, tristonha.

Então ouvimos a campainha

“Provavelmente é para mamãe ou papai”, disse Zak.

Alguns segundos depois ouvimos passos na escada. Laura Tanner entrou no quarto.

“Oi”, eu e Zak dissemos ao mesmo tempo.

Laura encostou na parede, deixando bem claro que queria que Zak me deixasse ali e fosse para o quarto ao lado com ela, para uma festinha a dois. Mas ele não deu nenhum indício de que iria se mover. Se manteve firme no papel de irmão leal. Zak fez um sinal para Laura se sentar, o que ela fez com uma expressão relutante.

“Mamãe proibiu Zoe de discotecar na festa da escola e eu estou dizendo que, antes que ela perceba, já vai ter virado uma DJ de sucesso.”

Laura sorriu para mim, mas não parecia particularmente interessada em ouvir meus problemas.

Zak ainda estava tentando me consolar quando a campainha tocou de novo. Nós a ignoramos, mas outra vez ouvimos passos na escada. A porta do meu quarto se abriu e vimos uma garota lindíssima, com longos cabelos negros, olhos cor de esmeralda e traços incríveis.

Essa deve ser Iman, pensei.

Ela percorreu meu quarto com os olhos.

Olhei para Zak e percebi que a confusão estava armada. Apesar de sempre sair com mais de uma garota ao mesmo tempo, por motivos óbvios, ele as mantêm bem longe uma da outra. Ele se levantou rápido, parecendo levemente constrangido.

“Deixe-me apresentar vocês”, disse imediatamente. “Laura, quero que você conheça Iman. Iman, esta é Laura.”

Não demorou para a ficha cair para as duas.

“Eu não acredito!”, Laura disparou. “Traidor imbecil.”

Ela foi para cima de Zak e deu um tapa na cara dele.

“Ei, Laura”, ele disse, com a mão no rosto. “Eu disse que não queria me prender a ninguém.”

Mas Laura não queria saber de nada. Em três segundos, ela já tinha ido embora.

Zak virou-se para Iman.

“Iman, é ótimo ver você. Sente-se aqui.”

Iman foi para perto de Zak e deu mais um tapa, agora na outra bochecha dele.

E então, ela saiu.

Zak ficou parado no meio do quarto, com as duas mãos no rosto, parecendo uma criança pega no pulo quando roubava biscoitos.

“Ainda bem que elas não sabem sobre Claire”, disse.

Eu cobri os olhos, dei um longo suspiro e comecei a gargalhar.

“Ele vai receber você agora”, disse a sra. Perkins, se debruçando na mesa. “Está tudo bem, querida?”

Ela queria *tanto* saber da minha vida — o que eu poderia ter feito para merecer duas visitas à sala do diretor? Era segunda-feira de manhã. Que ótimo jeito de começar a semana.

Eu abri a porta e recebi um cumprimento praticamente idêntico ao da última vez. Mad Max estava sentado na escrivaninha,

digitando furiosamente no teclado do computador.

“Você veio em boa hora, Zoe. Sente-se”, disse animadamente. “Eu ia procurar você ainda hoje para discutir os detalhes da festa.”

Fiquei observando, tentando descobrir como ele reagiria à notícia.

“Então, sabe a festa sr. Maxwell?”, eu disse baixinho.

Ele assentiu com um movimento da cabeça.

“Eu não posso ir.”

“Desculpe?”

“Eu não posso discotecar na festa.”

“Oh”, disse ele, colocando as palmas das mãos na escrivaninha. Mad Max ficou me encarando alguns segundos, como que esperando por uma explicação.

“É complicado”, eu disse.

“Entendo”, ele respondeu. E por um instante eu pensei ter visto um sinal de simpatia naquele rosto, que desapareceu imediatamente. Então percebi que ele estava pensando somente nos próprios interesses — queria o melhor DJ para a festa.

“Você tem outra pessoa para recomendar?”, perguntou.

Eu fiz que não com a cabeça, me sentindo péssima.

“Bem, obrigado por ter vindo falar comigo”, disse, voltando para o computador. “Vou me lembrar de você se fizermos outra festa. Se você já tiver saído do castigo até lá.”

“Está bem, sr. Maxwell.”

A sra. Perkins estava do lado de fora da sala, regando a planta que ficava numa mesinha. Eu podia jurar que na orelha esquerda dela tinha uma marca do buraco da fechadura. Ela olhou para mim, esperançosa, louca para ser informada. Eu passei direto por ela, com o mais doce sorriso no rosto.

Continue curiosa, sra. Perkins. Continue curiosa.

Keesha e Becky queriam que eu fosse com elas à casa de Keesha depois da aula, mas eu não estava a fim. Precisava ficar sozinha para afundar na lama. As mesmas perguntas ficavam passando na minha cabeça: Como mamãe pôde me proibir de discotecar na festa? Por que papai tinha concordado com ela? Era o fim da felicidade como eu a conhecia?

Fui andando pela High Street, olhando as vitrines de todas as lojas e os rostos das pessoas que faziam compras. Quando virei a esquina, vi duas pessoas no meio da maior briga em frente ao pet shop. Eram Gail e Josh. Um casal de papagaios engaiolados ouvia atentamente os dois gritarem. Parei na entrada de uma loja de antiguidades, do outro lado da rua, e fiquei observando hipnotizada. Não dava para ouvir o que eles diziam, mas a briga parecia séria. Dei mais um passo para trás para evitar que eles me vissem.

"Posso ajudar?", disse alguém às minhas costas. Um homem alto, meio curvado, de óculos redondos e um bigodinho fino me examinava atentamente.

"Não, obrigada", respondi. "Estou apenas observando humanos. Quero estudar antropologia."

Ele me olhou desconfiado e voltou para seus abajures mofados e relógios do vovô. A discussão de Gail e Josh estava no auge e eu cruzei os dedos. Pode ser o fim, pensei. Pode ser o momento em que ele recupere o bom senso e dê um fora nela. E eu vou aparecer miraculosamente oferecendo meu ombro para ele chorar. Vai ser perfeito! Logo ele vai perceber que eu sou a mulher da vida dele e nós vamos caminhar de mãos dadas em direção ao pôr-do-sol.

Assim que eu tinha acabado de imaginar essa cena fantástica, vi que Gail e Josh estavam de repente conversando. Segundos depois, eles se abraçaram. E se beijaram. Eu gemi desesperada enquanto meu sonho dourado se desfazia em mil pedaços.

"Você não gostaria de ver um barômetro?", perguntou alguém nos fundos da loja.

Eu olhei para trás.

Era o homem do bigode.

“Hoje não”, respondi, arrasada. “Mas será que você não tem uma vida nova aí para vender?”

# Capítulo 9
## É uma vida traiçoeira

*"Pára com isso, Zoe."* Mamãe estava sentada à mesa na cozinha, olhando para mim. Eu fiquei encostada na geladeira, tecnicamente o mais longe possível dela sem precisar derrubar as paredes.

Eu ainda não estava falando com ela *oficialmente,* exceto nas brigas.

"Você arruinou minha vida! Me dê uma única razão pela qual eu devo parar com isso?"

"Porque é muito chato."

Bom motivo.

"Eu já disse, encare como uma lição que você teve de aprender", disse mamãe.

Eu fingi um enorme bocejo.

"Eu sei que você está chateada", ela continuou, "mas esse tipo de atitude não vai te levar a lugar nenhum, mocinha. Alguns pais teriam proibido os filhos de sair de casa para sempre depois do que você fez."

Odeio quando ela me chama de "mocinha". Parece que de repente nós estamos vivendo num romance do século XVIII e ela é algum tipo de governanta cruel.

Eu olhei para ela com desdém.

"Você não queria que eu discotecasse desde o começo", disse baixinho. "Eu fiz tudo o que você queria, só mixei depois de terminar

toda a lição de casa, como tinha prometido. Eu aposto que você estava só esperando eu dar um passinho fora da linha Para ter uma desculpa e me proibir de ir à festa.”

“Isso é bobagem, Zoe, e você sabe.”

“Não é não. Você quer que eu seja CDF na escola e esqueça essa história de DJ.”

“Bom, se nós *temos* de conversar sobre isso, seja sensata pelo menos uma vez”, ela disse, com um suspiro. “Passar raspando na escola pode ser o suficiente para você agora, mas não vai ser nada bom quando você entrar no duro mundo adulto. O que vai acontecer quando Keesha e Becky forem para a universidade e você estiver dormindo numa pensão imunda, vivendo do dinheiro do governo e tentando se dar bem como DJ num clube de segunda?”

“Eu não posso *acreditar* que você está falando de universidade”, gritei. “Isso vai ser daqui a séculos. Se você está tão preocupada com o meu futuro, por que não começa a procurar um asilo para eu morar quando tiver noventa anos?”

“Não seja mal-criada”, ela disparou. “Não quero que você cometa erros agora dos quais pode se arrepender no futuro.”

Eu cobri o rosto com as mãos.

“Meu Deus, você já planejou minha vida inteira, não?”

“Não. Eu só vejo as coisas mais a longo prazo do que você.”

“Você pode pensar no meu futuro o quanto quiser. Eu só estou tentando resolver essa bagunça que se chama meu presente.”

“Está tudo bem aqui?”

Era papai, que acabava de entrar na cozinha.

Mamãe olhou para ele com uma expressão desesperada.

“Tudo perfeito”, eu disse, irônica.

“Ainda falando da festa da escola?”, ele perguntou.

“Sim”, nós duas respondemos.

Era a primeira vez que concordávamos em alguma coisa nos últimos dias.

Dava para ver a fila do final da rua. Era quarta-feira, depois da aula, e eu tinha tomado o metrô até o centro. Em casa, finalmente tinha parado de falar sobre a festa da escola. Já tinha registrado o meu protesto, do jeito mais claro e no tom mais alto possível. Não funcionou. Eu não tinha conseguido. "Pequena Determinada" tinha de aceitar a derrota de vez em quando. Eu nunca ia perdoar mamãe (e papai), mas também não ia fugir de casa. Eu gostava muito do aquecimento central e da comida do papai para fazer isso. E era ótimo morar com Zak. Então, se tínhamos de continuar vivendo juntos, eu tinha de fazer com que isso fosse suportável. Além do mais, se pintasse outra coisa legal, eu ia precisar da permissão de papai e mamãe. Se eu continuasse uma rebelde completa, eles automaticamente iriam dizer não para qualquer coisa.

Eu deixei um bilhete em LETRAS GARRAFAIS dizendo: A) ONDE EU ESTAVA INDO, B) COMO IA CHEGAR ATÉ LÁ, C) A QUE HORAS IRIA CHEGAR EM CASA.

A polícia tinha colocado cones na porta da gigantesca loja de discos Sly Records na Tottenham Court Road[1]. Cinco policiais e um monte de seguranças da loja estavam na entrada. Eu fiquei arrependida de ter perdido tempo conversando com Keesha e Becky na saída da aula. Dei a todo mundo meia hora de vantagem em relação a mim. E o metrô demorou séculos. Eu sabia que o lugar estaria concorrido, mas aquilo era loucura.

[1] *Rua do centro de Londres* (N.T.)

Tinha sido anunciado na CHILL na noite anterior — Reel Love estaria na Sly Records das cinco às seis, discotecando ao vivo e autografando cópias de seu novo single. Não satisfeito em apenas remixar a música dos outros, ele também compunha e produzia suas

próprias músicas. Eu corri para o final da fila. Deviam ser umas trezentas pessoas na minha frente, e isso era só da porta para fora. Deus sabe quanta gente tinha lá dentro. A maioria da galera era da minha idade ou um pouco mais velha. Umas duas ou três mulheres pareciam ter a idade de mamãe. Talvez fossem loucas por música. Talvez estivessem ali só por causa dos rapazes.

Às cinco e dez, de repente, começou a gritaria dentro da loja. Um minuto depois ouvi um som de baixo e bateria. Os gritos diminuíram. Um monte de gente perto de mim começou a empurrar, tentando chegar mais perto da entrada. Mas o único resultado disso era ser jogado para trás de novo. A fila não andava um milímetro.

Eu fiquei por ali mais algum tempo, ouvindo as batidas pulsantes que vinham de dentro da loja, e a "Pequena Determinada" de repente entrou em ação. Me esgueirei para fora da fila e fui em direção a um guarda. Ele era muito sério. E muito grande. E nem um pouco amigável.

"Oi", eu gritei, mais alto que a música.

Ele me olhou e continuou mudo.

"Meu nome é Zoe Wynch e eu trabalho na CHILL FM. Onde é a entrada VIP?"

"Deixe-me ver sua credencial", pediu, ríspido.

Eu não tinha uma, mas mesmo assim examinei todos os bolsos do meu casaco.

"Acho que deixei na rádio."

Ele olhava para mim como se estivesse vendo um inseto repulsivo."Sem credencial ninguém entra."

Eu pensei desesperadamente no que iria dizer.

"Na verdade, estou ajudando na produção. Pode acontecer uma tragédia se eu não entrar."

Ele esboçou um sorriso.

"E eu sou o primeiro-ministro", respondeu, irônico.

Eu tentava pensar num argumento mais convincente quando vi

Jade Bell. Ela estava na porta da loja, com uma credencial pendurada no pescoço. Ela me conhecia. Ela sabia que eu era louca por Reel Love. Talvez ela me colocasse para dentro. Assim que me afastei do guarda, Jade virou o rosto e olhou para mim. Eu acenei e comecei a andar rápido em direção a ela. Mas quando eu ainda estava no meio do caminho, ela se virou e sumiu dentro da loja. Eu ia gritar o nome dela, quando um policial me impediu de passar.

"Desculpe. Ninguém pode entrar por aqui. Você tem de ir para o final da fila como todo mundo."

Jade tinha me visto. Ela poderia ter me colocado para dentro facilmente, mas ela me tratou como se eu fosse invisível. Eu fiquei na ponta dos pés, tentando avistar Reel Love, mas tudo o que consegui ver foi uma massa de gente dentro da loja. As pick-ups deviam estar perto da seção de discos de doze polegadas. Eu reconheci a música que ele estava tocando. Esse evento tinha sido feito especialmente para mim. Eu era DJ. Quantas outras pessoas naquela multidão podiam dizer o mesmo? Eu tinha o direito de estar lá dentro.

Eu bati o pé, frustrada, e pensei em contar a história da minha vida para o policial. Mas para quê? Ele não ia engolir. E eu não queria tentar invadir e me arriscar a ser presa. Se mamãe ficou furiosa só porque cheguei meia hora atrasada do cinema, como ela ficaria se tivesse que ir me buscar na delegacia?

Eu me afastei da porta, observando a fila que não parava de aumentar. Cheguei a pensar em voltar para o final, mas poderia levar horas até eu conseguir entrar. Passei pelo final da fila e continuei andando, em direção ao metrô.

"Ela totalmente fez que não me viu!"

Keesha e Becky estavam sentadas na minha cama ouvindo minha aventura. Eu liguei para elas do metrô e combinamos de nos encontrar na minha casa. .

“Eu a vejo todo sábado na CHILL”, continuei, “e ela me vira a cara. Dá para acreditar?”

Keesha sorriu em meu apoio.

“Cruel”, disse. “Algumas pessoas são tão rudes.”

“É mesmo”, Becky concordou. “Inacreditável.”

Keesha rapidamente mudou de assunto.

“Nós temos que conversar sobre Becky e Dan.”

“O quê?”, perguntei, irritada que o tema da conversa já tivesse mudado apesar de eu apenas ter começado a contar minha história de injustiça. Óbvio que Jade Bell me ignorar era uma questão muito mais urgente do que Becky e Dan. Nós falávamos do namoro deles o tempo todo.

“Eu levei em conta o que você disse, Zoe. Decidi não terminar o namoro”, Becky disse. “Eu vou dizer a ele para ser mais firme quando eu me impuser demais.”

“Boa”, respondi. “Mas o que vocês acham da Jade?”

“Vamos falar sobre isso depois”, disse Keesha. “Primeiro temos que resolver o problema da Becky.”

“Acho que isso merece uma ida ao Tony’s”, Becky propôs. “Só por uma hora.”

“Eu vou passar”, disse, magoada porque minha história tinha sido relegada a segundo plano por Outro Assunto Qualquer.

“Vamos lá, Zoe, vai ser divertido”, disse Keesha.

“Não, obrigada”, respondi, sarcástica. “Não estou a fim de me divertir. Eu quero falar sobre Jade.”

“Nós vamos falar”, disse Keesha. “Mas Becky e Dan são prioridade.”

Eu fiquei realmente chateada.

“Não seja tão sensível”, disse Becky. “Eu só preciso falar sobre meu namoro. Vamos lá, vamos ao Tony’s.”

Continuei negando, com raiva. “Tenho que mixar um pouco.”

Becky olhou para Keesha.

“Esqueça a mixagem só uma vez”, disse Becky. “Você não pode passar sua vida inteira trancada no quarto com seus discos como companhia. Não é saudável. Venha interagir com humanos.”

“É saudável sim”, disparei. “E eu não passo minha vida trancada no quarto. Hoje à tarde eu fui à Sly Records e fui ignorada pela Jade Bell, lembra?”

“Você nem vai mais discotecar na festa da escola”, disse Becky. “Então não tem nenhum motivo para praticar.”

Esse comentário me deixou louca de raiva.

“Eu não me importo de não discotecar na festa”, explodi. “Se você não está interessada em ouvir sobre a Jade Bell, então não está interessada em mim ou em qualquer coisa que tenha a ver comigo. E se eu vou ser uma grande DJ, eu preciso praticar. Claro que você percebeu isso.”

“Você vai ter muito tempo para praticar”, disse Keesha. “Relaxe, não gaste tanta energia.”

Eu estava perdendo o controle. Dessa vez eu não ia deixar Becky mandar em mim ou Keesha me acalmar com o “poder” do pensamento positivo.

“Vocês vão ficar ótimas sem mim”, grunhi.

As duas me olharam assustadas.

“Não faça isso”, disse Becky. “Nós somos melhores amigas. Esqueça o lance de DJ por uma hora. Não coloque a gente em segundo plano e a música em primeiro.”

“Eu não estou colocando vocês em segundo plano”, gritei. “Eu só quero conversar sobre o que aconteceu hoje. E eu não quero ir ao Tony’s.”

“Ok, então que seja assim”, disse Keesha.

“Ótimo!”, disse, irritada. “Então vão, vão embora. Saiam daqui!”

Eu não queria ter dito isso. Simplesmente saiu. As duas estavam chocadas.

“Ok”, disse Becky. “Nós vamos embora.” .

As duas se levantaram ao mesmo tempo e marcharam para fora do quarto.

Nos três anos que eu freqüentava a Cahill nós só deixamos de nos falar uma ou duas vezes e sempre por coisas pequenas. Dessa vez era muito mais sério. Eu ouvi a porta da frente fechar e olhei pela janela do meu quarto. Keesha e Becky estavam indo embora. Nenhuma das duas olhou para trás.

Eu andei para lá e para cá no meu quarto, furiosa. Quem precisa de amigas assim?, me perguntei. Eles não estão disponíveis nem para ouvir uma simples história. Se elas não me apóiam, podem ir para o inferno!

Mas meia hora depois eu não estava tão convencida.

Como se Josh Stanton namorar Gail Simmonds já não fosse ruim o suficiente.

E mamãe me proibir de tocar na festa da escola não tivesse me deixado péssima.

Mas isso era ainda pior.

Eu tinha acabado de estragar tudo com as minhas melhores amigas.

# Capítulo 10
# Na geladeira

*Durante o intervalo da manhã eu fiquei perambulando* perto do hall. Alguma coisa estava para acontecer por ali. Pessoas montavam mesas e carregavam pastas e arquivos.

“O que está rolando?” perguntei para um garoto alto que tentava equilibrar três caixas.

“Feira universitária”, ele respondeu, irritado. “Para o meu azar, eu estava passando na frente da sala do Mad Max e ele me pegou para ajudar.”

Ele saiu andando e eu fui atrás. Havia vários estandes de universidades e as pessoas colavam pôsteres, montavam displays e arrumavam folhetos informativos. Peguei algumas brochuras e dei uma folheada. Todas tinham fotos coloridas de estudantes alegres, de dentes brancos, sentados em gramados, conversando e sorrindo. Um ou outro lia um livro.

De repente me lembrei do que mamãe havia dito sobre Keesha e Becky entrarem na universidade enquanto eu ficava para trás, lutando para ser uma DJ. Eu odiava admitir, ainda que só para mim mesma, mas talvez ela tivesse alguma razão. Havia centenas de outras pessoas que queriam ser DJ. E se eu não fosse boa o suficiente? E se eu não conseguisse me sustentar como DJ?

Talvez eu tivesse que aceitar o fato de não ter certeza absoluta de ficar famosa como DJ. Talvez eu precisasse de um plano B. E se eu estivesse deixando de lado o estudo para mixar e assim

diminuísse seriamente as minhas opções?

Pare, ordenei a mim mesma. Você está comprando o discurso anti-DJ de mamãe. Será que você pode tocar, estudar e ainda ter uma vida social?

Mas não importa quanto eu tentava me convencer que tudo ia ficar bem, saí dali um pouco perturbada.

Eu não tinha dito nada sobre a briga com Keesha e Becky para mamãe e papai, mas tinha contado para Zak. Ele foi genial comigo e me garantiu que faríamos as pazes logo. Foi muito gentil da parte dele tentar me animar, mas não deu certo. Keesha e Becky estavam totalmente me evitando. Durante uma semana inteira, depois da discussão, nós sentamos longe nas aulas e nem nos encontramos nos intervalos. Eu ainda estava furiosa com elas e elas, obviamente, bravas comigo, o que era compreensível. Eu tinha *expulsado* as duas da minha casa, e talvez isso tenho sido um pouco exagerado. Eu me senti rejeitada, e estava determinada a não pedir desculpas.

Mas eu sentia tanto a falta delas. Eu me sentia como alguém que acaba de aterrissar na quarta dimensão e não sabe como vai voltar para casa antes de ser devorado pelos Zurgons. Minha rede de segurança tinha sido arrancada debaixo dos meus pés e eu estava em queda livre.

Mais uma semana se passou e nós ainda não tínhamos feito as pazes. O sábado da festa da escola chegou. Eu estava proibida de ir ao evento e, mesmo se tivesse permissão, não tinha companhia. Se não fosse pelo estágio na CHILL FM, com certeza eu teria passado o dia todo rolando na cama.

Pela primeira vez, as coisas estavam bem tranqüilas na rádio. À uma da tarde, eu já tinha feito todos os cafés e tirado todas as cópias. Jade não estava por lá. Mesmo se estivesse, não faria nenhum sentido conversar com ela. Eu era a garota invisível, no que

dizia respeito a ela. Havia outra enorme pilha de CDs na mesa de Jade. Chegando mais perto, vi uma grande folha de papel em branco ao lado dos discos. Estava indo embora quando de repente tive uma idéia. Todo mundo estava concentrado em seus computadores ou no telefone. Mordi o lábio inferior por um minuto e então, bem lentamente, sentei na cadeira de Jade e peguei o CD player apoiado sobre uns livros. Havia mais ou menos uns trinta singles na pilha. Eu puxei o primeiro. “Beat Back”, de Two Crew com participação de The Love Dish. Rapidamente vasculhei as gavetas de Jade e encontrei os fones de ouvido. Coloquei os fones, pus o CD e apertei o play.

Two Crew parecia legal, mas The Love Dish era péssimo. Ele não era capaz nem de cantar, nem de fazer um rap. No papel em branco, escrevi OS SINGLES DA SEMANA e fiz quatro colunas: nome do artista; título do single; veredicto; número de estrelas. Meu veredicto foi: *Melodia legal, vocais horríveis.* Dei uma estrela. Olhei para os lados. Alguém deveria ter me visto ali e estava prestes a, me enxotar. Mas todo mundo estava ocupado demais para me notar. Peguei o segundo CD: Dinah Johns — “Found in You”. Eu gostei. Tinha um groove lento e, quando os vocais começaram, eu quase pulei da cadeira. A voz de Dinah era maravilhosa. Peguei a caneta: *Excelente, slow tempo, vocais com alma.* Dinah ganhou quatro estrelas.

No terceiro single eu já tinha esquecido do mundo ao meu redor. Noventa minutos depois, quando eu escrevia o veredicto da faixa vinte e seis, percebi alguém do meu lado. Olhei para cima. Era Jade. Ela estava me encarando, como se estivesse prestes a dizer “COMO VOCÊ SE ATREVE A SENTAR NA MINHA MESA, SUA CRIATURA TOLA?”

Rapidamente tirei os fones e esperei pelo golpe.

“O que está acontecendo aqui?”, ela perguntou, olhando para a pilha de CDs e para as duas folhas de papel.

“Por favor, me desculpe. Eu vi que você não estava e pensei que podia ajudar. Então comecei a ouvir as músicas e a tomar notas, como eu vi você fazendo na semana passada. Eu sei que deveria ter pedido antes.”

Ela me olhou friamente e pegou os fones. Leu os papéis que eu tinha anotado e colocou o Two Crew com participação de The Love Dish no CD player. Ela manteve o rosto impassível. Ouviu por uns quarenta e cinco segundos e depois trocou o disco pelo de Dinah Johns. Ainda nenhum sinal de reação. Ela ouviu a música durante um minuto, tirou os fones e pegou a folha onde eu tinha feito meus comentários.

Eu fiquei imóvel, tentando antecipar quais seriam as palavras exatas dela.

*Mantenha no mínimo cinco quilômetros de distância de mim.*

*Vou recomendar que você passe muitos anos em confinamento solitário.*

*Vou garantir que você NUNCA NUNCA tenha uma chance de ser DJ, nem mesmo numa rádio de hospital.*

Mas então algo inesperado aconteceu.

Ela sorriu.

Não foi uma risada completa, mesmo porque seria esquisito. Mas, definitivamente, ela desamarrou a cara.

“Você está certa”, ela disse. “O vocal da música do Two Crew é horrível.”

Eu dei um grande suspiro de alívio.

“E a faixa de Dinah Johns promete. Eu teria dado até cinco estrelas. Mas quatro é provavelmente o mais justo.”

Eu estava alucinando?

“Parece que você tem um bom ouvido para música”, ela disse. “O que você costuma ouvir?”

Finalmente! Uma chance para falar de música numa estação de rádio!

"Bom, sou uma grande fã de Reel Love. Tenho todos os singles dele e a maioria dos remixes que ele fez. Também gosto de música dance dos anos setenta, de um pouco de hip-hop e de alguma coisa de soul."

Ela parecia impressionada.

Apesar de todas as provas em contrário, parecia que Jade era humana.

"E eu quero muito ser DJ", finalizei.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos.

"É uma área muito difícil de entrar", disse, por fim, "especialmente para as mulheres. Há muitos caras por aí que ainda estão vivendo na Idade Média — eles acham que um DJ de verdade tem de ser homem. É patético."

A imagem de Rix surgiu na minha cabeça. "Eu sei de que tipo de gente você está falando."

Ela leu os papéis por alguns minutos.

"Isso está muito bom", disse. "Para falar a verdade, eu acho uma chatice fazer isso toda semana. Depois de um tempo, parece tudo a mesma coisa."

Aquela mulher, para quem eu não existia e que havia me ignorado solenemente na porta da Sly Records, estava me ELOGIANDO!

E ela ainda não tinha terminado.

"Por que você não termina com esses últimos? Tudo bem pra você?"

Se estava bom para mim! Eu ouviria um milhão de singles se ela quisesse.

"Claro", eu disse, realizada.

Ela se afastou, mas então deu meia volta para falar comigo.

"Você quer um café, Zoe?"

Eu não estava acreditando naquilo.

"Quero", consegui responder. "Com leite e açúcar, por favor."

Eu ainda estava nas nuvens quando fui para casa no final da tarde. Assim que terminei de ouvir todos os CDs, Jade deu uma olhada geral no meu trabalho e aprovou o que viu. Ela me disse que levaria os seis singles que receberam quatro ou cinco estrelas para a reunião da produção. E aí a equipe escolheria o “Single Revelação” da próxima semana. Era tudo tão estranho. Eu achei que Jade iria rir de mim a qualquer minuto e revelar que estava só fingindo ter gostado. Mas com o passar do dia aceitei o fato de que ela estava sendo sincera. Ela até falou da minha iniciativa para um dos gerentes da rádio. Pela primeira vez eu me senti parte da equipe da CHILL e não apenas uma louca com um trabalho esquisito.

Mas a minha felicidade não duraria muito. Logo lembrei da festa da escola. Fiquei na sala de estar, com o coração na mão, folheando edições antigas da *In the Mix* e tentando não lembrar do meu show. Enchi uma tigela com cereal e subi para o meu quarto. Zapeei um pouco na TV Tentei descobrir se eu era a adolescente mais injustiçada da superfície terrestre.

Eu fiz uma eleição e decidi que era.

Quando começou a escurecer, pensei em Keesha e Becky se arrumando para a festa. Devia estar rolando o maior desfile de modas no quarto de Becky, com um monte de provas de roupa. Elas então decidiriam o que usar e gastariam horas arrumando o cabelo e fazendo a maquiagem. Por um segundo, pensei em me disfarçar e sair de casa escondida. Mas conhecendo minha mãe, podia esperar um agente do serviço secreto em cada esquina, esperando por mim.

Por volta das oito da noite, Zak foi ao meu quarto. Ele estava usando jeans, uma camisa preta sem gola e tênis. Ele ia à festa da escola com alguns dos seus colegas de classe.

“Estou indo”, disse, culpado. “Vim só dizer tchau.”

“Tchau”, respondi, cabisbaixa.

“É uma pena *você* não poder ir”, ele disse. “Aposto que é péssimo.”

“Não é o fim do mundo.”

Ele me abraçou.

“Esse é o espírito”, disse.

“Na verdade, é o fim do mundo. Mas eu vou superar.”

Ele apertou o meu braço, solidário, e foi embora.

A festa começava às oito e meia. A hora chegou e eu comecei a pensar em todas as pessoas que tinham ido e estavam se divertindo. Tentei imaginar o que cada um estava vestindo e como a sala de convivência estava decorada. E quem Mad Max chamou para me substituir? Que tipo de música estava tocando? Será que as pessoas estavam dançando?

Às nove, pulei da cama e coloquei os fones. Pus dois discos nas pick-ups e aumentei o volume. Nós últimos dias eu tinha feito de tudo para ser legal com meus pais, mas essa era a noite que eles tinham arruinado. Talvez um pouco de música alta os fizesse lembrar do crime que haviam cometido. Demorou vinte minutos para mamãe vir reclamar do barulho. Quando ela apareceu na porta do quarto, eu dei de ombros. Não estava ouvindo uma palavra do que ela dizia.

Acabei abaixando o som, mas continuei mixando e olhando as horas. Parecia que o relógio do meu quarto estava me provocando, poderia jurar que ele começou a andar para trás. Às onze, me deitei e fiquei olhando o teto. Chegou meia-noite e eu ouvi Zak entrar em casa. Trinta segundos depois, ele estava no meu quarto.

“Você ainda está acordada”, sussurrou, me vendo esparramada na cama.

“Nunca estive tão acordada”, respondi, arrasada.

“Como você está se sentindo?”

Ignorei essa pergunta.

“Foi legal?”, perguntei

“Foi Ok”, ele disse, desconversando.

Interpretei essa resposta como um sinal de que tinha sido a melhor festa de todos os tempos.

“Quem discotecou?”

“Não sei o nome do cara”, Zak respondeu, sentando ao meu lado. “É um menino que trabalha naquela loja de discos que você freqüenta, na High Street.”

Rix!

“Não um cara de cavanhaque?”, resmunguei.

Zak assentiu. “Alguém disse que o pai dele conhece um dos diretores da escola e assim ele chegou a Mad Max.”

Eu pulei da cama e comecei a andar de um lado para o outro.

“Ele é bom?”, perguntei, nervosa, rezando para Zak responder que ele era muito pior do que lixo completo.

Zak fitou o chão por alguns segundos.

“Ele é legal”, foi a resposta

“Legal como?”

Zak pensou mais alguns segundos.

“Ele parecia saber o que estava fazendo. Não cometeu nenhum grande erro. Mas tenho certeza que você teria se saído melhor.”

Meu irmão estava tentando me proteger da verdade. Rix tinha sido sensacional. Ele tinha entrado para a liga dos mestres da mixagem. Enquanto eu tinha ficado em casa olhando o relógio, ele se revelava para a adoração das massas. Se Mad Max um dia permitisse outra festa na escola, ele não viria me procurar. Eu era a garota patética cuja mãe proibiu de discotecar na festa. O garoto-maravilha Rix com certeza levaria mais essa.

Na segunda-feira seguinte eu ainda não tinha parado de pensar em Keesha e Becky. Passei o domingo todo imaginando como elas haviam se divertido no sábado à noite. Fui ao banheiro antes da

primeira aula e vi as duas em frente ao espelho, rindo. Elas estavam falando alto, comentando sobre a festa. No minuto em que eu entrei, fez-se o silêncio. Entreabri os lábios, para dizer qualquer coisa, mas mudei de idéia, dei meia volta e saí. Eu ainda não estava pronta para dar o primeiro passo.

Na hora do almoço, fui para a Tune Spin. Eu tinha esperanças que Rix não soubesse que eu era a pessoa que ele tinha substituído na festa da escola. E, caso ele soubesse disso, *rezava* para que ignorasse o fato de que minha mãe tinha me proibido de tocar. Isso lhe daria munição verbal por anos.

Por sorte, quando eu entrei, Rix não estava por lá. Só uns dois caras de vinte e poucos anos mexiam numa prateleira de discos no fundo da loja. Comecei a olhar os discos de hip-hop. Encontrei algumas músicas novas, que eu nunca tinha ouvido. Olhei para as pick-ups. Rix ainda não havia aparecido. Peguei quatro discos e saí andando rápido, para não perder a coragem. Era o momento de ser decidida. Era a hora de mixar.

Coloquei os fones, pus um disco na pick-up. Aumentei o fader e a música começou a soar nos falantes. Era boa. Mentalmente, me dei parabéns. Eu estava tocando. Botei outro disco na segunda pick-up e coloquei a música no ponto.

Foi quando Rix apareceu no balcão. Ele olhou para mim chocado. Cruzou os braços e ficou observando. *Ele não tinha gostado nada.* Ali estava uma garotinha que não era ninguém invadindo o território dele. Pela cara dele, dava para perceber que ele estava louco para eu fazer tudo errado. Deixei a faixa um tocando mais alguns segundos e comecei lentamente a aumentar o volume da faixa dois. A batida estava totalmente sincronizada. Aumentei o volume da faixa dois e deixei a um tocando na mesma altura por mais uns trinta segundos antes de baixar o som. Tenho de dizer que ficou Ok. Levantei os olhos e vi Rix parado no mesmo lugar, me observando com desdém. Depois do mix, ele bateu as palmas, irônico.

*Você é patético,* gritei para ele em pensamento, mas eu sabia que deveria ignorá-lo. E, repentinamente, senti uma onda de orgulho dentro de mim. Eu tinha feito minha primeira mixagem na Tune Spin e tinha dado certo. Não ia sair de lá de jeito nenhum. Pus outro disco no prato e comecei a procurar o ponto.

Dez minutos depois, eu tinha feito várias mixagens e todas tinham ficado ótimas. Estava muito satisfeita. Então fui até o balcão. Rix estava ocupado enrolando o fio de um alto-falante. Eu tossi bem alto para chamar a atenção.

Ele olhou para mim.

“O que você quer?”, disse.

“Queria saber se você pode arrumar essas duas”, disse, entregando a ele o número mais recente da *In the Mix.* Na página, eu tinha marcado o nome de duas músicas americanas com caneta verde. Ele olhou para a revista por alguns segundos, como se fosse um guardanapo usado.

“Não sei”, respondeu.

“Bom”, eu disse bem devagar, como se estivesse falando com uma criança de dois anos. “Você pode encomendar ou não pode encomendar?”

Ele me olhou com desprezo. “É, eu posso encomendar se você quiser.”

“Então eu quero que você encomende.”

Ele começou a praguejar enquanto tirava um pedaço de papel de uma pasta.

“Preencha isso”, disse, empurrando a ficha de pedido na minha direção. “São importados, então pode demorar séculos para chegarem.”

“Você tem uma caneta?”

Ele procurou no balcão e me entregou uma esferográfica com a tampa mastigada.

“Quanto tempo são séculos?”, perguntei, enquanto preenchia o

pedido.

"Pode ser algumas semanas. Pode ser alguns meses."

"O que é mais provável?"

Ele encolheu os ombros. "Não faço idéia."

"Certo", eu disse, entregando a ficha.

"Você tem de deixar um depósito."

"Quanto?", perguntei.

"Dezinho."

Eu só tinha sete libras na bolsa.

"Eu não tenho dez", disse. "Que tal cinco?"

Um sorriso zombeteiro apareceu no rosto dele. O cara estava positivamente feliz. Ele não ia desperdiçar essa oportunidade de me irritar.

"Desculpe, mas você tem de deixar dez", repetiu, obviamente satisfeito. "É a política da loja. Não sei como é em lojas de roupas, mas é assim que funciona aqui."

"Ah, eu já vi você ser maleável com um monte de gente", protestei.

Ele considerou o meu pedido por algum tempo, aproveitando cada segundo.

"Tá bom", disse, relutante. "Só desta vez."

Eu entreguei o dinheiro.

Ele anotou "Depósito — cinco libras" na ficha do pedido e a arquivou numa pasta.

"Obrigada", eu disse o mais educada possível.

Mas o cara não resistiu e me deu outra alfinetada.

"Talvez um dia você consiga ganhar seu próprio dinheiro."

Eu olhei para aquele modelo vivo de imaturidade. Não morda a isca, garota, recomendei a mim mesma.

Então, atravesse a loja com a maior dignidade possível. Infelizmente, não olhei para onde estava indo e, assim que pus os pés para fora, dei um encontrão com uma pessoa. Minha mochila da

escola voou e eu caí na calçado junto com a outra pessoa. Com raiva, virei para ver em quem tinha trombado e estava pronta para xingar a figura por ser tão desajeitada.

Mas as palavras sumiram.

Fiquei de queixo caído, e minha boca parecia a entrada de uma caverna.

Eu conhecia a pessoa.

Era Josh Stanton.

As coisas da minha mochila estava todas espalhadas no chão. Josh se levantou. Eu olhei para ele. Ele estava preocupado comigo. Os olhos dele eram ainda mais lindos de perto. Ele me estendeu a mão.

Josh Stanton estendeu a mão para mim. A era do cavalheirismo ainda não tinha acabado.

Eu peguei a mochila do chão e segurei na mão dele. Por aproximadamente cinco segundos eu e Josh Stanton estávamos de mãos dadas. Isso deveria significar alguma coisa. Em algum lugar.

Nossas mãos se separaram e ele ajoelhou para recolher minhas coisas do chão. Graças a Deus não tinha nada embaraçoso na minha mochila, só alguns livros de inglês, meu celular e um batom. Ele me entregou as coisas e eu guardei tudo rapidamente. Tentei parecer o mais calma possível. O que é difícil, quando você está nervosa, embaraçada e com as bochechas vermelhas de vergonha.

“Você está bem?”, ele perguntou.

Essa é a sua grande chance de conversar com ele, Zoe. As palavras que você disser podem mudar sua vida para sempre.

“Tô”, balbuciei.

TÔ? Isso não é nem uma palavra.

TÔ!

Não vá procurar no dicionário, Zoe. Não faz sentido.

Mas eu estava em pânico, temendo dizer algo ridículo.

Fale! Formule uma frase!

Mas minha boca se manteve firmemente fechada. Eu não conseguia dizer nem “Obrigada”. Só sorri com cara de tonta. Ele também sorriu e falou novamente.

“No futuro, tenho de olhar para onde estou indo.”

Eu continuei a encarar Josh por mais alguns segundos e então percebi que tinha de fazer alguma coisa. Então eu fiz o que me veio naturalmente. Comecei a andar pela High Street, me xingando por ter desperdiçado uma oportunidade de ouro. Eu queria tanto olhar para trás, mas me forcei a não fazer isso.

Zoe Wynch — adorável sedutora? Ou cabeça de amendoim desajeitada?

# Capítulo 11
## Alerta de festa

***Tânia: Então, Zoe, ouvi dizer que você tem esbarrado em*** pessoas fascinantes ultimamente.

Zoe: Sim, Tânia. Tem sido muito estranho. Parece que eles surgem em todos os lugares onde estou.

Tânia: A imprensa mencionou o nome de Matt Nash, da boy band Got-a-go.

Zoe: Os jornais acertaram dessa vez. Eu fui comprar um iate na cidade e esse rapaz apareceu de repente do meu lado usando uma roupa de vigia da loja. Quando ele começou a me encarar, eu o reconheci. Sou louca por ele há séculos.

Tânia: O que você disse?

Zoe: Eu estava para começar uma longa conversa quando um vigia de verdade chegou e o expulsou da loja.

Tânia: E não há uma outra história envolvendo o cantor Darren Byecroft?

Zoe: Mais tarde, nesse mesmo dia, eu estava indo a uma joalheria quando percebi uma pessoa me seguindo num skate. Quando fui confrontá-lo, ele desceu do skate e tirou o capacete. Eu fiquei totalmente fascinada de ver Darren. Ele disse que quase tinha me perdido várias vezes durante o dia, porque o skate não é tão rápido dentro de lojas.

Tânia: E aí o que aconteceu?

Zoe: Um guarda de trânsito apareceu do nada e multou Darren. Ele tinha estacionado o skate num local proibido. Darren ficou furioso, começou a discutir com o guarda e eu saí fora.

Tânia: E quanto a Miles Forge, o grande produtor musical?

Zoe: Ele estava acampando no meu jardim uma manhã dessas. Tinha montado uma barraca pequena e levado mantimentos.

Tânia: Incrível!

Zoe: Esquisito, digo eu. Disse para ele que não sou muito de acampar. Prefiro hotéis cinco estrelas.

Tânia: Como ele respondeu a isso?

Zoe: Ele ficou totalmente desapontado. Eu subi no ônibus e a última coisa que vi foi quando ele se embaraçou nas cordas tentando desarmar a barraca.

“Ela está te chamando”, sussurraram dois garotos na minha frente.

Eu estava no corredor depois de um dos lendários sermões coletivos de Mad Max. O motivo da bronca dessa vez eram os grafites obscenos no banheiro. Ele não conseguiu dividir conosco as palavras que tinha encontrado, mas estava tão bravo que eu pensei seriamente que ele podia entrar em autocombustão. Disse que descobriria os culpados e os mandaria para a polícia. Quando fez essa ameaça, parte dos alunos se encolheu nas carteiras e várias mochilas contendo latas de spray foram fechadas rapidamente.

Olhei para o lado e vi a srta. Devlin acenando para mim.

“Zoe, podemos conversar um minuto?”

Se ela queria falar da minha falta de atenção durante a aula, eu podia passar sem essa. Minha vida já estava complicada demais. Nós fomos até uma mesa próximo da sala de Mad Max. A sra. Perkins estava em seu escritório. Ela me olhou curiosa, mas eu dei uma encarada e ela desviou o olhar.

“O que está acontecendo?”, perguntou a srta. Devlin, me observando com seus grandes e preocupados olhos de professora, quando nos sentamos em duas poltronas baixas.

Eu olhei para ela sem entender.

“O que você quer dizer?”, perguntei.

“Não sou estúpida, Zoe. Percebi que você brigou com Keesha e Becky. Vocês três costumavam ser o grupo mais unido da classe. Agora estão sentando separadas. Quer conversar sobre isso?”

Eu dei um longo suspiro e decidi não dizer o que estava pensando. Abrir seu coração para um professor sempre acaba dando mais confusão do que ajudando.

Um minuto depois eu estava dizendo a ela exatamente o que passava pela minha cabeça e escancarando meu coração. Alguns professores são realmente bons em fazer você se abrir. Devem aprender algum tipo de hipnose na universidade. Eu contei sobre minha vontade de ser DJ, sobre a briga com Keesha e Becky, sobre a proibição de discotecar na festa da escola, sobre as preocupações de mamãe com minha lição de casa e com o meu futuro.

A única coisa que não mencionei foi Josh Stanton. Eu não ia falar sobre ele com a srta. Devlin de *jeito nenhum.* Eu ainda tenho uma migalha de dignidade, mesmo tendo jogado ele no chão recentemente.

Quando terminei de contar tudo, a srta. Devlin sorriu de um jeito estranho.

“Compreendo bem o que você está dizendo”, disse. “Briguei muito com minhas amigas na escola. Talvez seja uma coisa de garotas. Os garotos tendem a se esmurrar, grunhir um pouco e já fica tudo bem de novo. Mas as garotas são mais sutis. Elas travam guerras *psicológicas.”*

Fiquei alguns minutos pensando nisso.

“Então devo esquecer delas e achar novas amigas?”, perguntei, em tom de brincadeira.

Ela fez que não.

“Claro que não. Elas são boas amigas. Alguém tem de dar o primeiro passo para quebrar o gelo. Provavelmente os dois lados têm razão. Você sentiu que estava sendo ignorada. Elas acham que você é muito obcecada por sua música. Tenho certeza que vocês encontrarão uma maneira de resolver isso. Você tem de aceitar que elas não gostam tanto de música quanto você. Elas têm que ouvir sobre ser DJ, mas não o tempo todo.”

“Sabia que você iria dizer algo nessa linha”, falei.

“Vai dar tudo certo com Keesha e Becky.”

“E quanto a mamãe?”

“As relações entre mãe e filha podem ser bastante intensas”, ela respondeu. “Sempre que visito minha mãe, ela me trata como se eu tivesse três anos.”

“Mas eu acho que mamãe quer que eu desista totalmente de ser DJ e me transforme numa nerd sem vida”, choraminguei.

“Você tem certeza disso?”

“Ela deixa muito claro.”

“Ela só quer o melhor para você.”

Suspirei. “É o que ela me diz o tempo todo, mas não parece.”

“Você conhece alguma adolescente que concorda com a mãe sobre qualquer assunto sério?”

“Não”, respondi.

“Exatamente. O melhor a fazer é tentar encontrar um equilíbrio entre discotecar e estudar. Aí ela não vai poder criticar tanto você.”

“Mas eu achei que estava fazendo isso.”

“Sim, mas ela não vê as coisas dessa forma. Talvez você precise dizer claramente a ela como vai chegar a esse equilíbrio. Talvez você tenha de dizer algo como ‘hoje vou estudar duas horas e tocar uma hora’. Conte tudo em detalhes.”

Eu fiz uma careta. Ela esperava realmente que eu mantivesse minha mãe informada sobre minhas atividades minuto a minuto?

“Tente, Zoe. É impressionante como um pouco de comunicação pode melhorar as coisas.”

“E quanto ao meu futuro sombrio?”, perguntei. “Sobre eu parar de estudar enquanto minhas amigas viram celebridades universitárias?”

Ela sorriu, achando graça da pergunta.

“Primeiro, ainda faltam anos para a universidade. Segundo, você pode entrar na universidade e continuar a ser DJ.”

“Mamãe acha que a universidade é só para coisas acadêmicas. Ela vive falando de quanto *ela* estudou.”

A srta. Devlin apertou as mãos.

“Veja bem, Zoe. O mundo mudou muito desde que a sua mãe fez faculdade. Provavelmente ela não sabe muito bem quais são os cursos hoje.”

“Conhecendo minha mãe”, eu disse, “provavelmente ela já visitou todas as universidades do país e decidiu onde eu terei de estudar.”

“Vamos lá”, disse a srta. Devlin, com um sorriso. “Ela não deve ser tão ruim assim.”

Olhei para ela com cara de desespero.

“Ela é pior”, balbuciei.

“Tenho certeza que não, Zoe. Todas as mães se preocupam com os filhos. É o que elas fazem. Vem no manual de instruções.”

Fiquei pensativa. “E quanto a Keesha e Becky? Devo pedir desculpas?”

“É você quem tem de decidir. Se não quiser pedir desculpas, não peça. Mas, se quiser resolver as coisas rápido, então vá lá, procure as duas. Engula seu orgulho e faça as pazes.”

“Obrigada pela conversa”, falei, me levantando.

Ela riu. “Os professores não estão interessados apenas em lousas e cadernos.”

Nesse segundo, Mad Max apareceu.

“Podemos conversar um minuto, srta. Devlin?”

Peguei minhas coisas.

A srta. Devlin fez um sinal de positivo e então se levantou para conversar com Mad Max.

Eu eslava a caminho de casa quando ouvi alguém chamar meu nome.

“Zoe, espere!”

Era Dan, correndo pela High Street para me alcançar. Quando chegou onde eu estava, disse que precisava conversar. Meu coração pesou. Eu não estava a fim de dar mais nenhum conselho sentimental sobre Becky. Eu nem falava mais com a garota. Nos sentamos num banco em frente à biblioteca.

“Obrigada por me ouvir na outra noite”, ele disse. “Você me fez sentir muito melhor.”

“Sem problema”, respondi, esperando pelo segundo episódio da minha vida como conselheira sentimental.

“Você, Becky e Keesha tiveram uma briginha, não é?”

“Não foi nada de mais”, menti.

“Claro que foi. Vocês três são como irmãs. Qualquer que tenha sido o motivo da briga, não pode ser tão sério que acabe com a amizade.”

Eu encolhi os ombros.

“É sobre isso que você quer falar comigo?”

Ele fez que não com a cabeça.

“Diga.”

“Você sabe que meu irmão Howie está tentando trabalhar como promotor de festas, não?”

Assenti.

“Ele está organizando uma noite no Centro Esportivo Gate em Tufnell Park. Vai ser uma festa para pessoas entre catorze e dezessete anos. Você sabe do que eu estou falando.”

“Parece legal”, falei, sem prestar muita atenção no que ele

dizia.

“A questão é: o cara que ia discotecar para o Howie quebrou o braço ontem e não vai mais poder tocar. Howie precisa achar um substituto urgentemente.”

Sintonizei minhas antenas rapidamente no assunto. Senti uma fagulha de excitação no peito.

“Falei de você para Howie. Ele quer ouvir você discotecar.”

Primeiro Dan fala de mim para Mad Max e agora está vendendo meu talento para seu irmão. Esse cara é meu agente ou o quê?

Levantei os punhos

“DJ Zed ataca novamente!”, gritei.

“Tenho certeza que ele vai gostar”, disse Dan, sorrindo. “Vai ser daqui a duas semanas, então você tem bastante tempo para preparar o set... Olha, eu tenho de ir, estou atrasado para o treino de futebol. Mas me avise quando podemos nos encontrar para ouvir você tocar.”

Eu queria perguntar se Josh estaria no treino, mas Dan estava mesmo com pressa. Ele saiu correndo pela High Street e fiquei observando até ele desaparecer. Senti uma grande satisfação por ter encorajado Becky a continuar o namoro. Ele era um cara legal e, se conseguisse segurar Becky quando ela fica muito mandona, talvez eles tivessem um futuro juntos — eu achava que eles faziam um belo par. E ele tinha razão sobre Becky e Keesha. Nós éramos como irmãs. Mas eu ainda não tinha certeza se deveria dar o primeiro passo para quebrar o gelo entre nós.

Eu estava animadíssima com a perspectiva de tocar no centro esportivo, mas minha animação era contida por um grande problema que atendia pelo nome de Angela Wynch. Tinha certeza de que papai iria gostar da idéia, mas o que mamãe iria dizer? Eu já havia pago o preço pelo fiasco do cinema? Tinha sido punida e tinha sofrido. Mas será que ela me daria permissão desta vez (se Howie gostasse de mim) ou continuava tão inflexível quanto a eu ser DJ que qualquer possibilidade estava fora de questão? Essa era uma perspectiva

horrível demais para levar em consideração.

Peguei minha mochila e continuei meu caminho para casa, pensativa. E então aquela velha pergunta voltou à minha mente. O que aconteceria se mamãe concordasse em discotecar e eu não fosse boa o suficiente? Eu tinha que ensaiar horas e horas, mas tocar no quarto não chega nem perto de discotecar para centenas de pessoas. Mas eu sabia que se não fizesse minha primeira apresentação rápido, ainda estaria discotecando no quarto aos cinqüenta anos.

Abri a porta da frente e ouvi mamãe falando alto ao telefone. O que eu diria a ela e ao papai quando Dan e Howie viessem me ouvir mixar?

Eu deveria dizer a verdade sobre a festa?

Ou contar uma grande mentira?

# Capítulo 12
## O Sofá é tão bom

*No sábado depois da festa da escola eu estava na CHILL* preenchendo formulários e pensando no que faria naquela noite. Eu tinha poucas opções. Ainda habitava um planeta diferente do de Keesha e Becky — parecia que nossa briga ia durar para sempre. E não estava preparada para apelar para o lado b da minha agenda de telefones.

Eu também estava muito nervosa por causa da visita de Dan e Howie, que aconteceria na manhã seguinte. Fiquei repassando mentalmente o mini-set que tinha preparado para eles. Quando ia colocar mais um pacote de sulfite na copiadora, percebi alguém parado do meu lado.

“Zoe, você quer ouvir os singles da semana de novo?”

Era Jade, carregando uma pilha de CDs.

Eu ainda não acreditava que era verdade, mas vi que ela estava falando sério.

“Claro”, respondi.

“Use a minha mesa”, ela disse.

Jade me entregou os CDs e eu os equilibrei até o outro lado da sala. Peguei um papel em branco e os fones de ouvido.

Duas horas depois eu tinha quase acabado o trabalho. Alguns dos singles realmente se destacavam do resto e tinham conseguido cinco estrelas. Eu vi Jade entrar no escritório e vir na minha direção.

“Já estou acabando”, falei, tirando os fones de ouvido.

“Ótimo”, ela respondeu. “Mas eu quero falar com você sobre outra coisa.”

Pronto, tinha chegado. A nuvem negra. Ela tinha sido quase legal comigo e agora era a hora da crueldade selvagem.

“Você é fã de Reel Love, certo?”

Eu assenti, um pouco hesitante. Aonde isso iria chegar?

“Bem, eu acabei de falar com ele. Está em cima da hora, mas ele vai tocar hoje num clube em Shoreditch chamado Sofá. Ele deve um favor ao gerente de lã. Você conhece o clube?”

Se eu conhecia? É um dos mais importantes clubes da Europa. Não que eu já tivesse estado lá.

“Sim.”

“O que você acha de ser incluída na lista de convidados?”

Fiquei imóvel, como se alguém tivesse colocado um ferro em brasa ao meu lado.

“C... como?”, gaguejei.

“Na lista de convidados. Você gostaria de ser incluída?”

Uma coisa era ela deixar que eu fizesse algum trabalho, mas isso parecia bom demais para ser verdade. Ela deve ter adivinhado o que eu pensava.

“Estou falando sério”, disse. “Ele vai tocar um set curto, e *você* pode assistir se quiser.”

Na minha cara estava escrito POR QUE EU?

“Olha”, ela continuou, “você ouve os singles, eu pago o favor colocando você na lista do Reel Love. Acho que é uma troca razoável, não?”

“É... sensacional”, eu disse. “Obrigada.”

“De nada. Só faça alguma coisa para parecer maior de idade e chegue lá às oito e meia.”

De repente, pensei em algo.

“Sei que isso é abusar, mas há alguma chance de eu levar alguns amigos comigo?”

Ela fez uma pausa breve, durante a qual eu antecipei todas as negativas possíveis ao meu pedido.

"Claro", ela respondeu. "Só me passe os nomes."

Assim como tinha acontecido em todos os grandes acontecimentos da minha vida recentemente, o rosto de mamãe dominou meus pensamentos. Eu tinha ficado mais tranqüila quanto ao episódio da festa da escola. Percebi que não chegaria a lugar nenhum se a atacasse constantemente por ter me proibido. Precisava dela como aliada, especialmente agora. Então andava cada vez mais condescendente nos últimos dias. Eu ainda não havia contado nada sobre o show no centro esportivo e agora estava na lista de convidados do Sofá! Eu não sabia o que ela iria pensar sobre sua filha de quatorze anos indo a um clube. Eu podia dizer que iria com Jade, mas isso não a convenceria. Quão arrasada eu ficaria se ela não me deixasse ir ao Sofá ou à festa de Howie, ou a nenhum dos dois? Eu iria pedir para ir ao Sofá assim que chegasse em casa e, se tudo corresse como eu planejava, mais tarde falaria sobre a festa no centro esportivo.

Seja corajosa, disse a mim mesma, e vá direto ao assunto.

Quando cheguei em casa, encontrei papai sozinho na sala assistindo a um documentário sobre música.

"Cadê a mamãe?", perguntei, como quem não quer nada.

"Ela saiu com umas amigas do trabalho."

"Que horas ela volta?"

"Não sei. Ela me disse para não esperar acordado. Pode ser tarde."

Ele voltou a assistir a TV

Em silêncio, agradeci ao espírito que havia organizado a vida social de mamãe.

"Pai?"

Ele se virou lentamente para mim.

Sentei ao lado dele, fiz minha melhor cara de filha obediente e

graciosa e comecei a explicar a situação.

A porta se abriu depois da minha décima batida. Keesha me encarou. Becky permaneceu imóvel atrás dela. Eram seis e meia e as duas com certeza não esperavam me ver.

“Posso entrar?”, perguntei.

Keesha me olhou, tentando adivinhar se eu vinha em paz ou para continuar a guerra. Eu devia ter vestido uma camiseta que declarasse minhas intenções.

Ela deve ter se decidido pela primeira opção, já que fez sinal para eu entrar.

Foi o que fiz. Parei em frente às duas. Fez-se um silêncio constrangedor. Aí estavam minhas duas melhores amigas e parecia que eram minhas piores inimigas. Eu já tinha ficado na geladeira tempo suficiente. Queria que tudo voltasse ao normal.

“Eu fui uma idiota!”, gritei.

As duas olharam para mim como se eu estivesse completamente louca.

“Vocês estavam certas! Eu estava tão obcecada com a música que negligenciei minhas amigas. Percebi como estava errada. Estou aqui para implorar por perdão.”

Fui totalmente dramática.

Becky foi a primeira a se manifestar.

“Sua doida”, ela gritou, me abraçando. “Tem sido péssimo sem você.”

Keesha também me abraçou. “Nós sentimos tanta falta de você e de todo o resto — suas piadas, sua loucura, seu irmão mulherengo!”

“Zoe voltou!”, Becky disse enquanto eu tentava me livrar de seu abraço sufocante.

“Nós tentamos fazer piadas e rir, mas sem você não conseguimos”, Keesha disse, sorrindo.

“Nós também erramos”, disse Becky, finalmente me soltando.

“Não devíamos ter feito aquilo. Se ser DJ é tão importante para você, devíamos ter nos interessado um pouco mais, ou pelo menos parecer mais interessadas.”

“Nada é tão importante quanto vocês duas”, cantei, em falsete.

Fomos para o quarto de Keesha, falando ao mesmo tempo.

Quando chegamos lá, pedi silêncio. Levou alguns segundos, mas as duas ficaram quietas.

“Para me desculpar, planejei uma surpresa, um lugar para nós três irmos juntas.”

As duas me olharam, intrigadas.

“Quem já ouviu falar do Sofá?”, perguntei. “E não me refiro àquela coisa com almofadas na sala de estar.”

As duas arregalaram os olhos.

“Quem não ouvir falar!?!”, respondeu Keesha.

“Esta noite”, disse, “Reel Love vai tocar lá. E acontece que fiquei sabendo que três garotas estão na lista de convidados.”

“Não acredito!”, berrou Becky.

“Sim!”, gritei.

As duas começaram a pular e gritar pelo quarto e achei que seria mal-educado não me juntar a elas.

Quando finalmente nos acalmamos, adotei um tom de voz mais sério.

“Minha mãe tinha saído e, quando cheguei em casa da CHILL, convenci meu pai a me deixar ir. Ele estava assistindo a um documentário sobre música e concordou um pouco relutante. Disse que tudo ficaria bem se eu voltasse até meia-noite e que ele resolveria as coisas com mamãe.”

“Sem problemas com os meus pais”, disse Keesha.

“Vou omitir alguns detalhes para minha mãe”, Becky disse, piscando. “E Dan vai entender.”

“Eu queria pedir desculpas mais uma vez, por ter sido tão mala”, disse. “Eu não devia ter expulsado você. Passei do limite.”

“Esqueça isso”, disse Becky. “Temos uma noite sensacional pela frente e ainda não decidimos o que vestir!”

“E temos que parecer maiores de idade para entrar”, lembrei as duas.

“Não se preocupe”, disse Keesha, abrindo as portas do guarda-roupa. “É hora da minha mágica.”

Eu levei meia hora para ficar pronta. Keesha e Becky demoraram pelo menos uma hora. Eu estava com a calça preta de couro de Keesha, uma camiseta branca customizada e, pela primeira vez na vida, de cabelos soltos. As duas disseram que eu estava linda e tive que concordar. A pessoa que me olhava no espelho poderia tranquilamente passar por uma atraente garota de dezoito anos.

Keesha colocou a minissaia xadrez e um top de lantejoula de manga curta. Becky usava um jeans justo e uma frente-única azul. Quando saímos da casa de Keesha, Becky olhou para nós três e aprovou o visual.

“Estamos bonitas”, disse.

“Besteira!”, gritou Keesha. “Estamos *fantásticas!”*

A fila na frente do Sofá dobrava a esquina. Levamos meia hora de ônibus para chegar até Shoreditch. Algumas pessoas olharam feio para nós enquanto passávamos. Pareciam dizer: Nem pensem em furar a fila.

Chegamos à porta do clube, onde dois seguranças imensos, usando ternos pretos, bloqueavam a entrada. Eu falei com o que tinha uma tatuagem de crocodilo no pescoço.

“Com licença”, comecei, “estamos na lista de convidados.”

Ele olhou para mim como se eu fosse uma lesma que tivesse melecado o sapato dele.

“Nome?”, perguntou, rude.

“Zoe Wynch.”

Ele falou algo no walkie-talkie e esperou a resposta. Balançou a cabeça, sério, e por alguns segundos achei que seria mandada para casa. Mas ele acenou para seu colega dizendo “lista”.

Ele nos empurrou para frente, e apontou para a entrada prateada. De repente, estávamos dentro.

“Isso é brilhante”, Becky sussurrou. “É como se fôssemos estrelas de cinema.”

Deixamos nossos casacos com a garota antipática da chapelaria e passamos por um corredor estreito, pouco iluminado, até um lugar que parecia uma caverna. Imediatamente fomos golpeadas pelo som. Uma música que eu conhecia estava tocando e luzes multicoloridas piscavam nos globos rotatórios espalhados pela pista. O lugar estava entupido de gente. Havia um bar ocupando toda a extensão da parede preta e a pista ocupava dois retângulos, uma no nível do bar e a outra um metro acima. Era uma galera jovem, a maioria entre dezoito e vinte e cinco anos, acho. E muita gente dançava.

Olhei para o DJ e vi que ainda não era Reel Love tocando.

“Acho que isso merece uma dança”, gritou Becky. Keesha e eu não vimos razão para desobedecer e as três foram direto para a pista mais alta.

O DJ era bom e tocou uma seleção decente. Eu conhecia a maioria das músicas e, enquanto dançava, tentava adivinhar qual seria a próxima. Depois de dançar algumas músicas, decidimos descansar um pouco. Nos sentamos num sofá perto do bar. Estávamos falando sem parar sobre como o clube era legal, quando vi um rosto conhecido.

Era Laura Tanner. Ela foi até onde estávamos e sentou no braço do sofá. Ela usava um vestido curto azul escuro.

“Que engraçado encontrar você aqui”, ela disse, surpresa.

“Achei que você preferia ficar atrás das pick-ups.”

Eu sorri. “Eu prefiro, mas recebi uma oferta irrecusável.”

“Como assim?”

“Nós estamos na lista de convidados”, respondi, orgulhosa.

“Você está brincando!”, ela disse, incrédula.

Eu confirmei.

“Como foi que você conseguiu isso?”, ela perguntou. “Eu já vim aqui umas duas ou três vezes e é o clube mais popular da cidade. Eu e minhas amigas esperamos mais de uma hora para entrar.”

“Uma pessoa na CHILL conseguiu para mim — eu trabalho lá aos sábados.”

Ele ficou totalmente impressionada e se levantou para ir embora. Antes, porém, olhou novamente para mim.

“Aliás”, falou, “e o Zak, como está?”

Virei os olhos. “Igual.”

Ela sorriu, um pouco melancólica.

“Ele não é um homem de uma garota só, não é?”

“Pode-se dizer que sim”, sorri.

Keesha riu. “Ele não existe.”

Laura também riu, disse tchau e desapareceu no meio da galera.

Às dez e quinze nós estávamos novamente na pista e, minutos depois, aconteceu. O DJ tirou os fones e deu lugar à grande atração. Trinta segundos depois, Reel Love apareceu atrás das pick-ups para receber os aplausos e assobios da galera, colocou os fones e começou a tocar.

EU ESTAVA NO MESMO LUGAR QUE REEL LOVE!

Gritei mais alto que qualquer outra pessoa.

Desde a primeira música, ele foi incrível. E era tão mais legal ouvi-lo ao vivo do que na rádio. Ele tocou um mix de músicas conhecidas e faixas raras e a coisa toda parecia impecável. A galera estava enlouquecida. Eu me deixei levar totalmente pela música e

fiquei o tempo todo olhando para a cabine do DJ para garantir que era ele mesmo. Nós estávamos a cinco metros de Reel Love, e dançamos como loucas durante todo o set. Eu fiquei tentada a chegar mais perto, mas, mesmo que eu quisesse, era praticamente impossível — a pista estava totalmente lotada.

É o máximo, continuava repetindo para mim mesma. Não dá para ser melhor. Pensei sobre o meu próprio set e de repente fiquei muito preocupada. Amanhã de manhã Dan e Howie poderiam ter um choque quando viessem me ouvir. Comparada a Reel Love, eu era nada. Espere um minuto, disse a mim mesma, obviamente você não chega aos pés dele, mas ele praticou durante anos até chegar onde está.

Reel Love tocou por quase uma hora e, no meio da última faixa, ele acenou para a galera. A resposta foi ensurdecedora. Eu pulei, balancei as mãos e gritei ao mesmo tempo.

E então ele foi embora.

O outro cara voltou para as pick-ups.

"O que eu disse?", gritei para Keesha e Becky. "O cara é um gênio."

As duas concordaram. Nós estávamos exaustas e felicíssimas.

Encontramos Laura de novo na chapelaria e estávamos prestes a começar a matraquear sobre como Reel Love era brilhante, mas ela parecia muito chateada.

"Você está bem?", perguntei.

Ela fez que não. "Vi algo terrível hoje."

"O quê?", Becky perguntou.

"Vim com um grupo grande de amigas", ela explicou. "E acho que colocaram alguma coisa na bebida de uma das garotas, Kathy."

"Como você sabe?", perguntou Keesha.

"Nós deixamos as bebidas na mesa e fomos dançar. Ficamos longe da mesa só uns dez minutos. Quando voltamos, ela tomou um gole e de repente ficou tonta. Nós tentamos falar com ela, mas ela

não respondia — parecia ter perdido totalmente o controle. Acho que era uma dessas drogas que usam para estuprar garotas, como Roipinol.”

“Isso é horrível!”, disse Keesha.

Eu tremi. Toda a excitação do set de Reel Love de repente desapareceu.

“Alguém sabe quem fez isso?”, Becky perguntou.

“Não”, respondeu Laura. “Kathy não se lembra de nada, então ninguém sabe o quanto ela bebeu. Ainda bem que ela estava com um monte de amigas, caso contrário, uma coisa horrível poderia ter acontecido.”

“Ela vai ficar bem?”, perguntei.

“Duas amigas a levaram para o pronto-socorro em St. Helen para ter certeza que está tudo ok.”

Keesha estava totalmente chocada. “É horrível que algum idiota possa fazer algo assim.”

Becky assentiu e olhou para trás. “Pode ter sido qualquer um.”

Também olhei para o clube. Não parecia mais tão glamouroso e atraente. Eu já tinha lido sobre essas drogas que derrubam você e impedem qualquer reação.

“É um perigo real”, disse Laura. “Nunca deixe sua bebida onde você não possa ver.”

Nos despedimos e pegamos nossos casacos na chapelaria.

“Não acredito”, disse Becky. “Algumas pessoas são realmente más.”

Keesha e eu assentimos, enquanto saímos do clube. Da próxima vez que eu chegasse perto de um clube, iria carregar minha bebida comigo o tempo todo.

“Espero que a garota esteja bem”, disse Keesha.

A fila na frente do Sofá ainda era gigante, mas nós três estávamos chocadas demais com o caso da bebida batizada e não tínhamos a menor vontade de comemorar o fato de termos entrado

como convidadas.

O ônibus chegou cinco minutos depois e nós quase não conversamos no caminho de volta. Estávamos pensando em Kathy e como aquilo facilmente poderia ter acontecido com uma de nós.

# Capítulo 13
## DJ Zed e o flyer fantástico

*Howie e Dan estavam sentados na minha cama, balançando* a cabeça no ritmo da música. Graças a Deus, mamãe tinha ido visitar uma amiga que estava em processo de separação e precisava de um ombro para chorar. Isso me deu algumas horas. Papai deu uma espiada no que estava acontecendo no quarto e saiu rápido.

Quando terminei meu mini-set, não tinha idéia do que Dan e Howie tinham achado. Eu tinha sido boa? Ou eles estavam loucos para escapar daquela poluição sonora? Abaixei o volume da última faixa e tirei os fones.

“Então?”, perguntei, nervosa.

Os dois me olharam.

Dan sorriu. “Eu disse que ela era boa.”

Keesha e Becky sabiam que Dan e Howie iriam à minha casa me ouvir tocar — elas realmente queriam que eu discotecasse na festa do centro esportivo. Keesha parecia ter superado totalmente a história com Tim e Becky e Dan estavam muito bem. Ela me disse que Dan tinha começado a se impor mais e que ela tinha gostado.

“Você é mais do que boa”, Howie disse ainda balançando a cabeça. “Você conseguiu um show. Cinqüenta libras. Está bom para você?”

Eu cheguei do Sofá na noite anterior às cinco para meia-noite.

Papai estava na cozinha lendo um livro.

“Como foi?”, perguntou.

Eu falei sem parar por meia hora. Contei todas as partes boas, mas não disse nada sobre o que tinha acontecido com Kathy. Ele teria ficado chocado e mamãe, em pânico.

Mamãe tinha se divertido no passeio com as amigas. Ela chegou em casa às duas da manhã, o que é extremamente tarde para ela. Quando papai contou, no café da manhã, sobre eu ter ido ao Sofá, admiravelmente ela pareceu tranqüila. Eu sabia que tinha de falar sobre a festa de Howie, mas não sabia qual seria o melhor momento. Ela tinha de concordar. Um “não” era impensável.

Nos últimos dias, Zak estava muito ocupado vendo Claire e, sem dúvida, várias outras garotas. Mas eu falei com ele sobre a festa em todas as oportunidades que apareceram e ele garantiu que iria me apoiar quando eu contasse para mamãe e papai.

Estava o maior falatório na escola sobre a festa no centro esportivo. A notícia de que seria a DJ começou a se espalhar e alguns garotos mais velhos acharam que seria engraçado tirar sarro de uma menina de quatorze anos. Mas eles levaram o troco no mesmo nível — de mim e, claro, de Keesha e Becky.

Na segunda-feira eu ainda estava flutuando, em transe. Minha cabeça ia do set de Reel Love para a bebida batizada e de novo para Reel Love. Na hora do almoço, a srta. Devlin veio falar comigo na cantina.

“Oi Zoe, tudo bem?”

“Tudo”, respondi.

Ela se sentou e apontou para outra cadeira. Eu sentei em frente a ela.

“E como estão as coisas com Keesha e Becky?”

“Resolvidas. Você tinha razão quanto a elas.”

“E a sua mãe?”, ela perguntou.

Pensei por um minuto.

“As coisas estão melhorando um pouco. Estamos nos falando.”

A srta. Devlin sorriu. “Eu andei pensando naquilo que você disse no outro dia — sobre encontrar o equilíbrio na sua vida e também sobre a universidade.”

“O que você acha?”, quis saber. “Que sou uma adolescente maluca que tem de ficar presa numa cela até passar pelos anos ‘problemáticos’“?

Ela riu. “Claro que não. E não há nada que eu possa fazer quanto ao equilíbrio na sua vida. Isso depende totalmente de você. Mas posso te ajudar a pensar sobre o futuro e a conseguir as informações mais atualizadas.”

“Que tipo de informação?”, perguntei.

Ela tirou várias folhas de papel da bolsa.

“Peguei isso na Internet. Fiz uma pesquisa por universidades e cursos sobre música ou que tenham alguma relação com o assunto.”

Ela colocou os papéis na mesa e rapidamente comecei a ler.

“Isso é fantástico”, disse, entusiasmada, tagarelando como se tivesse acabado de ganhar uma mala cheia de barras de ouro. “Não acredito quantos cursos existem. Olha, tem até um de produção musical com um módulo sobre discotecar.”

“E isso é o que está disponível hoje”, ela respondeu. “Imagine o que ainda pode aparecer daqui a alguns anos.”

“Posso ficar com isso?”, pedi.

“Claro. São para você.”

Ela se levantou para ir embora.

“É realmente legal que você tenha visto isso para mim”, eu disse, ainda com um olho nos papéis. Apesar de mamãe ter sido legal sobre minha noite no Sofá, eu ainda precisava de toda a munição que conseguisse para fazê-la simpatizar um pouco mais com o fato de eu querer ser DJ.

“Não foi nada”, ela disse. “Levou só vinte minutos.”

Cinco minutos depois de eu ter chegado da escola, enquanto eu ainda estava lendo os papéis que a srta. Devlin tinha me dado, Dan apareceu. Ele ficou parado na porta com um sorrisão.

“Por que você está tão feliz?”, perguntei.

Ele tirou um papel do bolso. Era o flyer da festa no centro esportivo. No alto, estava escrito DJ Zed em letras pretas.

“Saiu agora do forno, quentinho”, ele disse.

“É fantástico!”, gritei, abraçando Dan.

“Ei”, ele riu e se afastou. “Eu mesmo fiz. Você gosta?”

“Se eu gosto?”, disse. “É o melhor flyer com o meu nome que já vi. Na verdade, é o único flyer em que meu nome aparece, mas quem se importa?”

“Certo!”, ele disse, dando um tapinha no meu ombro. “Quantos você quer?”

Nesse momento, ouvi mamãe me chamando do escritório dela.

“Que confusão é essa?”, ela perguntou.

Eu lembrei que ela e papai ainda não sabiam sobre a festa no centro esportivo.

“Quero cinco!”, sussurrei, rapidamente.

Ele me deu os flyers.

“Ótimo! Agora tenho que entrar.”

Fechei a porta correndo. Pobre Dan. Num minuto ele é o cara mais legal do mundo, no outro eu bato a porta na cara dele.

Ouvi os passos de mamãe na escada e escondi os flyers debaixo da camiseta.

“Papai está em casa?”, perguntei.

“Está assistindo TV”, ela respondeu. “Por quê?”

“Posso falar com vocês?”, disse.

“Ok, vamos até a cozinha.”

“Tony!”, ela gritou. “Zoe quer falar conosco.”

Ouvi papai desligar a TV Ele entrou na cozinha.

“Tudo bem?”, perguntou.

“Tudo ótimo”, respondi. “Preciso falar com vocês sobre duas coisas.”

“Manda”, ele falou, puxando uma cadeira. Mamãe ficou em pé, encostada na geladeira.

Limpei a garganta.

“Sabe o que você me disse sobre a universidade?”, disse diretamente para mamãe. “Bem, eu andei pesquisando. Ou melhor, a srta. Devlin fez uma pesquisa para mim. Ela encontrou tudo isso sobre cursos de música, em universidade e faculdades.”

Entreguei os papeis para mamãe. Papai se levantou e foi até mamãe. Eles ficaram lendo o material por alguns minutos.

“Alguns parecem excelentes”, papai murmurou, entusiasmado. “Eu não saiba que era possível fazer tantos cursos diferentes.”

Esperei a reação de mamãe, nervosa.

“Essa é a questão”, expliquei. “Mesmo que ainda falte muito tempo para a universidade, você tinha razão — não faz mal nenhum ver as opções. Olha só, eu posso estudar música e comunicação. Não precisa haver uma separação total entre meus estudos e eu querer ser DJ.”

Finalmente mamãe falou.

“Você pode deixar isso comigo?”

“Claro”, respondi. “Fique com eles o tempo que quiser.”

Nos meus pensamentos, agradeci à srta. Devlin por ter se importado em ligar o computador e imprimir as informações sobre os cursos de música para mim. Mamãe tinha definitivamente se interessado por eles. Talvez essas informações pudessem ser parte de um quadro que mudasse pelo menos um pouquinho a opinião de mamãe a favor de Zoe Wynch ser também DJ Zed.

“E qual é a outra coisa?”, papai perguntou. “Você disse que queria falar sobre duas coisas.”

“Ah é”, respondi. “É que... eu fui... eu quero...”, eu não

conseguia formar uma frase coerente.

“Vá em frente”, disse papai. “Pode contar.”

Vamos, Zoe, disse a mim mesma. Vá direto ao ponto.

“Fui convidada para ser DJ numa festa organizada pelo irmão mais velho de Dan, o Howie. Vai ser no centro esportivo. É uma festa para garotos com menos de dezessete anos. Por favor, me deixem ir — eu juro que serei a estudante mais devotada do hemisfério norte se vocês concordarem.”

Mamãe estava com os lábios apertados. Eu não conseguia interpretar aquela expressão. Era positiva? Negativa? Ou ela tinha dado uma topada na mesa?

Papai olhou para mamãe.

Mamãe olhou para mim.

Houve uma pausa torturante.

“Você pode ir”, mamãe disse.

Eu pus a mão nos ouvidos para checar se estavam funcionando.

“Desculpe?”

“Você pode ir.”

“Só isso?”

“Só isso.”

Mamãe deve ter percebido que eu estava totalmente em choque e que ela precisava se explicar pelo menos um pouco.

“Eu sei que você acha que sou totalmente contra você discotecar, mas isso não é verdade. Só penso no que é melhor para você. Não quero que você abandone a escola por um sonho que pode não virar realidade. Você tem se esforçado muito na lição de casa, então é justo que toque nessa festa.”

Eu me senti culpada por todas as vezes que me tranquei no quarto fingindo estudar. Mas esse sentimento durou só uns cinco segundos.

Eu gritei “obrigada” várias vezes e corri pela cozinha como uma

galinha degolada.

Mamãe riu. “Vá logo antes que eu mude de idéia.”

Eu saí correndo para o meu quarto. Isso pedia algumas ligações comemorativas. Eu tinha que contar para Keesha e Becky. Mas antes de chegar perto do telefone, de repente tive uma idéia.

Peguei minha jaqueta e gritei para os meus pais que iria sair por uns vinte minutos.

Rix balançou a cabeça completamente desinteressado quando eu perguntei se os discos importados que eu encomendara haviam chegado.

“Eu disse que podia demorar séculos”, ele grunhiu. “Às vezes você faz encomendas e elas nunca chegam. Então fique preparada para más notícias. O pacote pode ter sido extraviado.”

Esse é Rix — sempre um cara animado com quem você pode contar.

Eu tirei do bolso um dos flyers que Dan havia me dado.

“Queria saber se você pode colocar um desses na loja”, disse, segurando o flyer a alguns centímetros do rosto de Rix. Ele pegou o papel da minha mão e leu por alguns segundos. Rapidamente deu uma risadinha sarcástica.

“O que é isso?”, zombou. “Alguma festa infantil? Por que você não coloca no berçário? Eles vão divulgar para você.”

Rix saiu andando devagar e eu fiquei observando enquanto ele colocou os fones e começou a tocar um hip-hop no som da Tune Spin. Geralmente eu ignoro as provocações de Rix, mas por algum motivo dessa vez ele tinha me atingido.

Eu perambulei pela loja, fingindo olhar uns discos de funk. Bem devagar, me ajoelhei, mantendo um olho em Rix. Ele estava sorrindo — provavelmente se sentindo o melhor DJ num raio de doze quilômetros. Sem hesitar, puxei o fio do som da tomada. Num segundo, fez-se o silêncio.

Rix olhou em volta e me viu de pé, ao lado da tomada. Ele ficou

completamente furioso. Mas não liguei. Era a hora de revidar e saí em direção à porta, me sentindo confiante e poderosa. Ainda olhei para trás, para ver a reação dele.

Pela primeira vez naquele mundo de arrogância, também conhecido como a vida de Rix, uma coisa admirável havia acontecido. Não houve zombaria ou sarcasmo.

O cara tinha ficado completamente sem fala.

# Capítulo 14
## Piruetas e mortais

***Meu despertador tocou e, naquela zona indistinta entre*** dormir e acordar, eu lembrei vagamente que havia algo especial. Não demorou para meu cérebro sintonizar. Ah, sim, era o dia mais importante da minha vida. Quanto mais perto chegava da data, mais eu sentia uma tremedeira louca dentro de mim. Ensaiei o mínimo possível e estudei o máximo que pude — apesar de a minha vontade ser passar todos os segundos do dia nas pick-ups. Também me contive com Keesha e Becky. Não queria exagerar com a música e brigar com elas de novo. Mas eu nem precisava me preocupar com isso. As duas foram absolutamente brilhantes, me encorajando e até vendo meu set list.

Pela primeira vez na vida, fui a primeira pessoa a acordar no sábado. Quando papai desceu, ficou admirado de me encontrar na cozinha tomando café da manha.

"Caiu da cama?", perguntou, ainda esfregando os olhos de sono.

"Engraçadinho!", respondi. "Mas errado. Hoje é o dia das possibilidades."

Ele parou em frente à geladeira e me olhou espantado.

"Você andou bebendo o licor da mamãe?"

"Se liga, pai", eu disse, virando a colher do ar. "Hoje é a minha estréia nas pick-ups."

"Claro!", ele disse, tirando uma garrafa de leite da geladeira, "O

grande dia.”

“Não é o grande dia”, protestei. “É o dia enorme, gigantesco, descomunal...”

“Como eu pude esquecer?” Ele riu. “Isso me lembra meu primeiro show. Foi no salão de uma igreja antiga. Eu estava incrivelmente nervoso. Fiquei andando de um lado para outro por horas antes de tocar. O engraçado é que só duas pessoas apareceram. E uma delas era o meu melhor amigo. Eu não acreditei. O cara ficou lá o show todo, mas o outro foi embora dez minutos depois.”

“Obrigada pela motivação! Alguma outra história inspiradora do mundo da música?”, perguntei, sarcástica.

Ele balançou a cabeça.

“Ótimo então. Estarei em meu quarto se alguém precisar de mim.”

Fui para cima. Depois de pensar durante horas, finalmente decidi em que ordem tocaria as músicas. Bom, quase decidi.

“Fica mal se eu chegar muito cedo?” Eu estava andando de um lado para o outro no meu quarto. Meu nervosismo tinha aumentado muito durante o dia. Ainda faltavam quatro horas para eu discotecar, mas eu estava quase Completamente Histérica.

Keesha e Becky estavam sentadas na minha cama. Elas foram incrivelmente pacientes comigo, já que eu tinha passado as últimas duas horas falando rápido e sem parar.

“Você quer dizer que vai pegar muito muito mal, ou só mal?”, Becky perguntou enquanto folheava uma revista de moda.

“Qual é a diferença?”, perguntou Keesha.

Mas antes que Becky explicasse, eu disparei.

“Vocês sabem o que eu quero dizer. Só me respondam. A que horas eu chego?”

“Oficialmente começa às oito”, disse Keesha lendo o flyer. “A que horas você toca?”

“Às nove”, respondi, tentando soar normal, não ultra-nervosa.

“Que tal chegar lá às sete e meia?”, perguntou Keesha.

Fiz um sinal negativo. “Não dá tempo. Que tal seis e meia?”

“Isso vai pegar muito muito mal”, respondeu Becky, levantando os olhos do artigo na Future Femme intitulado Como Deixar Seus Pés Mais Atraentes em Cinco Passos.

“Tudo bem”, disse, “vamos às sete.”

“Parece bom”, Becky respondeu.

“Então está combinado”, disse Keesha.

“Você está muito nervosa?”, Becky perguntou examinando cuidadosamente as canelas.

“Mais nervosa a cada minuto”, respondi, correndo sem sair do lugar para gastar o excesso de energia.

“Que roupa vocês acham que eu devo usar?” Esse foi o meu desafio seguinte para as garotas.

Nós tiramos absolutamente tudo do meu guarda-roupa e espalhamos as roupas na cama e no chão. Levamos mais de quarenta minutos para chegar a uma decisão, por dois votos contra um. Eu e Keesha derrotamos Becky.

Eu escolhi uma calça jeans, uma camiseta branca onde estava escrito Mix it! em preto e um par de tênis.

“E o meu cabelo?”, perguntei, mexendo nele. “Preso, solto ou raspo tudo para a noite?”

Keesha riu. “Cabelo solto é muito garota do rock.”

“Garota do rock cool”, completou Becky

Eu fiz uma careta. “Pôxa meninas, isso é importante.”

“O problema com o cabelo solto é o CNR”, disse Becky pensativa.

“O que é isso?”, perguntei.

“Cabelo no Rosto — pode atrapalhar você na hora de mixar.”

“Total”, concordou Keesha. “Definitivamente, preso.”

“Use uma presilha”, disse Becky, pegando uma do meu criado-mudo.

Eu prendi o cabelo e me olhei no espelho. Eu parecia uma DJ de verdade? Ou só uma adolescente impostora que em breve seria desmascarada?

“O que vocês acham?”, perguntei, me virando para elas.

“Perfeito”, disse Becky, enquanto Keesha fazia um sinal de positivo.

Elas tinham trazido suas coisas para minha casa e nós ficamos prontas às dez para sete, depois de um susto rápido por Keesha não achar sua bolsinha de maquiagem. Keesha estava com um vestido preto curto e botas de cano alto também pretas. Becky vestiu uma saia jeans e uma blusa preta justa, de manga curta e decote em V.

“Acho que está na hora de ir”, disse Becky.

Eu fiquei ainda mais nervosa. Ia rolar — e não tinha como voltar atrás.

Dei uma última olhada no espelho.

Ok, disse a mim mesma, você está ótima. Agora só precisa tocar direito.

Zak veio me desejar sorte — ele iria nos encontrar lá mais tarde.

Enquanto descíamos as escadas, mamãe apareceu na porta da cozinha toda sorridente. “Boa sorte, Zoe. Espero que saia tudo maravilhoso.”

Eu sorri para ela. Apesar de todas as brigas e discussões, eu sabia que ela estava sendo sincera.

Howie e Dan estavam na porta do centro esportivo quando nós chegamos. Havia também dois seguranças de braços cruzados. Eles não eram tão brutamontes quantos os caras do Sofá, mas chegavam

perto.

“Você está linda”, Dan disse para Becky.

Ela sorriu e fez um sinal em direção a Keesha e a mim.

“Vocês também estão muito bonitas”, ele completou.

“Certo”, disse Howie, me puxando para o lado, “deixe-me mostrar o lugar para você.”

Eu deixei Dan, Keesha e Becky conversando e segui Howie por uma porta onde estava escrito Salão Principal. Nós entramos e, uma vez lá dentro, gelei. Eu já tinha ido até lá algumas vezes, mas só em eventos esportivos, e há anos atrás, na festa de uma amiga. Tudo que eu lembrava era um de grande salão com barras de exercício num dos lados.

Mas o lugar tinha sido totalmente transformado. Projetores de slide exibiam todo tipo de imagem maluca nas paredes — como um monociclo gigante, uma trupe de palhaços de circo e um camelo de desenho animado— para citar só algumas. A iluminação era genial — uma mistura de cores e texturas. Enormes fitas de tecido brilhante pendiam do teto.

“Você deve ter gasto uma fortuna”, sussurrei para Howie. “Está maravilhoso.”

Ele sorriu, orgulhoso.

“Meu pai me emprestou quinhentas libras”, admitiu. “E disse que eu posso pagar de volta quando ganhar dinheiro suficiente com as festas. Eu já recuperei o que investi nesta noite e ainda nem foram vendidos todos os ingressos, então acho que vou lucrar. Espero conseguir devolver todo o dinheiro na terceira ou quarta festa e ainda assim continuar a produzir eventos sem precisar de ajuda.”

As pick-ups estavam num palquinho num canto do salão. Nós fomos até lá e eu vi o cara responsável pelo equipamento agachado, conectando alguns cabos.

“O que você acha?”, perguntou Howie, um pouco nervoso.

Eu subi no palquinho e examinei o mixer e as pick-ups. Então

olhei os alto-falantes espalhados pelo salão. Sem dúvida, era um equipamento de primeira.

“Fantástico”, murmurei.

Ele se virou para o cara do som.

“Phil, esta é a Zoe.”

Phil levantou a cabeça um segundo e depois voltou aos seus cabos. “Se você veio me oferecer comida”, disse, “não precisa, eu já jantei.”

“Zoe é a DJ”, disse Howie, incisivo.

Phil se virou para mim surpreso. Ele ficou um pouco vermelho e deixou cair um cabo. “Eu não estava esperando... você sabe... uma garota. Achei que você era a responsável pela comida.”

“Bem-vindo ao século vinte e um”, disse Howie, desmanchando a tensão e batendo de leve nas costas de Phil.

Phil esboçou um sorriso. “Tudo bem, legal, sei lá.” Ele terminou de conectar um alto-falante e foi embora.

O comentário de Phil foi um pouco chato, mas eu não deixei isso me atingir. Estava muito ocupada babando diante do salão. Senti o nó no meu estômago apertar ainda mais. Depois de centenas de horas ensaiando no meu quarto, tinha chegado o momento pelo qual eu tanto esperava.

“Certo”, disse Howie descendo do palco. “Eu tenho de voltar lá para a entrada. Se você precisar de alguma coisa, chame o Dan. Ele vai até lá e me avisa.”

“Sem problemas”, disse. “Obrigada.”

Ele saiu apressado.

Eu estava sozinha.

Fiquei alguns minutos atrás das pick-ups, olhando ao meu redor, tentando imaginar como o salão estaria no meio da festa, cheio de gente. Foi um pouco demais pra mim...

O que eu estava pensando? Como podia tocar para tanta gente? Devia ter dito não quando Dan me convidou. Devia continuar

restrita às apresentações no meu quarto.

Controle-se, Zoe, disse a mim mesma. Use esse tempo da melhor forma possível. Explore o equipamento.

Cuidadosamente coloquei meus discos na mesinha ao lado das pick-ups. A mesa estava vazia, exceto por um microfone num pedestal. Eu empurrei o microfone para bem longe — certamente não iria falar nada durante o set. Tirei meus fones da mochila e os conectei à aparelhagem. Peguei o mais novo single de Reel Love e coloquei na primeira pick-up. De início, ouvi somente nos fones, só para ver se o equipamento estava ligado e funcionando bem. Com tudo checado, aumentei o volume no fader e a música começou a tocar nos alto-falantes.

Alguns segundos depois, Dan entrou no salão.

“Está fantástico!”, ele gritou.

Essas palavras de incentivo me deram um pouquinho de confiança.

Às cinco para as oito, as primeiras pessoas começaram a chegar. Howie apareceu e me deu um CD de dance. A festa tinha começado oficialmente, mas dava para ver que ainda ia levar um tempinho para esquentar.

“Põe para tocar, Zoe, e vá pegar algo para beber. Relaxe. Lembre-se, você não começa antes das nove.”

Eu coloquei o CD e fui procurar Keesha e Becky.

Elas estavam no bar, que ficava numa sala menor ao lado do salão principal. Conversavam com Dan e alguns amigos dele.

“A grande atração!”, Becky gritou. “Senhoras e senhores, a DJ da noite, a primeira e única Zoe Wynch!”

As pessoas ao lado aplaudiram. Eu fiquei roxa de vergonha e me juntei a elas.

“Você tinha que fazer isso?”, perguntei a Becky.

“Você sabe que sim”, ela sussurrou. “Eu e Keesha somos as melhores amigas da estrela do show. Queremos que todos saibam.”

Dois amigos de Dan me perguntaram como eu tinha começado a discotecar e quais festas eu já tinha feito. Respondi à primeira pergunta e arranjei um jeito de escapar da segunda.

Fiquei ali com eles por uns vinte minutos. Mas, quanto mais tentava relaxar, mais sentia meu estômago borbulhando de nervoso. Esqueça essa história de que se sente borboletas no estômago — no meu, tinha um vespeiro inteiro!

“Como você está se sentindo?”, Keesha perguntou, me afastando dos amigos de Dan, que me interrogavam sobre a aparelhagem de som.

“Estou bem”, respondi. “Aterrorizada, mas bem.”

“Aterrorizada por quê?”, ela perguntou. “O lugar está maravilhoso e você sabe o que fazer. Vai ser brilhante.”

“Você acha mesmo?”, perguntei, nervosa.

“Eu não acho. Eu tenho certeza. Você vai subir lá e enlouquecer todo mundo.”

Becky se juntou a nós e percebeu como eu estava ansiosa. “Não deixe o nervosismo impedir que você se divirta, Zoe. Apenas curta.”

Nesse instante, percebi que elas estavam certas. Eu não podia ficar tão nervosa a ponto de não curtir a festa. Afinal, as inumeráveis sessões de mixagem no meu quarto tinham um só objetivo — discotecar ao vivo para uma galera.

De repente ouvi um burburinho do outro lado do bar. Fiquei tensa ao ver que Gail e Josh tinham chegado. Gail estava gritando “oi!” para todas as pessoas que conhecia e para as que ela não conhecia também.

Keesha apertou meu braço, solidária.

“Não deixe que eles façam você perder a concentração”, mandou. “Eles não são nada. O lance hoje é você e sua música.”

“Ei, você pode ser minha guru”, eu disse, rindo. “Quanto você cobra por hora?”

Ela sorriu.

"Só estou fazendo meu trabalho, Zoe."

Gail e Josh saíram do bar. Eu continuei conversando com Keesha e Becky, e meu estômago continuava virado. Às dez para as nove, Dan apareceu na minha frente com uma sacola plástica.

"Um cara deixou isso para você com os seguranças."

Eu olhei para ele totalmente confusa. Dentro da sacola havia dois discos de vinil. Mais especificamente dois vinis importados dos Estados Unidos. Eu fiquei atônita por alguns segundos. Rix! Seria mesmo possível que o tormento da minha vida tinha ido até lá deixar isso para mim? Eu tinha as provas ali, em minhas mãos. Não tive muito tempo para refletir muito sobre essa notícia inacreditável porque, naquela hora, um monte de gente estava chegando.

Analisei a galera. Havia algumas pessoas que eu conhecia da escola e dezenas de rostos desconhecidos. Enquanto eu observava o lugar encher, alguém deu um tapinha no meu ombro. Era Howie. Por dentro, me sentia como se estivesse fazendo piruetas e dando mortais, enquanto ele tentava se fazer escutar em meio ao barulho.

"São quase nove horas, Zoe. É a sua vez."

# Capítulo 15
## Pirando

*Tânia: Você sempre parece superconfiante, Zoe, mas com* certeza não deve ser assim o tempo todo, não é?

Zoe: Claro que não, Tânia. Não há um artista na Terra que não sofra de algum tipo de medo do palco. Alguns shows são particularmente aterrorizantes, especialmente quando seus melhores amigos e o garoto por quem você é louca estão no meio da galera.

Tânia: Então como você se acalma?

Zoe: Colocar fatias de kiwi nos olhos e ouvir CDs com o barulho do mar pode ajudar muito.

Tânia: E essa história de leite de cabra? Parece coisa de Cleópatra.

Zoe: Eu sei, é um pouco chocante, mas funciona. Tomar banho em leite de cabra é uma experiência deliciosa e muito calmante. E, se você estiver com fome, pode jogar um pouco de cereal na banheira e fazer um lanchinho saudável.

Tânia: Fascinante.

Zoe: Claro, há uma outra opção, que é andar pelo camarim gritando "EU NUNCA ESTIVE TÃO ASSUSTADA!" Isso com certeza vai fazer alguém ir correndo até lá para te acalmar.

Tânia: Que conselho você dá para aspirantes a artista que sentem medo do palco?

Zoe: A primeira apresentação é sempre a mais assustadora. Eu recomendo fechar os olhos ao subir no palco. Assim, você não tem de

encarar o público.

Tânia: Mas e se você for, por exemplo, um atirador de facas de circo?

Zoe: Essa é difícil. Eu diria que ele com certeza deve ensaiar bastante.

“Quebra tudo.”

Olhei para o rosto animado de Howie e depois para a multidão que aguardava ansiosa. Havia mais de cem pessoas. E todas olhavam para mim. As últimas notas do CD de dance desapareceram no ar.

Era só eu no controle da música.

Dei um beliscão no meu braço esquerdo. Um pouco forte demais, porque doeu muito, mas isso me ajudou. Eu estava lá. Era verdade. Eu era a DJ.

“Você quer que eu te apresente?”, Howie sussurrou, apontando para o microfone.

Fiz que não com a cabeça e coloquei os fones.

“Vou deixar a música falar por si”, respondi.

Brega, eu sei. Mas mesmo assim apropriado.

Ele se afastou e me deixou ir em frente.

Eu levantei o braço da pick-up e o posicionei no início do single de Reel Love. Tinha de ser a primeira música — não havia o que pensar.

As primeiras dezesseis batidas soaram nas caixas de som, seguidas pela linha de baixo.

Keesha, Becky, Dan e mais alguns amigos dele estavam perto do palco e imediatamente começaram a dançar. Um minuto depois, mais alguns corpos chacoalhavam. Mas a grande maioria das pessoas continuava parada, como se estivesse me julgando.

Cinco minutos se passaram e minhas mãos começaram a

tremer quando se aproximaram do fader para a primeira mixagem. Havia mais de duzentas pessoas no salão, e maioria ainda não estava dançando. Eu fui tomada pelo pânico. Por que eles não dançam? E se eu errasse a mixagem? E se eu parecesse uma menina chata zoando com seu estéreo de brinquedo? E se a galera começasse a me xingar e a jogar coisas na minha cara?

Só havia uma maneira de descobrir.

Puxei o cross fader delicadamente e a segunda música começou a tocar, bem devagar.

A preparação tinha saído boa. As batidas estavam sincronizadas e a mixagem parecia promissora.

Vai, Zoe, disse a mim mesma, faça!

Puxei ainda mais o fader e aumentei o volume da segunda música, enquanto, simultaneamente, abaixava o da primeira. Eu estava tão concentrada que parecia que meus dedos estavam colados no fader. Olhei para o mixer e para a galera.

Continue, Zoe, você está quase lá.

Quinze segundos depois e eu tinha terminado.

O primeira música tinha virado pó.

A mixagem estava completa.

Tinha ficado Ok. Não perfeita, mas definitivamente boa o suficiente.

Mais pessoas chegavam à festa. Algumas outras começaram a dançar e isso me deu mais energia.

A segunda mixagem foi um pouco mais coesa e houve até um grupinho que aplaudiu, obviamente formado por Keesha, Becky e Dan. Eu queria ver mais gente dançando, mas a maior parte da galera ainda parecia indiferente à música que eu tocava.

O que aconteceria se um monte de gente fosse embora e só sobrassem alguns gatos pingados? Eu já podia me ver na primeira página do jornal local, embaixo de uma manchete gigante: DJ ADOLESCENTE NÃO CONSEGUE FAZER NINGUÉM DANÇAR!

Vamos lá, disse a mim mesma, deixe de ser tão pessimista. Você fez duas mixagens e até agora ninguém tentou queimar a aparelhagem de som.

A terceira mixagem foi um pouquinho mais aplaudida (nesse ponto, outras pessoas tinham se juntado aos meus três admiradores). Mas ainda tinha gente demais parada conversando. Eu fiz uma equação na minha cabeça: poucas pessoas dançando igual a DJ ruim.

Eu tinha acabado de colocar uma música quando um cara grandão de óculos e rabo de cavalo se aproximou para pedir uma música. Rapidamente expliquei que não atendia pedidos.

Ele me olhou, sem acreditar.

"Que tipo de DJ não atende pedido de música?", perguntou.

"O melhor tipo", disse de repente Howie, que apareceu milagrosamente ao meu lado. "Agora pare de encher a DJ e dê o fora."

Eu me senti mal por um segundo. Talvez outras pessoas quisessem um DJ que atendesse pedidos.

Mas Howie deve ter visto na minha cara o que eu estava pensando e pegou no meu braço.

"Você está se saindo muito bem", disse, sorrindo. "Vá em frente."

O cara do pedido se mandou e eu continuei a mexer nos meus discos. As pessoas não paravam de chegar. Já deveria haver mais de trezentas no salão. Por que tantas ainda não dançavam? Estavam com dores musculares por praticar esportes? Ou tinha algum tipo de cola no chão do salão?

Foi então que eu vi Gail e Josh dançando bem pertinho um do outro e fui invadida por uma enorme onda de ciúme.

Esqueça Josh e Gail, ordenei a mim mesma. Essa é a sua noite. Ignore os dois.

O que eu devo fazer para as pessoas dançarem? Olhei para o

meu set list e suspirei. Eu tinha escolhido as melhores músicas, na ordem perfeita, mas as coisas não estavam saindo como o planejado. Olhei para a galera de novo. E de repente saquei.

Esqueça o set list. Esqueça a ordem. Essa galera precisa de um chacoalhão musical. Comecei a procurar loucamente na minha bolsa de discos e escolhi um vinil de capa transada azul turquesa. Era uma música latina, com uma batida genial. Era muito mais mainstream do que a maioria das outras coisas que eu tinha levado, mas talvez funcionasse. Quem sabe uma música conhecida levantasse a galera.

Enquanto colocava o disco na pick-up, pensei que aquela era provavelmente minha última chance de redenção. Se a maioria não começasse a dançar logo, a festa se transformaria numa catástrofe e eu seria a maior piada do norte de Londres. Botei a música no ponto. Era um momento totalmente crucial para mim e para a festa. Por favor, dê certo, por favor, dê certo, por favor, dê certo.

A música começou a tocar. Por alguns segundos, nada mudou. Então, de repente, foi como se alguém tivesse dado corda na galera. O salão inteiro veio à vida e vinte segundo depois era difícil encontrar alguém parado. Olhei para aquela massa de gente com enorme surpresa e êxtase. Uns caras tinham levado apitos e agora acompanhavam a música com eles. Em menos de um minuto, a atmosfera tinha mudado de desagradável estranheza para uma animação completa.

Depois do disco latino, toquei outra música rápida, com uma linha de baixo pesada.

Com um minuto de música, a galera na pista começou a vibrar. Eu me permiti dar um sorrisinho. Talvez a noite não acabasse sendo tão desastrosa.

Enquanto sentia meu coração disparar, continuei mexendo na minha mala de discos como louca, escolhendo os vinis. Meu set list era passado. Eu ia tocar o que fosse preciso para manter a galera

dançando.

E as coisas melhoravam a cada música. O que tinha começado como alguns poucos gritos de encorajamento tinha se transformado em aprovação maciça em alto e bom som. A pista estava entupida e a galera, enlouquecida.

Enlouquecida com a minha música! Apesar da onda de adrenalina impressionante que eu sentia nas minhas veias, eu soube que estava lentamente começando a relaxar.

Quarenta e cinco minutos de discotecagem e eu me sentia ainda melhor. Cada nova música era ainda mais bem-recebida. Eu não podia acreditar.

Eles estavam curtindo.

Eu estava curtindo!

Comecei a dançar atrás das pick-ups entre as mixagens, balançando os braços no ar e cantando junto a cada música. Eu devia parecer uma louca, mas nem liguei.

Vi Keesha, Becky e Dan, que dançavam loucamente, e acenei para eles. Os três gritaram elogios e acenaram de volta.

Às dez da noite eu estava no auge. Cada mixagem parecia melhor que a outra e a pista estava bombando, com todo mundo se divertindo muito.

Howie apareceu no palco de novo. “Como você está?”, perguntou.

“Pense no paraíso”, gritei, pulando, “e multiplique por mil.”

E essa era uma ótima descrição para como eu me sentia: mais feliz do que qualquer palavra pode expressar.

“Termine o set em cinco minutos”, Howie me instruiu. “Primeira regra de qualquer festa. Sempre acabe no auge.”

“Eu estou bem”, insisti. “Deixe-me continuar.”

O pensamento de parar de tocar era insuportável, mas eu sabia que Howie tinha razão. Eu não queria ficar demais e estragar a boa impressão que tinha causado, apesar de isso ser pouco provável

dada a resposta fantástica da galera ao meu set.

“Vou tocar mais uma”, gritei para ele.

Ele me olhou e sorriu.

“Você é a DJ.”

Quando a última música acabou, Howie pegou o microfone e disse bem alto. “Vamos aplaudir a primeira e única — DJ Zed.”

Howie levantou os braços e bateu palmas vigorosamente.

Da pista, ouviu-se um barulho estrondoso e gritos de “Mais!”

“Eles te adoram!”, Howie berrou, me entregando um CD. “Você foi sensacional!”

Eu coloquei o CD, saí detrás das pick-ups e desci do palco. Segundos depois, Becky pulou em mim, me deu um abraço e gritou na minha orelha esquerda, sem a menor pena dos meus tímpanos.

“Você foi inacreditável. Todo mundo achou. Não só a gente. Todo mundo. Pessoas completamente desconhecidas comentaram como você é boa.”

Dan estava ao meu lado. “Você foi genial”, ele gritou. “A melhor DJ que eu já vi.”

Um monte de amigos dele também foram até lá para me dar parabéns. Foi a ego trip mais sensacional que eu já tive, pelo menos desde que ganhei um concurso de fantasias para crianças com menos de sete anos quando mamãe me vestiu de cogumelo. Parecia que, para onde quer que eu me virasse, tinha alguém me elogiando. Foi esquisito. Algumas horas antes eu era essa menina aterrorizada, com medo de estragar tudo. Agora, era saudada como a grande promessa da cena musical.

Depois de uns dez minutos disso, minhas costas estavam ardendo de tantos tapinhas, e eu decidi que, se alguém mais tocasse em mim, iria levar um bofetão.

“Cadê a Keesha?”, perguntei para Becky.

“Não tenho idéia”, ela respondeu, encolhendo os ombros. “Ela estava aqui agora mesmo.”

Procurei um pouco, mas não havia sinal dela.

Howie aumentou o volume do CD e um monte de gente voltou a dançar.

“Vou dar uma escapadinha”, disse à Becky.

Ela ia me dar um tapinha nas costas, quando percebeu minha cara de terror. Baixou a mão e disse “Te vejo depois.”

Atravessei a pista, e várias pessoas fizeram sinais ou gritaram elogios para mim. Deixei o salão e entrei no bar, que estava bem vazio, e peguei uma garrafa de água.

Meus ouvidos apitavam por causa da música (e dos gritos de Becky), mas eu não conseguia parar de sorrir. Depois de todo aquele nervosismo antes do set, eu tinha relaxado. Ninguém podia tirar isso de mim. Eu tinha acabado de fazer meu primeiro show.

Eu ainda estava morrendo de calor depois de discotecar e decidi tomar o ar fresco. Saí do salão pelo corredor onde ficavam os banheiros com aquela iluminação de néon barato. Passei pela entrada da cozinha. O corredor mal-iluminado dava na porta de saída.

Assim que cheguei do lado de fora, passei por um casal que se abraçava apaixonadamente. Eu não teria olhado duas vezes, mas vi os rostos iluminados por uma fresta de luz azul.

E imediatamente me arrependi de estar ali.

Era Zak. E Keesha.

# Capítulo 16
## Três graus de amor

***Pela saída lateral, fui andando em direção à frente do*** prédio, e passei perto de Zak e Keesha. Por sorte, os dois estavam muito envolvidos para me notar. Encostei na parede e senti o ar fresco da noite nas minhas bochechas. A temperatura contrastava com o calor intenso produzido pelo meu corpo. A luz alaranjada produzia um efeito de névoa do estacionamento do centro esportivo.

Um dos seguranças, um cara enorme, estava parado, impassível, diante de dois garotos que tentavam, sem sucesso, entrar na festa.

“Eu tenho dezesseis anos”, gritava um deles, que não tinha mais do que onze.

“Eu também”, dizia a garota, que parecia ter saído do maternal.

“Vão embora incomodar outra pessoa”, disse o segurança.

Os dois não pareciam muito a fim de fazer isso, e se esconderam nas sombras.

Enquanto assistia ao desenrolar dessa cena, pensei no que tinha acabado de ver. Meu irmão volúvel ficando com a minha melhor amiga.

Era quase impossível acreditar. Na verdade, eu tinha visto com meus próprios olhos e, se alguém tivesse me contado, eu teria dito que era mentira.

Tentei ser racional, mas só via uma coisa, não importa de que

ângulo olhasse: *irmão e melhor amiga. Ficando.*

Era totalmente esquisito. Keesha tinha ouvido tantas vezes as histórias de Zak e das suas mil namoradas. Por que ela não tinha ouvido meus conselhos?

Então saquei outra coisa. E se essa não fosse a primeira vez que eles ficavam? E se eles estivessem se encontrando sem eu saber? Eu não achava que pudesse ser sério — nada do que Zak estava envolvido era sério — , mas e se Keesha realmente gostasse dele? Ela tinha levado um fora de Tim e agora estava envolvida com um conquistador-em-série. Será que ela estava carente e Zak apareceu como uma espécie de príncipe encantado? Ele era um bom ouvinte, e talvez fosse isso o que Keesha procurava.

Eu fiquei lá, com os pés grudados no chão, chocada e confusa.

Depois de uns quinze minutos, um cara cheio de brincos saiu do salão e me viu encostada na parede.

"Set brilhante!", disse para mim, enquanto abria o cadeado da moto.

Parei de pensar em Zak e Keesha por um minuto e lembrei de como meu set tinha sido bom. Não. Tinha sido *brilhante* — muito melhor do que eu podia imaginar. Todos os medos de eu ser uma fraude e um desastre tinham desaparecido. As horas de ensaio no meu quarto tinham valido a pena. As pessoas adoravam minha música e fizeram questão de me dizer isso. Um monte delas me elogiou.

Discotecar era a maior adrenalina e com certeza não havia nada para me impedir, certo? O único caminho era o sucesso. Então, de repente, lembrei do que Jade havia dito sobre ser mulher numa indústria machista... todos os agentes, promotores, donos de clubes... os comentários e críticas feitas por pessoas como Phil, o cara do som.

Mas então lembrei dos meus discos norte-americanos. Eles ainda estavam na sacola plástica do lado do som. Eu tinha colocado

lá durante meu set e havia esquecido completamente deles. Rix, que era rude, arrogante, me tratava como bebê e nunca perdia uma chance de me humilhar, tinha levado os discos até a festa. Por quê.

Minha cabeça estava a milhão. Passava da visão de Keesha e Zak a todas as experiências das últimas semanas... Lembrei do show de Reel Love no Sofá. Ele foi incrível, mas eu tinha entrado em pânico com a história de Kathy e da bebida batizada. Quantos babacas estão por aí nos clubes esperando para fazer algo parecido? Esse era o mundo em que eu queria trabalhar?

E também havia mamãe. Ela tinha ficado interessada no resultado da pesquisa da srta. Devlin, mas será que algumas informações sobre cursos tiradas da Internet poderiam convencê-la de que eu podia continuar a ser DJ sem comprometer todos os outros aspectos do meu desenvolvimento? Ou ela continuaria pegando no meu pé insistentemente, e a única maneira de me livrar dela seria jogar meu som no lixo e imigrar para a Nova Zelândia?

Enquanto pensava em todas essas coisas, ainda sozinha do lado de fora do centro esportivo, sentia uma mistura de sentimentos e sensações, todos ao mesmo tempo: êxtase, raiva, descrença, traição, satisfação, alívio, tristeza, preocupação. Eu era um contêiner ambulante de emoções fortes e estava tão ocupada tentando lidar com elas que nem ouvi na primeira vez que alguém chamou o meu nome.

“Zoe.”

Finalmente, levantei os olhos.

Josh Stanton estava parado na minha frente. Meu Deus.

Gelei, incapaz de dizer uma palavra.

Depois de ficar três anos observando esse cara à distância, aqueles olhos azul-prateados estavam me encarando diretamente. O que ele estava fazendo aqui?

Ele deu uma olhadinha rápida para trás e disse: “Eu só queria dizer que seu set foi brilhante”.

Olhei em volta para checar se ele não estava falando com nenhuma outra Zoe. Mas decidi que, definitivamente, era comigo.

"O fato é que", ele continuou, "eu sou muito ligado em música, não tão a sério quanto você, mas eu gravo CDs para as festas de amigos e coisas desse tipo."

Ele estava um pouco tímido, talvez até nervoso. Eu fiquei só olhando para ele, de boca fechada — assim não falaria nada de que pudesse me arrepender depois.

Ele não tinha terminado. "Estou sempre procurando por coisas novas e algumas das músicas que você tocou hoje são geniais. Seria legal se você pudesse me mostrar depois."

O garoto por quem eu nutria uma intensa adoração, geralmente reservada para pop star e membros da realeza, estava me pedindo dicas. Depois de anos tentando me aproximar dele, com medo de que morássemos em planetas diferentes, de repente era *ele* quem estava na sombra enquanto eu ocupava todo o holofote.

O que diabos estava acontecendo? Primeiro, eu toco um set genial. Depois, pego meu irmão beijando minha melhor amiga. Então, Josh Stanton aparece do nada declarando ser meu fã número um. Será que essa noite podia ficar ainda mais estranha?

"O que você acha?", ele perguntou.

Você tem de dizer alguma coisa, pensei comigo mesma, do contrário, vai arruinar essa oportunidade única.

"Há quanto tempo você grava CDs?", perguntei.

Muito bem! Essa foi provavelmente a primeira coisa com algum sentido que você disse para ele.

"Uns dois anos", ele respondeu. "Mas eles não são muito bons."

Eu sorri para ele. "Tenho certeza de que não são tão ruins quanto você pensa."

Isso foi mais do que incrível. Zoe Wynch estava tendo uma conversa normal com Josh Stanton.

"Tenho de ir daqui a pouco", ele disse. "Mas eu adoraria

conversar com você sobre música um dia desses.”

“Vai ser um prazer”, eu disse, tentando manter a compostura e não parecer entusiasmada demais.

Josh Stanton quer CONVERSAR COMIGO!

“Ótimo”, ele disse, sorrindo. Então voltou para o salão.

Quando ele desapareceu, eu larguei meu corpo contra a parede e fechei os olhos. Um pensamento surgiu na minha cabeça. Talvez minha vida fosse um pouco como o conjunto favorito de papai. Talvez os grandes amores da minha vida viessem em grupos de três. Meu amor pela música era energético e inspirador. Meu amor por Keesha e Becky era sólido e solidário (fora as discussões estúpidas). E meu amor pelo aparentemente inatingível Josh Stanton era cheio de esperança e muito mais excitante depois de ter conversado com ele.

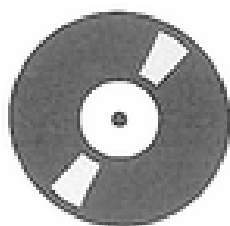
Fiquei parada ali, relembrando os acontecimentos das últimas horas, quando uma voz ao longe chamou por mim.

Era Tânia Trent.

Ela precisava me entrevistar imediatamente. O programa ia entrar no ar ao vivo e ela acenava histericamente para mim, enquanto os câmeras e o pessoal do som pediam urgência. O diretor de palco gesticulava furiosamente para que eu entrasse em cena.

Mas eu ignorei todos eles.

Naquele momento, tudo o que eu queria era viver no mundo real.

Essa era a minha noite e eu iria curti-la até o fim.

# Agradecimentos


Eu gostaria de agradecer às seguintes pessoas:

DJ Sarah Love, que foi incrível ao me ajudar e me informar sobre o mundo dos DJs e sobre discotecagem. Brenda Gardner & Yasemin Uçar pela visão do conjunto e por aceitarem o projeto. Emma O'Brien pelas idéias e ações publicitárias. Janice Swanson, agente suprema, e Jonny Geller, o homem que abriu portas. Alison Goodman, Anne Joseph e Fiona Starr pelas intermináveis revisões e recomendações. Tim Lawrence e Nick Lansman pela amizade e por me ouvirem. Big Dave C, pelo interesse e otimismo. Rachel Bowley por seu fascinante mergulho no mundo de Zoe e Julia Bowley pelas intermediações. James Libson, por todas as questões legais. A incrível rainha do livro, Dawn Gobourne, da Alexandra Park Library, e Eleni Markou e Renata Play da Muswell Hill Library pela imensa ajuda com a pesquisa. Adam Lawrence, pelas fotos. Ivor Baddiel, por sempre me fazer rir. E principalmente Fi, pelo apoio e encorajamento incondicionais durante a redação deste livro e muito, muito além.

**Jonny Zucker** vive com a mulher e dois filhos no norte de Londres. Ele sempre quis ser escritor e fez suas primeiras histórias ainda na escola. No entanto, ele sempre foi repreendido por: a) escrever histórias enquanto deveria estar ouvindo, e b) planejar a queda dos professores.

Depois da universidade, Jonny percebeu que teria de arranjar um emprego de verdade para financiar suas necessidades básicas — como comida — então ele se tornou professor. Ele passou a maior parte do tempo em que lecionava: a) escrevendo histórias quando deveria estar dando aulas, e b) de olho nos alunos que planejavam derrubar os professores. Para complementar o salário de professor, ele escrevia meio-período, compondo músicas para uma companhia de teatro infantil e fazendo apresentações como comediante à noite.

Finalmente ele conseguiu virar escritor em tempo integral e hoje já tem mais de 30 livros publicados, para crianças, adolescentes e adultos.

Zoe é uma garota normal, que estuda, tem amigas, um paquera e um projeto para o futuro: quer se tornar DJ. Todo mundo acha isso  meio estranho. A mãe duvida que essa história dará certo. As amigas acham que dá muito trabalho conhecer os artistas, e ficar informada sobre todas as novidades. Além de custar bem caro manter a aparelhagem completa: pick-ups, discos de vinil, mixers... Como se não bastasse, Zoe ainda tem de enfrentar o preconceito da galera que acha que ser DJ é coisa para garoto. Claro que não é! E Zoe vai provar!